



**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DISSERTAÇÃO**

**À espera da sala de espera:  
considerações sobre desenho, interdisciplinaridade e as  
fronteiras entre saúde e antropologia**

Matheus Piter Motta Pereira

**2025**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS PROGRAMA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**À espera da sala de espera: considerações sobre desenho,  
interdisciplinaridade e as fronteiras entre saúde e antropologia**

Matheus Piter Motta Pereira

Sob a Orientação da Profa. Dra.

Patricia Reinheimer

Dissertação apresentada ao Curso do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Seropédica

2025

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a):

P436a

PEREIRA, MATHEUS PITER MOTTA, 1996-  
À ESPERA DA SALA DE ESPERA: CONSIDERAÇÕES SOBRE  
DESENHO, INTERDISCIPLINARIDADE E AS FRONTEIRAS ENTRE  
SAÚDE E ANTROPOLOGIA / MATHEUS PITER MOTTA PEREIRA. -  
Seropédica, 2025.  
183 f.: il.

Orientadora: Patricia Reinheimer.  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, PPGCS - Mestrado em Ciências  
Sociais, 2025.

1. Desenho Etnográfico. 2. Antropologia da Saúde.  
3. Antropologia Visual. 4. Antropologia Urbana. 5.  
Comitê de ética em pesquisa. I. Reinheimer, Patricia  
, 1967-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro. PPGCS - Mestrado em Ciências Sociais III.  
Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Matheus Piter Motta Pereira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 28 DE FEVEREIRO de 2025.

Dra. Patrícia Reinheimer. (UFRRJ) (Orientadora)

Documento assinado digitalmente  
 PATRICIA REINHEIMER  
Data: 28/02/2025 14:51:33-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Alessandra de Andrade Rinaldi (UFRRJ)

Documento assinado digitalmente  
 ALESSANDRA DE ANDRADE RINALDI  
Data: 05/03/2025 10:53:29-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Karina Kuschnir (UFRJ)

Documento assinado digitalmente  
 KARINA KUSCHNIR  
Data: 02/03/2025 15:57:15-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Aline Gama (UERJ)

Documento assinado digitalmente  
 ALINE GAMA DE ALMEIDA  
Data: 05/03/2025 17:07:44-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

## Dedicatória

À minha amada avó Enir Motta de Oliveira, a pessoa que mais admiro nessa vida. Sua lucidez e pensamento a frente de seu tempo são algo fora de comum, e fico extremamente grato que você possa presenciar mais essa etapa da minha vida chegando aos 87 anos. Sem seu envolvimento ainda nos meus anos escolares iniciais, não seria possível nem o começo.



## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Dou inicio a esse privilégio de poder “endereçar” a atenção, o afeto e apoio que recebi até aqui. Uma seção e escrita que muito me agradam! Acrescentarei alguns retroativos por ter me graduado sem TCC. A quem não puder nominalmente citar, saiba que sou grato por fazer parte dessa caminhada!

Gostaria de agradecer primeiramente a minha orientadora Patricia Reinheimer. Por tantas coisas. Mas sobretudo por chegar junto e compartilhar sua criatividade, entusiasmo, e brilhantismo em tudo que se propõe. Sua honestidade e confiança no meu trabalho, permitindo que eu participasse da construção de aulas, colaborasse em saídas de campo e estando disponível para conversas francas em variados espaços, foi a tônica para saber que, mesmo com os percalços dessa pesquisa, eu estava tendo uma orientação no sentido pleno da palavra.

Analogamente elementar na minha trajetória acadêmica, um viva! à professora Karina Kuschnir. Não apenas por me impactar com uma generosidade imensa através de suas aulas, escrita e forma de se expressar, mas seu pioneirismo nacional no campo do desenho etnográfico, em consonância com suas oficinas inesquecíveis, pavimentarem ainda na graduação meu caminho profissional até aqui. A contribuição na banca de qualificação e apontamentos deram um norte mais que especial para o rumo dessa dissertação.

À professora Alessandra Rinaldi, por ter junto a Karina, contribuído para uma banca de qualificação poderosa e significativa. Sua perspectiva crítica e apontamentos também estão incorporados. Suas aulas junto a professora Vanessa Ponte constituíram na disciplina mais prazerosa do primeiro ano do mestrado.

Para a banca de defesa, composta por Alessandra, Karina e Aline Gama de Almeida. Deposito meu mais sincero agradecimento pelo aceite e interesse em conhecer e contribuir com meu trabalho.

Aproveito para saudar os professores, professoras e colegas dos quais tive contato no PPGCS/UFRJ, que me mostraram um modo especial e respeitoso de se fazer uma pós-graduação stricto-sensu. Essa é uma prerrogativa que não se encontra em qualquer lugar. Agradeço também aos alunos da disciplina que forneceram suas ilustrações em mapas para um capítulo da dissertação.

Um agradecimento muito especial à Liane Maria Braga Silveira, que foi uma coordenadora incansável de um projeto tão importante que me abriu portas para o mundo da etnografia profissional e da saúde pública, e que, sem dúvidas, me preparou para ingressar no mestrado. Sua forma gentil e ponderada de guiar meu trabalho e de toda equipe estará eternizada no livro que escrevemos juntos, mas está para além de qualquer papel escrito. Todas as trocas riquíssimas e atenciosas estão guardadas comigo.

Gratidão a meu grande amigo Dan Nogueira - sociólogo incansável, perspicaz; meu parceiro de casa, de vida, de trabalho e incontáveis outras coisas. Sua inteligência e afeto me fascinam permanentemente, desde os nossos primeiros encontros na graduação do IFCS. Nossas conversas recheadas de elementos transpassam a linha do tempo — conectando sempre o passado, o presente e o futuro. Essa última etapa do mestrado não seria a mesma sem os conselhos, celebrações e a força da sua amizade.

Também agradeço a Marx Freitas, que me acompanha desde o ensino médio e decidiu embarcar nessa formação insana que são as Ciências Sociais. Obrigado por todo companheirismo e trocas em variados momentos. Todas as nossas aventuras são parte de algo muito maior e mais belo. Nossa conexão é algo que prezo imensamente e espero sempre poder andar ao seu lado e acompanhar sua jornada.

À querida Helen Lima, que me acolheu em diversos momentos em seu lar afetivo e físico durante a graduação e começo do mestrado. Sempre aberta para um crescimento mútuo e para compartilhar o amor pela educação, antropologia e saúde. Todos os momentos que passamos juntos são boa parte da formação de meu caráter pessoal e profissional.

Acrescento aqui todo meu carinho à turma que ingressou em 2016 na Licenciatura em Ciências Sociais e ao movimento ocupa IFCS, pois vocês foram lutar e fonte de muita luz em períodos sombrios de desmonte da educação pública e do ensino básico de Sociologia. Gostaria de estender minha admiração e agradecimento a algumas pessoas queridíssimas cujos destinos também passaram pelo Largo de São Francisco, já potências incríveis em suas áreas: Aoi Berriel, Nicholas Santos Corrêa, Iná Cholodoski, Bárbara Sarinho, além de tantas outras que não caberiam em apenas um parágrafo.

Antes de sequer ingressar na graduação, eu só pude conhecer o verdadeiro valor da amizade e parceria graças à Bianca Manso, minha irmã de alma que está comigo desde 2008. Nossa relação é uma das maiores preciosidades e seu apoio constante é algo que me emociona. Eu não teria crescido da mesma forma sem seu exemplo de mulher exemplar e profissional. Você é minha grande inspiração!

Por falar em pessoas que me acompanham há tempos, só tenho a agradecer Larissa Quirino, seu enorme coração e seus 5 gatos lindos, que me forneceram estadia e companhia em momentos de trânsito intenso, sua amizade e força também foram fundamentais para esses anos de mestrado. Agradeço igualmente por caminhar junto à Nathália Bromberg e seu impulso de vida que tenho o prazer de compartilhar; à Ruth Vieira e sua calma e carinho que transpassa para quem está perto; à Maria Clara Rodrigues por sua alegria e sensatez que recheiam nossos encontros desde a infância e também à Manu Oliveira pelos cigarrinhos e cafezinhos; à Gabrielle Braz, Germana Oliveira, Pedro Rodrigues, Daian Josuá e Edmilson Gomes Júnior por mais de 10 anos de puros momentos inesquecíveis e de aproveitamento mútuo. Admiro e me orgulho imensamente de cada um de vocês.

Nesse período do mestrado, não haveria saúde mental possível sem o apoio maravilhoso de Mateus Cabot com sua voz tranquila e perspectiva fora desse mundo; sem festejar a vida junto ao embalo da música e da magnanimidade de Bruno Sancho; sem as trocas profundas e especiais com a Suete Souza da Silva; e também, nesse último momento, sem a arrebatadora presença de Guilherme Cappato, cuja companhia e o *coworking* nesse verão quente deu nova vida e um último gás à minha dissertação — além de muita cor e emoção ao meu ano que estava apenas começando. Agradeço também ao querido Tiago Freitas, biólogo e ilustrador maravilhoso, cujas conversas sobre vida e experiência em sala de aula são recheadas sempre de muita profundidade e uma acidez maravilhosa.

Agradeço a família que acredita em mim, agradeço à minha irmã Jenifer Motta por sua autenticidade e vontade de crescer e se transformar — sua força e garra me motivam muitíssimo. E, claro, à minha sobrinha, Antonella, pelo carinho e sabedoria cambiados em nossas sessões de desenho que refletem muito no meu trabalho.

Aos meus pais, os primeiros professores da minha vida, meu muito obrigado! Ambos pedagogos dedicados em suas respectivas áreas, além de praieiros convictos, foram graças ao aprendizado junto a vocês e a seus esforços inesgotáveis que foi viável chegar até aqui. Ao meu pai, Edmilson, sou grato por todas as viagens proporcionadas, em sua história de dedicação e entrega — sempre pronto para festejar a vida e a formar vínculos. À minha mãe, Dilza — o significado vivo de mulher intensa, de fibra e profissional incrível —, por ser a maior apoiadora dos meus sonhos e sempre estar aberta para diálogos valiosos e respeitosos. Qualquer agradecimento em palavras ainda não é suficiente.

## **Resumo**

Nesta dissertação, faço considerações sobre o uso do desenho como ferramenta etnográfica em contextos de saúde pública e pesquisa interdisciplinar. A partir de experiências anteriores e das proposições desenvolvidas no mestrado, a pesquisa explora as relações entre etnografia, atendimento clínico e práticas de desenhar. Em primeira mão, com o foco na saúde mental infantil e na interação com famílias em um projeto interdisciplinar, o desenho surge como recurso de expressão, acolhimento e escuta, estruturando registros visuais que ampliam a compreensão das dinâmicas do campo e suas demandas. Com a proposição de se estender para a sala de espera de um ambulatório, a observação etnográfica por meio de desenhos possibilita novas formas de sistematização visual de um cotidiano ordinário de horas aguardando atendimento, construindo uma rota de compreensão das interações e movimentações clínicas. Reflito, desta maneira, sobre seu papel na construção de vínculos e na sensorialidade da pesquisa, numa posição que valoriza a expressividade como central para envolvimento do campo. Não deixando de fora os desafios éticos e burocráticos que essa proposição implica, trago para o debate as dificuldades que permeiam o trabalho etnográfico autônomo de um pós-graduando em Ciências Sociais em uma instituição de saúde. Ao transpor essa abordagem com desenhos para o contexto da sala de aula, busco esmiuçar conexões e vínculo de pesquisa considerando as relações entre manifestações artísticas e ciências humanas, enfatizando suas disposições disciplinares, utilizando o desenho para mapear trajetos e experiências de deslocamento dos participantes e pensar esse exercício para outras frentes etnográficas possíveis. Desta maneira, o estudo evidencia como o desenho pode articular discussões entre pesquisa qualitativa, ética e interdisciplinaridade, oferecendo novos caminhos para compreender experiências sensíveis no campo etnográfico, dentro e fora do campo da saúde.

## **Abstract**

I consider in this dissertation the use of drawing as an ethnographic tool in public health and interdisciplinary research contexts. The research explores the relationship between ethnography, clinical care and drawing practices based on previous experiences and propositions developed before my master's degree. At first hand, drawing emerges as a resource for expression, welcoming and listening, structuring visual records that broaden understanding the dynamics of the field and its demands with focus on children's mental health and interaction with families in an interdisciplinary project. With the proposal to extend to the waiting room of an outpatient clinic, ethnographic observation through drawings enables new forms of visual systematization of an ordinary daily routine of hours waiting for care, building a route to understanding clinical interactions and movements. In this way, I reflect on their role in building bonds and the research's sensoriality in a position that values expressiveness as central to field involvement. Not forgetting the ethical and bureaucratic challenges that this proposition entails, I bring into the debate the difficulties that permeate the autonomous ethnographic work of a postgraduate student in Social Sciences in a health institution. By transposing this approach with drawings to the context of the classroom, I seek to scrutinize connections and research links considering the relationship between artistic manifestations and human sciences, emphasizing their disciplinary dispositions, using drawing to map participants' journeys and experiences of displacement and thinking about this exercise on other possible ethnographic fronts. In this way, the study shows how drawing can articulate discussions between qualitative research, ethics and interdisciplinarity, offering new ways of understanding sensitive experiences in the ethnographic field, both inside and outside the health field.

## Sumário

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 1. Pontos e linhas de partida, uma pretensão de pesquisa e os movimentos desenhados de um percurso de mestrado</b>	<b>7</b>
1.1. Projeto interdisciplinar em saúde com famílias	11
1.2. Plenárias e grupos de trabalho sobre saúde	25
1.3. Atividades e observações nas ruas – representação e complexidades do espaço urbano	27
1.4. Experiências ruralinas: contato com graduandos na UFRRJ	34
1.5. Movimentações artísticas em eventos	38
1.6. Aulas do PPGCS	42
1.7. Outros marcos importantes	47
<b>Capítulo 2. Etnografia no campo da saúde pública: perspectivas sob a ótica interdisciplinar</b>	<b>50</b>
2.1. Fronteiras entre o trabalho etnográfico e o atendimento clínico em projeto interdisciplinar — brincadeiras e saúde mental de crianças e de suas famílias	50
2.1.2. Construção do campo do projeto interdisciplinar com famílias — atmosfera pandêmica, formação da equipe, participação em brincadeiras e jogos	52
2.1.3. Interdisciplinaridade mobilizando fontes de acolhimento e escuta dos interlocutores em pesquisa	56
2.1.4. O campo etnográfico do projeto enquanto uma moldura — o papel do <i>desenho</i> na pesquisa interdisciplinar em saúde.	57
2.1.5. Outras capilaridades do projeto interdisciplinar com famílias no campo da saúde	67
2.2. Registros empíricos na construção de outro campo, dessa vez na sala de espera do ambulatório de saúde.	69
<b>Capítulo 3. Meu lugar enquanto pesquisador que desenha dentro do campo da antropologia na saúde: desafios e questões éticas</b>	<b>81</b>
3.1. Formação enquanto pesquisador que desenha em campo	81
3.2. Referenciando a construção de uma pesquisa com desenhos na esfera institucional da saúde	82
3.3. A atuação da antropologia nos assuntos da saúde: balanço dos interesses de pesquisa das últimas décadas	84
3.4. O desenho como articulador na pesquisa etnográfica, e seus meandros articulação na sala de espera	86
3.5. Trabalhar com imagens: sensorialidade cambiada do pesquisador e dos interlocutores	90

<b>3.6. Centrando os objetivos da pesquisa, me distanciando da relação interdisciplinar e dúvidas sobre o verdadeiro “início” do campo</b>	<b>93</b>
<b>3.7. A apreciação ética da pesquisa e os entraves para efetivar meu campo: histórico de confusões, trâmites e negociações</b>	<b>96</b>
<b>Capítulo 4. O desenho como formulador de vínculos em sala de aula</b>	<b>109</b>
<b>4.1. Ofertar a disciplina e desenvolver uma interlocução com turma multidisciplinar – entre arte e ciência</b>	<b>109</b>
<b>4.2. Descrição etnográfica dos mapas desenhados</b>	<b>118</b>
	<b>119</b>
<b>4.3. Desenhos dos trajetos numa perspectiva mais focalizada</b>	<b>127</b>
<b>4.3.1. Movimentos entre baldeação e intermunicipalidade</b>	<b>127</b>
<b>4.3.2. A experiência de chegar de carro, descendo a serra</b>	<b>129</b>
<b>4.3.3. Campo Grande, um bairro importante para partidas e retornos</b>	<b>135</b>
<b>4.3.4. Seropédica, local do campus e extensão residencial para a maioria dos participantes</b>	<b>139</b>
<b>4.4. Considerações sobre o exercício de mapeamento e reflexões sobre os desenhos e interações</b>	<b>150</b>
<b>Considerações finais</b>	<b>155</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>163</b>

## **Lista de imagens**

DESENHO 1 CADERNO DE CAMPO - PROJETO INTERDISCIPLINAR COM FAMÍLIAS 26.05.....	11
DESENHO 2 CADERNO DE CAMPO - PROJETO INTERDISCIPLINAR COM FAMÍLIAS 26.05 (2).....	12
DESENHO 4 CADERNO DE CAMPO - PROJETO INTERDISCIPLINAR COM FAMÍLIAS 02.06.....	13
DESENHO 5 CADERNO DE CAMPO - PROJETO INTERDISCIPLINAR COM FAMÍLIAS 08.09.....	14
DESENHO 6 PROJETO INTERDISCIPLINAR COM FAMÍLIAS 22.09 .....	15
DESENHO 7 CADERNO DE CAMPO - PROJETO INTERDISCIPLINAR COM FAMÍLIAS 29.09.....	16
DESENHO 8 CADERNO DE CAMPO - PROJETO INTERDISCIPLINAR COM FAMÍLIAS 06.10.....	17
DESENHO 9 CADERNO DE CAMPO - PROJETO INTERDISCIPLINAR COM FAMÍLIAS 06.10 (2).....	18
DESENHO 10 CADERNO DE CAMPO - PROJETO INTERDISCIPLINAR COM FAMÍLIAS 13.10B.....	19
DESENHO 11 CADERNO DE CAMPO - PROJETO INTERDISCIPLINAR COM FAMÍLIAS 27.10.....	20
DESENHO 12 CADERNO DE CAMPO - PROJETO INTERDISCIPLINAR COM FAMÍLIAS 03.11.....	21
DESENHO 13 CADERNO DE CAMPO - PROJETO INTERDISCIPLINAR COM FAMÍLIAS 19.01.....	22

DESENHO 14 CADERNO DE CAMPO - PROJETO INTERDISCIPLINAR COM FAMÍLIAS 02.02.....	23
DESENHO 15 CADERNO DE CAMPO - PROJETO INTERDISCIPLINAR COM FAMÍLIAS 02.03.....	24
DESENHO 16 REGISTRO DE PLENÁRIA SOBRE REDES DE APOIO, CUIDADOS E ATENÇÃO PRIMÁRIA EM SAÚDE .....	<b>ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.</b>
DESENHO 17 REGISTRO DE UMA PARTICIPAÇÃO ENQUANTO OUVINTE EM GT DE SAÚDE E SOFRIMENTO, NA RAM DE 2023 .....	26
DESENHO 18 OFICINA-ATIVIDADE "DESENHAR-CONHECE A ZONA PORTUÁRIA" NA RAM 2023, COM VÁRIAS DIMENSÕES ILUSTRATIVAS DAS ANDANÇAS E OBSERVAÇÕES NA REGIÃO DA SACADURA CABRAL (SAÚDE) – RIO DE JANEIRO.....	27
DESENHO 19 A PARTIR DA OFICINA-ATIVIDADE RELATADO NO DESENHO 17, FIZ REGISTROS LOCALIZADOS DE UM DOS MONUMENTOS: ESTÁTUA MERCEDES BAPTISTA. É POSSÍVEL VER PARTICIPANTES TAMBÉM COLETANDO A TEXTURA DA PLACA QUE IDENTIFICA A ESTÁTUA. .....	28
DESENHO 20 PARTICIPANTES DA OFICINA-ATIVIDADE RELATADA NOS DESENHOS 17 E 18 OBSERVANDO-DESENHANDO A ESTÁTUA DE MERCEDES BAPTISTA .....	29
DESENHO 21 ALÉM DA ESTÁTUA, OUTRO ELEMENTO INCORPORADO NO DESENHO 17 FOI A IMENSIDÃO E REFLEXÃO DO CAIS DO VALONGO, OUTRO PATRIMÔNIO CARIOCA. ....	30
DESENHO 22 A PRESENÇA DE REGISTROS DE CARTAZES DE MERCADO TAMBÉM EMBALOU ESSE DESENHO, GANHANDO DESTAQUE O COLORIDO COM O CONTEXTO E O MERCADO QUE TEM (OU TINHA) NA REGIÃO DA SAÚDE.....	31
DESENHO 23 RETORNANDO A SEROPÉDICA, COM O CELULAR DESCARREGADO, DEPOIS DE UM TEMPO NO RIO DE JANEIRO. REGISTRO DENTRO DO VAGÃO DO METRÔ. ....	32
DESENHO 24 EVENTO ESTUDANTIL NOS FUNDOS DO IFCS/UFRJ, LUGAR ONDE ME GRADUEI E QUE VISITO EVENTUALMENTE. ....	33
DESENHO 25 REGISTRO DA CALOURADA ACONTECENDO NA RURAL.....	34
DESENHO 26 RABISCANDO ALUNOS FAZENDO UM TRABALHO EM GRUPO, TOTALMENTE ATÔNITOS, NA AULA DE ANTROPOLOGIA SOCIAL .....	35
DESENHO 27 OUTRO TRABALHO EM GRUPO NA DISCIPLINA DE ANTROPOLOGIA SOCIAL, COM UM POUCO MENOS DE APREENSÃO. ....	36
DESENHO 28 ESTUDANTES AGUARDANDO A AULA COMEÇAR E INTERAGINDO ENTRE SI NA ÁREA EXTERNA DO PAVILHÃO DE AULAS TEÓRICAS - UFRJ, EM SEROPÉDICA. ....	37
DESENHO 29 APRESENTAÇÃO CULTURAL DA IRMANDADE OS CAROLINOS, NA RBA DE 2024 .....	38
DESENHO 30 VOZ E VIOLÃO DA "PRETAGOGA" E CANTORA LUIZA DA IOLA .....	39
DESENHO 31 FEIRA DE IMPRESSOS NO PARQUE LAGE, PARTE DA ATIVIDADE "ETNOGRAFANDO UMA TRIBO DE ARTISTAS". .....	40
DESENHO 32 REGISTRO DE ESTUDANTES DO PARQUE LAGE MONTANDO UMA EXPOSIÇÃO, PARTE DA ATIVIDADE "ETNOGRAFANDO UMA TRIBO DE ARTISTAS". .....	41

DESENHO 33 ANOTAÇÕES DESENHADAS DA DISCIPLINA DE METODOLOGIA DE PESQUISA .....	42
DESENHO 34 ANOTAÇÕES DESENHADAS DA DISCIPLINA DE TEORIAS CLÁSSICAS EM CIÊNCIAS SOCIAIS (MÓDULO CIÊNCIA POLÍTICA).....	43
DESENHO 35 ANOTAÇÕES DESENHADAS DA DISCIPLINA TEORIAS CLÁSSICAS EM CIÊNCIAS SOCIAIS (MÓDULO DE SOCIOLOGIA) .....	44
DESENHO 36 ANOTAÇÕES DESENHADAS DA DISCIPLINA METODOLOGIA DE PESQUISA – PARTE 2. ....	45
DESENHO 37 ANOTAÇÕES DESENHADAS DA DISCIPLINA TEORIAS CLÁSSICAS EM CIÊNCIAS SOCIAIS (MÓDULO DE SOCIOLOGIA) - PARTE 2. ....	46
DESENHO 38 REGISTRO DE SEMINÁRIO DE 30 ANOS DO INARRA UERJ .....	47
DESENHO 39 REGISTRO DO EVENTO DE LANÇAMENTO DO LIVRO "DESAPARECIMENTO FORÇADO: VIDAS INTERROMPIDAS NA BAIXADA FLUMINENSE", ORGANIZADO PELOS COLEGAS ADRIANO MOREIRA DE ARAÚJO, JAQUELINE DE SOUSA GOMES, JOSÉ CLAUDIO SOUZA ALVES E NALAYNE MENDONÇA PINTO. ....	48
DESENHO 40 REGISTRO DA MINHA QUALIFICAÇÃO NO MESTRADO.....	49
DESENHO 41 ILUSTRAÇÕES RETIRADAS DO DIÁRIO DE CAMPO, COLORIDAS E FINALIZADAS PARA CONFECÇÃO DE PRODUTOS DO PROJETO INTERDISCIPLINAR DE SAÚDE. EU TIRO CÓPIA DO DIÁRIO E FAÇO A PARTE DE PINTURA COM LÁPIS DE COR NA XEROX.....	60
DESENHOS 42 E 42 TAMBÉM SÃO ILUSTRAÇÕES RETIRADAS DO DIÁRIO DE CAMPO, COLORIDAS E FINALIZADAS PARA CONFECÇÃO DE PRODUTOS DO PROJETO INTERDISCIPLINAR DE SAÚDE, REPETINDO O MESMO PROCESSO CITADO NO DESENHO 40.....	61
DESENHO 43 ILUSTRAÇÕES RETIRADAS DO DIÁRIO DE CAMPO, COLORIDAS E FINALIZADAS PARA CONFECÇÃO DE PRODUTOS DO PROJETO INTERDISCIPLINAR DE SAÚDE .....	61
DESENHO 44 ILUSTRAÇÃO RETIRADA DO DIÁRIO DE CAMPO, COLORIDA E FINALIZADA PARA CONFECÇÃO DE PRODUTOS DO PROJETO INTERDISCIPLINAR DE SAÚDE. ....	62
DESENHO 45 ESSE DESENHO FOI FEITO A PARTIR DE UMA FOTOGRAFIA DO CAMPO, COM UM INTERLOCUTOR QUE NÃO PODERIA SER IDENTIFICADO DESENHANDO.....	63
DESENHO 46 FEITO A PARTIR DE UMA FILMAGEM, INTERLOCUTOR SEGURANDO SEU DESENHO E EXPLICANDO O CONTEXTO: "EI! ESSE DAQUI É O MICHAEL JACKSON! ELE...É QUANDO. ELE SE TRANSFORMOU NUM ZUMBI. VOLTOU AO NORMAL, MAS QUANDO A NAMORADA DELE VAI PARA A CASA ABANDO .....	65
DESENHO 47 “EM UM DETERMINADO MOMENTO, QUÉZIA [UMA DAS CUIDADORAS] SINALIZOU QUE ME DESENHOU, COMENTANDO ‘VOCÊ DESENHA TODO MUNDO. MAS TEM ALGUÉM QUE TE DESENHA?’. FIQUEI EMOCIONADO NA HORA COM ESTE GESTO E AS PALAVRAS.” (DIÁRIO DE CAMPO, 06/10/2022) .....	66
DESENHO 48 ETNOGRAFIA DESENHADA DA SALA DE ESPERA DO AMBULATÓRIO, PERSPECTIVA DA RECEPÇÃO, TRIAGEM, CADEIRAS E PESSOAS .....	69
DESENHO 49 ETNOGRAFIA DESENHADA DO PÁTIO INTERNO PRÓXIMO A SALA DE ESPERA PRINCIPAL DO AMBULATÓRIO, COM BANCOS, PESSOAS E PLANTAS .....	75

DESENHO 50 RECORTE DO DESENHO 48, DANDO ENFOQUE AOS INTERLOCUTORES À MINHA FRENTE .....	78
DESENHO 51 RECORTE DO DESENHO 48, RETRATANDO INTERLOCUTORES AGUARDANDO NOS ARREDORES.....	79
DESENHO 52 PRIMEIRA INCURSÃO DESENHADA QUE SE PRETENDEU ETNOGRÁFICA. LOCAL: PRAÇA BARÃO DE DRUMMOND, VILA ISABEL .....	81
DESENHO 53 MAPA 1 DOS ESTUDANTES.....	119
DESENHO 54 MAPA 2 DOS ESTUDANTES.....	122
DESENHO 55 MAPA 3 DOS ESTUDANTES.....	125
DESENHO 56 RECORTE DO MAPA 1 - BALDEAÇÕES PASSANDO POR PAVUNA .....	127
DESENHO 57 O QUARTO MAPA QUE FOI FEITO INDIVIDUAL, DESENHADOR QUE DESCE A SERRA DE ENG PAULO FRONTIN .....	129
DESENHO 58 RECORTE DO MAPA 1, DIVISA ENTRE SERRA E CIDADE.....	131
DESENHO 59 RECORTE DO MAPA 1, DESCENDO A SERRA SOB A PERSPECTIVA DO ESTUDANTE QUE DIRIGE.....	133
DESENHO 60 RECORTE DO MAPA 2, QUE DIMENSIONA OS CAMINHOS DO BAIRRO CAMPO GRANDE. ....	135
DESENHO 61 RECORTE DO MAPA 3, DIMENSIONANDO OS CAMINHOS DO BAIRRO CAMPO GRANDE E DO KM32.....	137
DESENHO 62 RECORTE DO MAPA 3, DIMENSIONANDO PARTE DO CAMINHO DO ESTUDANTE EM SEROPÉDICA.....	139
DESENHO 63 RECORTE DO MAPA 2, DIMENSIONANDO PARTE DO CAMINHO DO ESTUDANTE EM SEROPÉDICA.....	142
DESENHO 64 RECORTE DO MAPA 2, COMPLEMENTANDO O DESENHO 62 EM SEROPÉDICA.....	144
DESENHO 65 RECORTE DO MAPA 3, DIMENSIONANDO PARTE DO CAMINHO DA ESTUDANTE EM SEROPÉDICA, VALORIZANDO OS ESTABELECIMENTOS DO LOCAL.....	147
DESENHO 66 RECORTE DO MAPA 3, DIMENSIONANDO O COQUEIROS BAR - IMPORTANTE PONTO BOÊMIO DE SEROPÉDICA.....	149
DESENHO 67 RECORTE DO MAPA 1: PAVILHÃO CENTRAL DA RURAL .....	152
DESENHO 68 CAPIVARA MASCOTE DA RURAL .....	152
DESENHO 69 RECORTE DO MAPA 3: ICHS .....	152
DESENHO 70 RECORTE DO MAPA 1 DIMENSIONANDO CAMINHO DA ESTUDANTE EM SEROPÉDICA .....	152

## **Introdução**

O mestrado é um dos primeiros estágios da vida acadêmica. A Antropologia, por sua vez, é uma caixa de pandora de eternos devires e de redescobertas, incentivadas inclusive pelas transformações da própria categoria, tais como as modificações das “sociedades”. Embora comprehenda, colaborado pela crítica de Gupta e Ferguson (1997), que o campo não se constitui mais, na lógica antropológica contemporânea, somente daquilo que é exógeno, que compõe o outro — ainda assim, quando ingressei na pós-graduação, considerava elementar a proposição de um campo “clássico”, fisicamente delimitado e de tempo longo. O campo em questão seria na sala de espera de um ambulatório de saúde, localizado na zona norte do Rio de Janeiro.

Esse campo não seria exógeno, pela eminente familiaridade de o ter frequentado em tempo anterior ao mestrado. Ainda assim, contudo, este estaria localizado e delimitado, compreendido em uma lógica sequencial de início, meio e fim. Algo que totalizaria minha experiência de pesquisa e “validaria” minha posição profissional, encapsulando nessa experiência uma etnografia concentrada temática e temporalmente. O cunho etnográfico se concentraria nas relações, subjetividades e materialidades das interações de usuários do sistema de saúde, moradores da região que sedia o ambulatório. Metodologicamente, os esforços de observação e registro se colocariam através da linguagem gráfica (desenhos) e através de articulações orais e escritas — impulsionando análises e alterações na rota de atenção.

Pouco eu sabia que, para efetivar meu trabalho no campo pretendido, eu adentraria outros múltiplos locais de reflexão e mediação para legitimá-lo. Deste modo, para etnografar a sala de espera, fiquei à mercê de uma espera longa, que não teve fim. A eminente frustração do processo corroborou, em consonância com as indicações de minha orientadora e a banca de qualificação, para que eu valorizasse o próprio processo de busca, sistematizando-a para a presente dissertação

Ao elencar pontos que entendo como pertinentes na construção da minha proposta, busco me orientar em discussões junto a temáticas que pensam o fazer antropológico em instituições, na contemporaneidade. Também, apoiado pela literatura sobre o tema, reflito sobre as configurações de pesquisa no campo da saúde sendo cientista social. Além de sempre estar mobilizando como

produzir conhecimento apoiado por uma etnografia desenhada, e todas as implicações críticas que esse modo de trabalhar implica.

Deste modo, busquei trabalhar algumas questões que permearam minhas dúvidas e interesses de pesquisa iniciais. Algumas destas puderam ser mobilizadas enquanto substancial analítico através das memórias, anteriores ao mestrado — rompendo com a lógica de que somente o campo localizado e temporal poderia responder questões. Outras dúvidas e interesses foram se alargando para outros espaços, para além da sala de espera. Nesse sentido, debrucei-me nesse percurso de análise, sem exatamente uma linearidade narrativa-temporal, através dos capítulos que seguem.

No capítulo 1, exponho através de meus desenhos em caderno de campo, elementos que permearam meu caminho de construção da dissertação, organizando-os alguns momentos decisivos para a composição atual. Antes de chegar nas imagens, reporto algumas notas etnográficas sobre minha entrada “no universo da saúde” e do atendimento clínico, e de como cheguei ao mestrado no PPGCS. Um caminho nada linear. Evoco também eventos e outras situações que considero decisivas para a minha análise nesse presente trabalho.

No capítulo 2, forneço um acesso às memórias de um projeto anterior ao mestrado que fundamentou meu interesse no campo da sala de espera de um ambulatório do SUS. O projeto mobilizava, em fontes de Saúde Pública e disseminação científica, uma etnografia sobre cuidados e saúde mental de crianças e famílias de uma região da Zona Norte carioca. Tornou-se interessante pensar a diferença entre trabalhar no mestrado, de forma solitária, e minha inserção anterior em uma equipe multidisciplinar, com psicólogos e antropólogos, que viabilizou uma espécie de “híbrido” entre atenção primária psicosocial e uma etnografia dos afetos, dos cuidados e do cotidiano de brincadeiras e interações das crianças e de suas famílias.

O desenho, em contato com esse projeto com famílias e crianças se mostrou instigante e apropriado para o desenvolvimento das atividades. A coordenadora do projeto, também antropóloga, considerava primordial a interlocução de uma pesquisa valorizando o que chamamos de Desenho Etnográfico em conjunto com atividades lúdicas, como jogos de tabuleiro e atividades com brinquedos específicos — parte do trabalho já desenvolvido por um psicólogo residente do ambulatório, que se juntou a nós.

Essa lógica fomentou uma frequência semanal em que recebíamos famílias para um desenvolvimento lúdico, mas que também tinha um cerne ritualístico de transformação e fomento de outras *performances*, por parte das crianças e dos adultos, com reflexões e proposição de mudanças. Essas atividades colocavam em recorte, uma distinção das práticas corriqueiras das famílias em espaços domésticos e escolares, e do cotidiano do restante do ambulatório em que aconteciam o trabalho clínico, se destacando dos serviços primordialmente biomédicos.

Fui estimulado a seguir, pela própria equipe, uma investigação propriamente com desenhos, com premissas metodológicas análogas, que percorressem os movimentos do ambulatório tais como as linhas de um desenho, direcionando a atenção para a sala de espera, entre os bancos, o pátio e o tempo de aguardo. Isso seria viável em uma possível pesquisa de mestrado. Ainda no capítulo 2, esboço de forma breve algumas impressões de visitas nesse espaço que, pela sua lógica multissituada, mesmo que em um único prédio, se caracterizou como “múltiplos locais de espera”. Nesses locais, fui registrando posições de usuários aguardando, as movimentações da triagem<sup>1</sup> e pequenas situações de atendimento clínico. Sonhando com o avançar burocrático para possibilitar e legitimar minha presença naquele espaço, a partir de uma posição enquanto pós-graduando e, desta maneira, poder abrir o leque de análise para além da chave institucional que estava submetido anteriormente.

Após buscas e conversas sobre linhas de pesquisa e orientação e descartando o ingresso nos programas da própria fundação por incompatibilidade com essa dimensão da experimentação etnográfica, acabei por ingressar em um programa de pós-graduação em Ciências Sociais na UFRRJ, no qual minha atual orientadora se mostrou aberta e cooperativa para tal empreitada.

Pensando nessa busca de um programa e uma linha de pesquisa que abarcasse essa empreitada, no capítulo 3, desenvolvo, entre idas e vindas temporais, uma reflexão sobre minha posição enquanto pesquisador e as confusões que rodearam meu “novo” projeto, para o mestrado. Uma longa jornada para compreender e efetivar meu acesso a esse campo na sala de espera, enunciado no título e em breves passagens nessa introdução.

---

<sup>1</sup> Triagem é o processo de atendimento inicial, onde se determina a prioridade de atendimento a cada pessoa com base na gravidade clínica dos casos.

Começo traçando a perspectiva subjetiva de minha trajetória enquanto etnógrafo que desenha, alicerçada no interesse de desenhar pessoas, ruas e por me interessar sobre a movimentação urbana. E observo como poderia ser percebido e possibilitado (ou não) uma etnografia desenhada em contextos amplos, incluindo a sala de espera de um ambulatório, já tendo uma bagagem anterior do projeto com famílias --- porém, naquele momento, sem a premissa institucional e interdisciplinar que instrumentalizava meu trabalho --- para a destinação e confecção de produtos na esfera da Saúde Pública e Saúde Coletiva.

Me interesso pensar, dessa maneira, sobre qual posição estaria localizado(a) e como poderia atuar um cientista social nos parâmetros de serviço em saúde nas demais ocupações daquele ambulatório e como os antropólogos(as) são recebidos(as), percebidos(as) — como poderiam interagir, com pacientes na sala de espera de um ambulatório para fins tanto de pesquisa etnográfica, quanto em um possível trabalho integrado de atendimento. Hoje avalio que as perguntas, embora possam ser pertinentes, eram dotadas de certa ingenuidade. Contudo, o véu da interdisciplinaridade e da participação em um projeto específico, multidisciplinar, com profissionais interessados nesse trabalho integrado, me fez ter olhos mais otimistas para uma pesquisa que percorresse tais nuances em outras esferas ambulatoriais, a partir do meu ingresso no mestrado. Não tardou para perceber que o *modus operandi* institucional muda substancialmente quando o pesquisador é de área de “fora da saúde”, não submetido em projeto interdisciplinar.

Desta maneira, sigo, neste mesmo capítulo, observando o histórico de trabalho da Antropologia brasileira no campo da saúde nos últimos 30 anos, compreendendo como, embora não refletisse na minha experiência profissional anterior, o trabalho antropológico sem a força e combinação legitimada com a seara clínica (em composição interdisciplinar), ou mesmo para centralizar questões etnológicas ou de “minorias” sociais, ainda compõe um lugar subalterno dentro das áreas de Ciências Humanas e da saúde, por uma série de razões. A Antropologia em si, nos seus próprios círculos disciplinares, também se desvincula de uma análise que naturaliza os parâmetros biomédicos, e passa a se interessar mais por questões subjetivadas no corpo e em suas perturbações. O que passei a considerar como pertinente para pensar meu campo na sala de espera.

Enquanto agravante desse processo de ser cientista social/antropólogo querendo mobilizar uma etnografia em um ambulatório de forma autônoma, algo acabou por tomar protagonismo de forma incessante, mesmo antes de qualquer ponto de partida etnográfico. Me refiro ao

questionamento frequente sobre “**Mas e aí, avançou na plataforma?**”. Apesar de não ser alguma surpresa que seria um ponto crucial para a viabilização da minha pesquisa, questionamentos sobre avaliação ética se mantiveram por mais tempo que o esperado e *ainda* se colocaram no presente na escrita dessa dissertação. Reflexo da minha longa jornada de submissão do projeto ao CEP<sup>2</sup>, através do site da Plataforma Brasil e de negociações com a instituição para as devidas autorizações concernentes.

Fui aprendendo junto com a construção da pesquisa no mestrado como mexer no site da Plataforma Brasil, o que desenvolver para que o projeto fosse lido com bons olhos por quem estava avaliando nos comitês de ética, e saber persistir para responder as pendências. Estas poderiam ser de cunhos que vão totalmente além de uma “ética” de pesquisa — reverberando, como abordei junto com alguns autores, em dimensões políticas, morais e metodológicas.

Assumir esse imbróglio sem esclarecimentos imediatos, tendo que resolver de forma autônoma às pendências documentais que teriam como modelo de estruturação pesquisas biomédicas que pouco ou nada tinham a ver com o cerne etnográfico, me trouxeram perspectivas conflitantes sobre o processo em que estava acometido. Acabava, por precisar responder essas demandas, construir o que caracterizo como uma “antecipação fantasiosa” do meu percurso de pesquisa, para preencher os dados da plataforma e dialogar com a instituição. Além, também do “caráter modificador” que o processo junto a submissão ao CEP e a mediação com a própria instituição “coparticipante”, na qual se desenrolaria meu campo, que afetou a construção da pesquisa — no que anda e no que paralisa, no que se transforma, construindo outra pesquisa, mesmo antes de entrar em campo.

Saindo da ótica dos problemas, para pensar possibilidades. No capítulo 4, relato como a sala de aula universitária, com alunos de graduação impactou minha posição de pesquisa. Não somente porque aprendi com os alunos a ser um pesquisador e professor mais atento e atencioso, mas porque nossa atividade em aula me fez dimensionar de maneira mais ampla questões *disciplinares* (separações que fazemos entre arte, ciência, entre outras fontes) ao ministrar, em uma mesma aula, um exercício de mapeamento afetivo com desenhos dos trajetos para a universidade tanto de estudantes oriundos das Ciências humanas como de Belas Artes. Demonstro que, na sala

---

<sup>2</sup> Comitê de ética em pesquisa.

de aula, as diferentes origens disciplinares fomentaram uma alteridade de interação por meio da construção de histórias através de mapas desenhados e escritos, possibilitando colocar estudantes não apenas de Ciências Sociais, mas também de outras disciplinas, incluindo Artes, como fundamentadores de uma legítima observação de seus arredores e com capacidade de sistematizar isso coletivamente — fomentando um exercício etnográfico cambiado.

Isso foi o que cristalizou as concepções relatadas no início das considerações finais sobre o que seria *um início concreto de pesquisa*. Afinal, eu considerava até pouco tempo antes de sistematizar minha dissertação que não havia entrado “de verdade” em campo, se não tinha oficializado meu trabalho na sala de espera — observando, desenhando, interagindo. Vou considerando os desafios e de como os meandros éticos, burocráticos e institucionais, fomentaram uma enganosa necessidade de, a todo tempo, emular como eu imaginaria que seria esse campo. Quebrando a cabeça para resolver a documentação. Desta maneira, acabei por me fechar, em grande medida, para outras possibilidades ou direcionamentos. Resolver essas pendências se tornou uma obsessão. Não obstante, me trancafiou em uma lógica que me fez não me atentar para outras nuances, para compor esse tal “campo” de pesquisa.

O restante da história, vou deixar para que os capítulos detalhem. Em suma, nessa dissertação, o tom da conversa vai ser pautado por uma reconstrução de memórias, registros de obstáculos e novas proposições - reivindicando uma análise que pode se orientar por um diálogo mais crucial, próprio do sufoco que passei ao longo desses dois anos de mestrado. Embora não fosse a intenção, algumas passagens vão estar alicerçadas em uma escrita introspectiva. No entanto, sempre se preocupando com o teor analítico. Afinal, ensejo que esse primeiro passo reflita, com tais esboços, uma exploração incorporada da minha posição de sujeito antropológo-em-formação, invocando um engajamento disciplinar que usa "idiomas visuais" colhidos na formação antropológica (Reinheimer, Kuschnir, 2024:37).

## **Capítulo 1. Pontos e linhas de partida, uma pretensão de pesquisa e os movimentos desenhados de um percurso de mestrado**

Era uma manhã de sol, com um calor “de rachar”, tal qual faz no momento presente da escrita desse parágrafo. Após anos com atividades vespertinas e noturnas, eu precisava me refazer para viver esse momento cotidianamente: chegar no trabalho às 8h da manhã. Afinal, era quinta-feira, dia de ir para o ambulatório. Ainda me custava acreditar que aquilo estava acontecendo. Há pouco tinha colado grau, e em uma sequência soridente, uma antropóloga que se doutorou no Museu Nacional, pesquisadora em saúde, buscava alguém que elaborasse etnografias com desenho. Sim, o ano era 2022 e, ainda com uma instabilidade sanitária que se faria presente por mais um tempo, estávamos - com nossas máscaras no rosto - nos aventurando para dar início a uma pesquisa qualitativa, presencial, em uma tenda externa de um ambulatório, junto a crianças e cuidadoras daquele território.

A pesquisa já projetada desde 2019 para trabalhar com as famílias da região, um território de favelas em um local da Zona Norte, teve que abarcar também o contexto pandêmico, algo que impactou os últimos dois anos e ainda se manteria enquanto variável presente ao longo daquele ano.

Lembro que aos poucos, com as primeiras doses de vacina já sendo distribuídas, as pessoas estavam ensaiando, desejando muito, a retomada de uma rotina dentro da "normalidade". No entanto, nos interiores e redores desse ambulatório, pouco o cenário se distanciou, pelo menos ainda em 2022, desse contexto de proteção e cautela em relação à infecção. Circular sem Máscara? Nem pensar! Chegou meio abatido? Não é café que resolve, e sim um teste de COVID que era fornecido para todos os colaboradores que viessem trabalhar meio "amuados". Esse ano, para além das ondas que aumentavam e diminuíam os contágios, tivemos também interrupções de funcionamento por motivações da violência urbana que se faziam presentes na região. Os tiros podiam ser ouvidos, e em algumas ocasiões - como relataram - poderiam se perder nos interiores da instituição. Todo cuidado era pouco!

Afinal, cuidado era uma máxima, tanto de observação quanto de análise de pesquisa, na construção do projeto em que eu estava iniciando minha participação naquele ano. Estábamos pensando nas crianças que viveram todo aquele contexto: a pandemia, os tiroteios. Como estas estavam se virando? Brincando? Sendo cuidadas? Elas precisavam realmente de ajuda na escola?

Haveria alguma questão relacionada à neuro divergência em que a intervenção junto a um atendimento psicoterapêutico se fazia necessária? As crianças realmente "eram", ou "tinham" algum "problema"? E os adultos? Como se comportavam?

Toda essa lógica dimensionou nossa atenção ao longo do ano. E eu, como estive? Bem, eu estive desenhando, toda semana. Desenhando, anotando, chegando em casa e passando para o computador o que senti e percebi dessa interlocução etnográfica, com todas essas questões pulsando. Sendo uma rotina que fundamentou de forma singular minha perspectiva acerca do que era trabalho de campo, construído rotineiramente. O que fundamentou também perspectivas acerca do "futuro".

Tal futuro, mal sabia eu, consistia em ingressar em um programa de pós-graduação de Ciências sociais na UFRRJ, tentando estender essa interação para outra esfera do ambulatório, a recepção interna do ambulatório. Afinal, me colocavam com relativa frequência: "Nossa, esses desenhos! Essa pesquisa! Isso tinha que ir para a sala de espera! Nossa... se você conseguisse fazer isso que você está fazendo aqui lá, ampliaria muito o escopo de perspectivas. Gostaríamos que esse projeto fosse lá..., mas também está sendo muito bom sendo aqui fora". E estava mesmo, devo concordar. A singularidade daquele período guardo com muito carinho, do jeito que ocorreu.

A equipe tinha psicólogos, comunicólogo e outros profissionais que vinham de tempos em tempos, de sua redoma biomédica, comentar ou entender o que estávamos fazendo. O que era essa tal de "etnografia". E porque nessa etnografia todo mundo desenhava, todo mundo jogava, todo mundo brincava - adultos e crianças. O que era aquilo, afinal? Será que, pelo menos um fragmento daquilo, poderia ser realizado na sala de espera do ambulatório? Nossa, isso seria ótimo!

E bem, lá fui eu, procurar programas de pós-graduação para construir um projeto e buscar uma orientação que pudesse colaborar para isso. pensei de imediato em um mestrado em Saúde Pública ou Saúde Coletiva. Afinal, essa era a linguagem que eu estava vivendo, e time que está ganhando não se mexe! Ó, imaturidade..., mas bem, após saber que os programas em saúde, mesmo que interdisciplinares, poderiam não entender bem a minha modalidade de pesquisa — etnografia com desenhos — e nem teriam orientadores para tal, eu decidi conversar com quem entendia do assunto, e permitiu uma deixa para trocas nesse cerne... Patricia!

Na pandemia, conheci a professora Patricia Reinheimer, minha atual orientadora, em uma oficina online de desenhos, extensão que era ofertada, por ela, direcionando exercícios e discussões a cientistas sociais e pesquisadores de diferentes disciplinas — com interesse em desenhar

enquanto prática rotineira, em seus enclausuramentos domésticos. Seu envolvimento com os temas dos encontros, sempre com um entusiasmo contagiante e constantemente com um comentário gentil e que contribuía para meu trabalho, me fez a considerar uma fonte confiável para pensar esse tal "futuro".

Eu não conhecia a Rural, para além do contato online com os participantes da oficina oferecida por Patricia, mas sabia que poderia ser um lugar interessante para prosseguir no mestrado. Já se aproximando do final do ano, e as possibilidades de edital para mestrado se afunilando, marquei uma chamada com ela e o banho de água fria veio! Eu estava relatando com relativo entusiasmo meu trabalho e a ansiedade que me tomava de entender para onde eu poderia ir com ele, qual programa seria interessante, e bem... ela foi categórica ao afirmar que dentro dos programas de saúde, minhas asas seriam cortadas. Mencionou bem lateralmente que eu seria bem-vindo na Rural. E bem, pensando melhor, com a coincidência do edital do PPGCS vindo ao encontro do *momentum*, decidi tentar.

Me dava muito receio, confesso, uma Pós-Graduação em Ciências Sociais. No campo interdisciplinar, como a Saúde Pública, eu acreditava que dava para passar “tranquilo”, não me furto em escrever; as leituras, pelo menos as que eu estava tendo acesso, pareciam bem mais tranquilas do que as pedradas sociológicas. E acho que teria um lugar específico por ser o antropólogo “diferentão”, quem não gosta de alguém “exótico” e meio “artista” das ideias ainda? Enfim, confabulações do momento. Mas nossa, Ciências Sociais... já tinha passado por isso na graduação, em uma instituição que me causou muito sofrimento. Encarar de novo Sociologia, Ciência Política, não poderia dar bom. Mas vai lá, decidi arriscar. Afinal, eu estava numa maré de sorte e disposição para o trabalho e os estudos.

Curiosamente, no entanto, nas semanas que me preparava para a prova teórica da Rural, fui infectado pela Covid. Ironias da vida, tive que estudar e ler os textos “positivado” pela Sars-cov-2. No final das contas, deu tudo certo. Desenvolvi meu projeto focando muito na sala de espera. Nossa, como eu colocava fé que essa etnografia acontecesse! Caprichei com tempo e esmero nos objetivos, interações bibliográficas, cronograma esperado. A entrevista foi boa e, bem, fui aprovado.

Já em 2023, me mudei para Seropédica, passei a ser efetivamente ruralino, a vivenciar a rotina do PPGCS e conheci melhor a Patricia através das aulas. Paralelamente a isso, ainda estava terminando alguns produtos da pesquisa no ambulatório. Desta forma, aguardava que fosse

fornecida uma esteira tranquila para a nova "empreitada", comigo agora sendo mestrando, querendo migrar para a sala de espera.

O que se sucederia a partir daí, seria uma experiência que fugiu um pouco do planejamento oficial. Um pouco, na verdade, eu quero dizer muito! No entanto, foi difícil eu me abalar com o meu propósito inicial. Até o momento de não ter mais como fugir, se não pensar as diversas questões que o estavam dificultando. Como algo que parecia tão simples, tão orgânico mediante ao que eu estava vivendo, virou uma dor de cabeça que se prolongou até pouco tempo?

Meu projeto de mestrado que estaria alicerçado em uma etnografia com início, meio e fim em um local específico - resultou em diferentes modalidades dialógicas para pensar as fronteiras entre saúde e antropologia, fora da ótica de trabalho em que eu estava anteriormente vivenciando, e considerar como a interdisciplinaridade estava como um agende duplo nessa construção. Afinal, seria uma aliada ou inimiga? Não sei se consigo responder isso aqui, nesse trabalho. No entanto, negar que esta foi uma questão pulsante é impossível.

Esses esboços introdutórios foram sempre iniciados com uma caneta esferográfica preta numa perspectiva de observação *in loco*. A sequência que segue mescla caderno de campo e outros desenhos informais em folhas A4 (gramaturas variadas), em várias situações em que estive presente, ora mais detalhados (com mais tempo), ora mais rabiscados (correndo). Em maioria, feitos apenas com caneta, bem esboçados mesmo. Porém, inclui alguns coloridos, pintados posteriormente, já no conforto do lar.

## 1.1. Projeto interdisciplinar em saúde com famílias

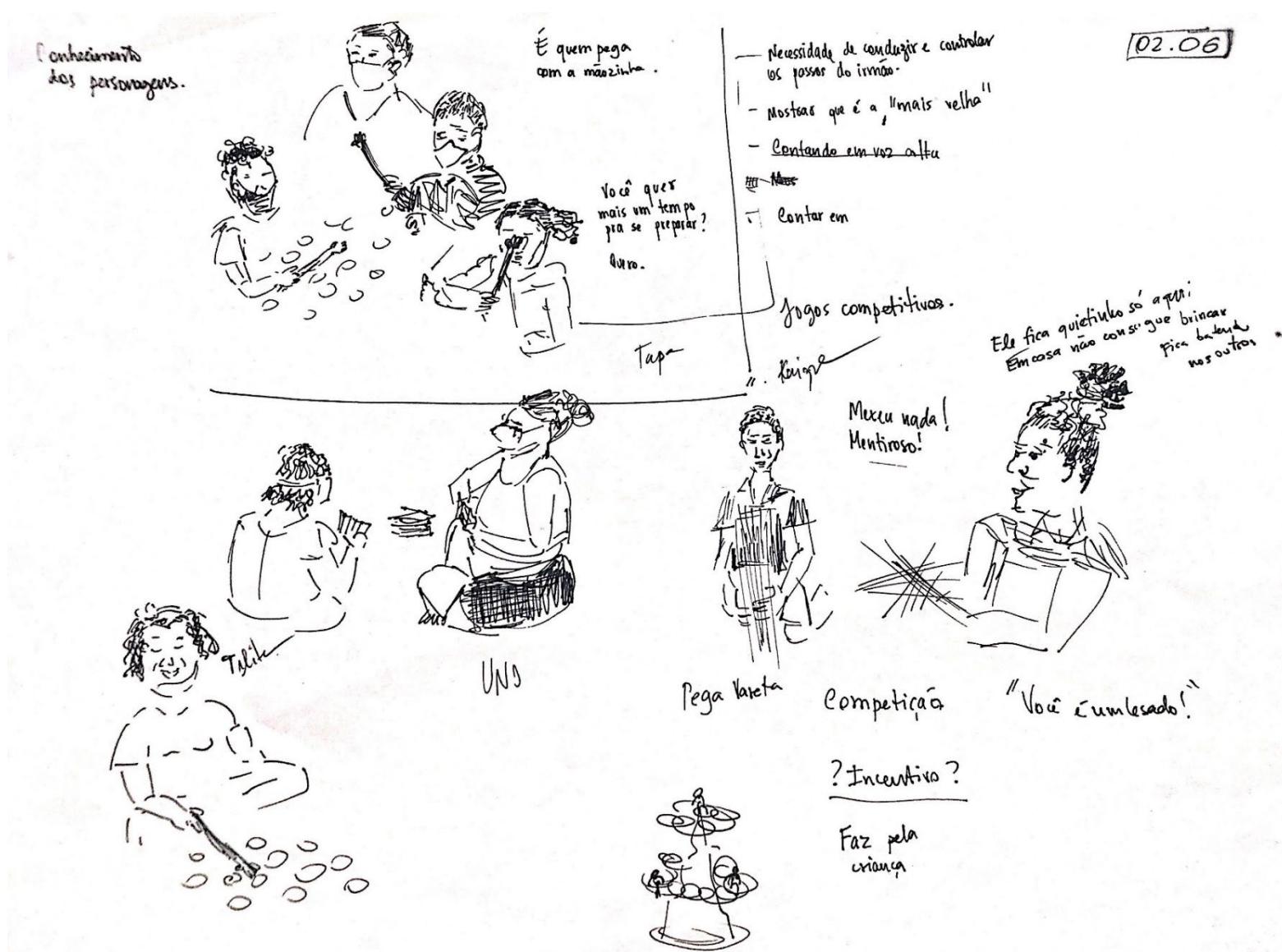
Nuances empíricas e teóricas construídas pelas memórias nesse projeto são abordadas com maior grau de extensão no Capítulo 1 – bem como sua dimensão interdisciplinar, relações com o desenho etnográfico e atmosfera pandêmica. Ainda neste, construo minha progressão de observação para a sala de espera do ambulatório, com desenhos de observação que serão incorporados e analisados no corpo do texto do capítulo, na seção 1.2.



Desenho 1: Caderno de campo - projeto interdisciplinar com famílias 26.05 (Desenho de observação in loco com anotações).



Desenho 2: Caderno de campo - projeto interdisciplinar com famílias 26.05 (2) (Desenho de observação in loco com anotações).



Desenho 3: Caderno de campo - projeto interdisciplinar com famílias 02.06 (Desenho de observação in loco com anotações).



Desenho 4: Caderno de campo - projeto interdisciplinar com famílias 08.09 (Desenho de observação in loco com anotações).

O salto de maio para setembro (Desenhos 3 e 4) evidencia para mim, olhando em retrospecto, o quanto no começo do campo eu estava “perdido” sem saber o que registrar e querendo pegar um pouco de tudo. Com o tempo e familiaridade, o desenho foi dividindo mais espaço com a escrita extensa. Nesse período, considero que o desenho estava mais preponderante quando eu não sabia como me conduzir, sendo um aliado de abertura. A escrita vai se apropriando aos poucos como garantia direcionada dos detalhes. E o cenário se torna mais panorâmico e cambiado

DESENHA O POVO! 22/09/2022



Volumbrar situações que são mais pertinentes ao colidiano criado em campo. As surpresas são marcantes, mas terminam por se isolar muitas vezes.



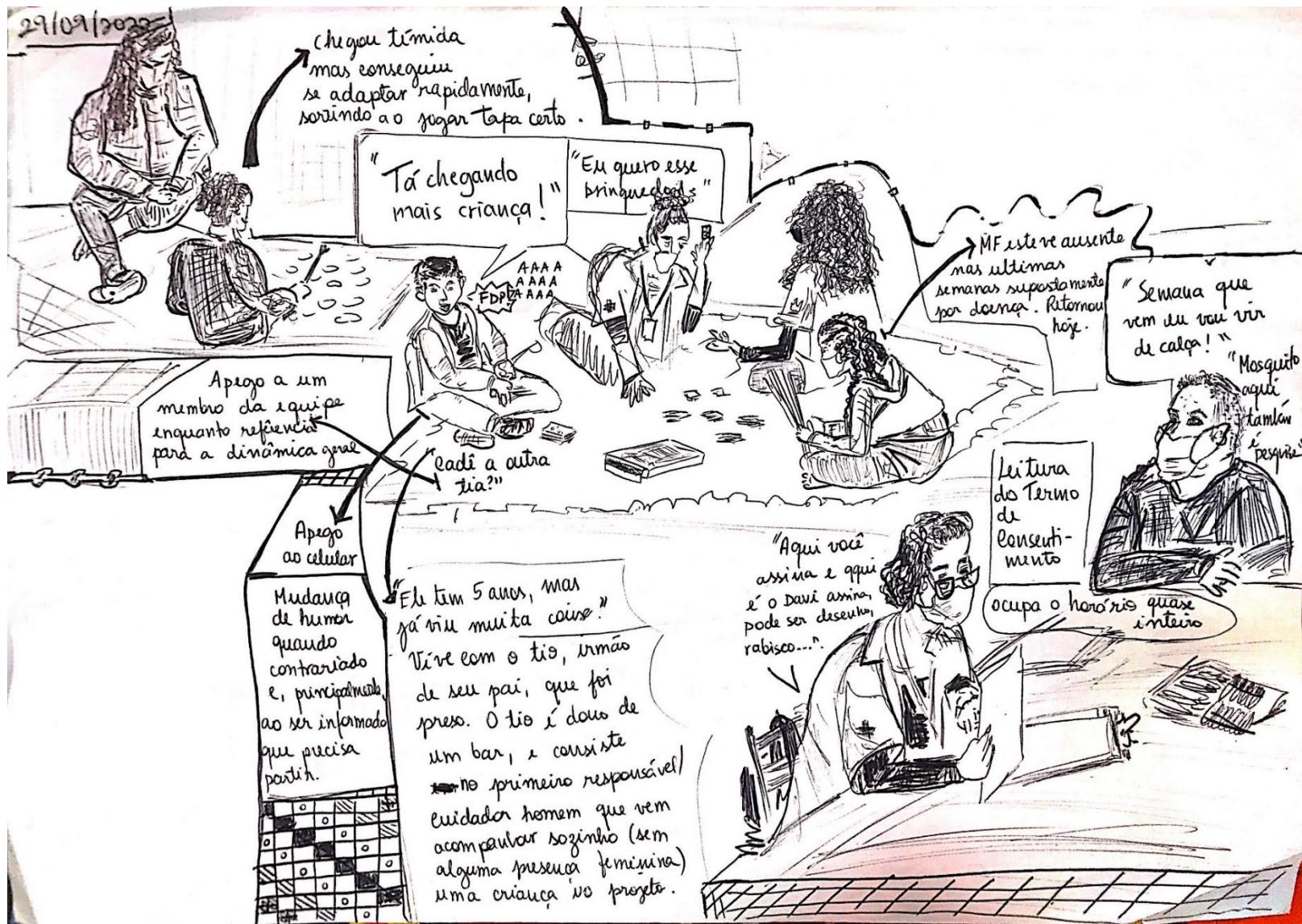
Momento de ~~vire~~  
Precisamos conversar sobre um ~~diagnóstico~~  
diagnóstico



22/09/2022

Nataly pediu para a Laura permanecer no lugar para que eu pudesse desenhlá-la mais facilmente, demonstrando alguma compreensão sobre meu trabalho e querendo "colaborar".

Desenho 5: Projeto interdisciplinar com famílias 22.09 (Desenho de observação in loco com anotações).



Desenho 6: Caderno de campo - projeto interdisciplinar com famílias 29.09 (Desenho de observação in loco com anotações).

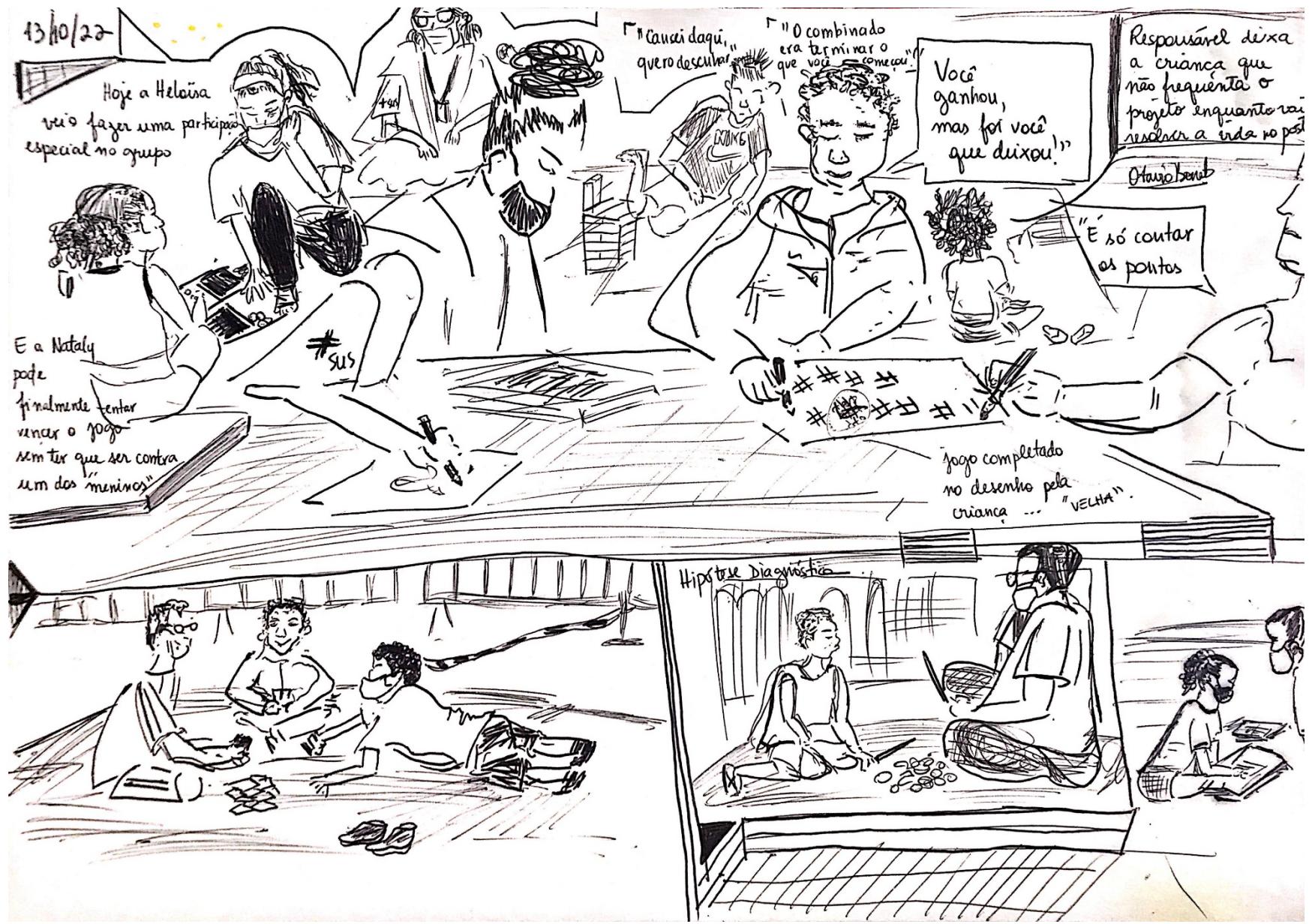


Detecção. Atenção: Espera.

Desenho 7: Caderno de campo - projeto interdisciplinar com famílias 06.10 (Desenho de observação in loco com anotações).



Desenho 8: Caderno de campo - projeto interdisciplinar com famílias 06.10 (2) (Desenho de observação in loco com anotações).



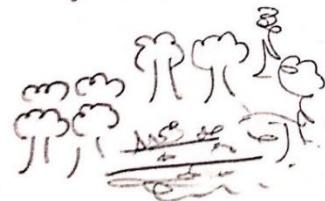
Desenho 9: Caderno de campo - projeto interdisciplinar com famílias 13.10b (Desenho de observação in loco com anotações).

I 27.10.22

Hoje é um dia em que estou me colocando em campo com sensação de mau-estar, dor de cabeça, creio que ando dormindo pouco. Os desenhos podem estar sendo a,

Mesmo estando mais fechado e introspectivo, as crianças, algumas, até as com histórico de não falarem muito, me cumprimentam ou me abordam com algum assunto. Talvez em uma tentativa de me incluir, ou diminuir a distância

Hoje



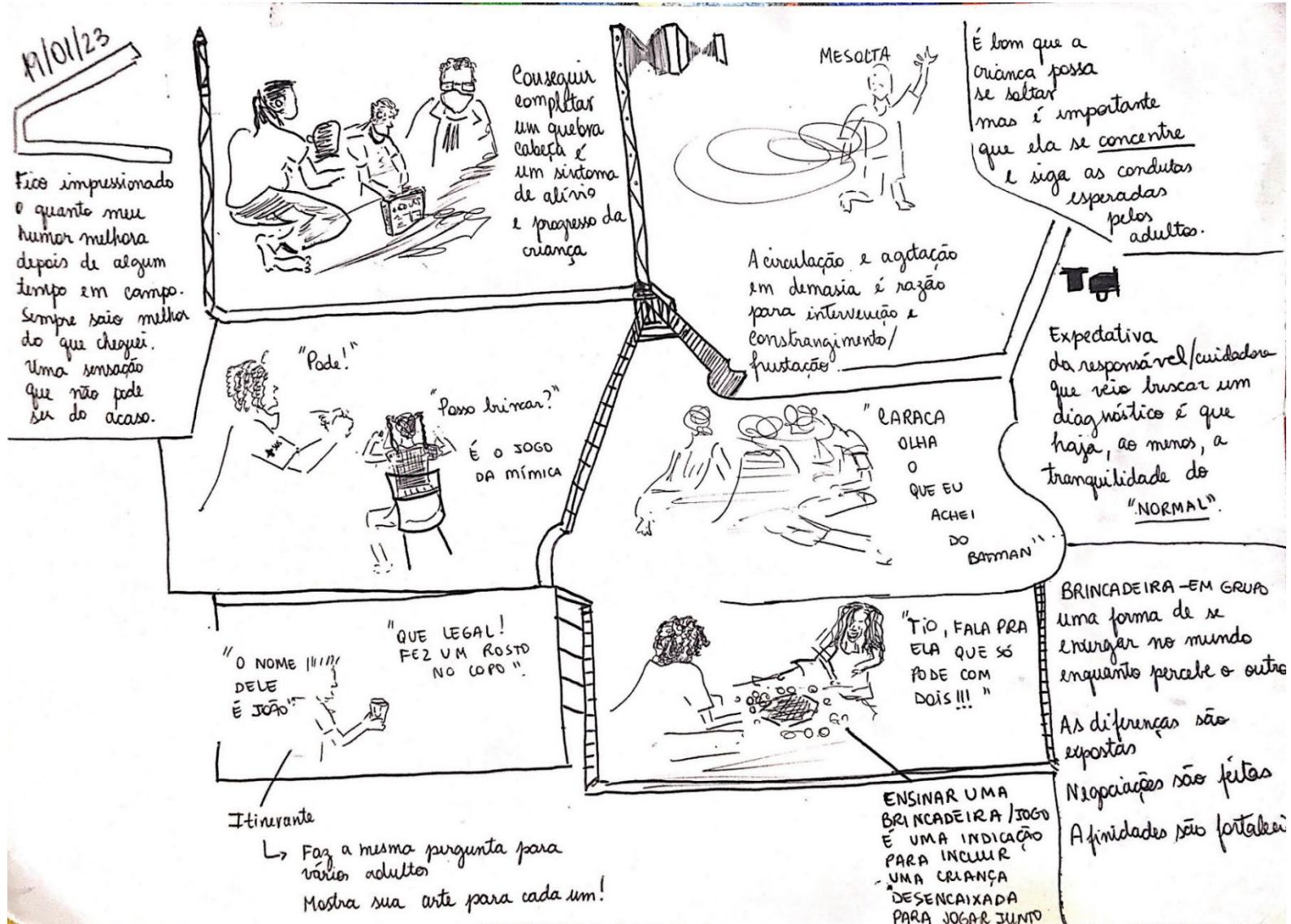
Desenho 10: Caderno de campo - projeto interdisciplinar com famílias 27.10 (Desenho de observação in loco com anotações).

03/11/2022

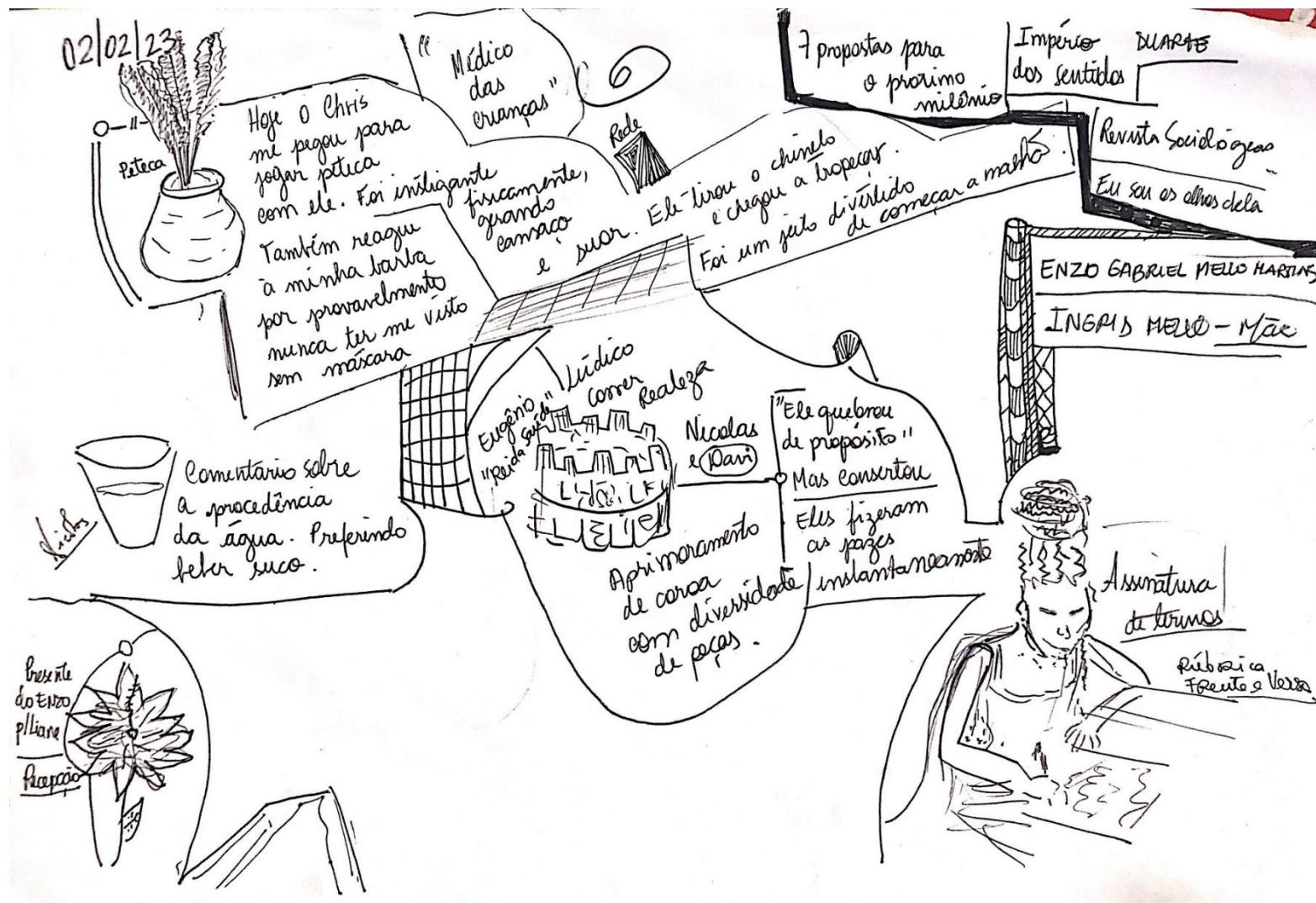
12m 12 horas



Desenho 11: Caderno de campo - projeto interdisciplinar com famílias 03.11 (Desenho de observação in loco com anotações).

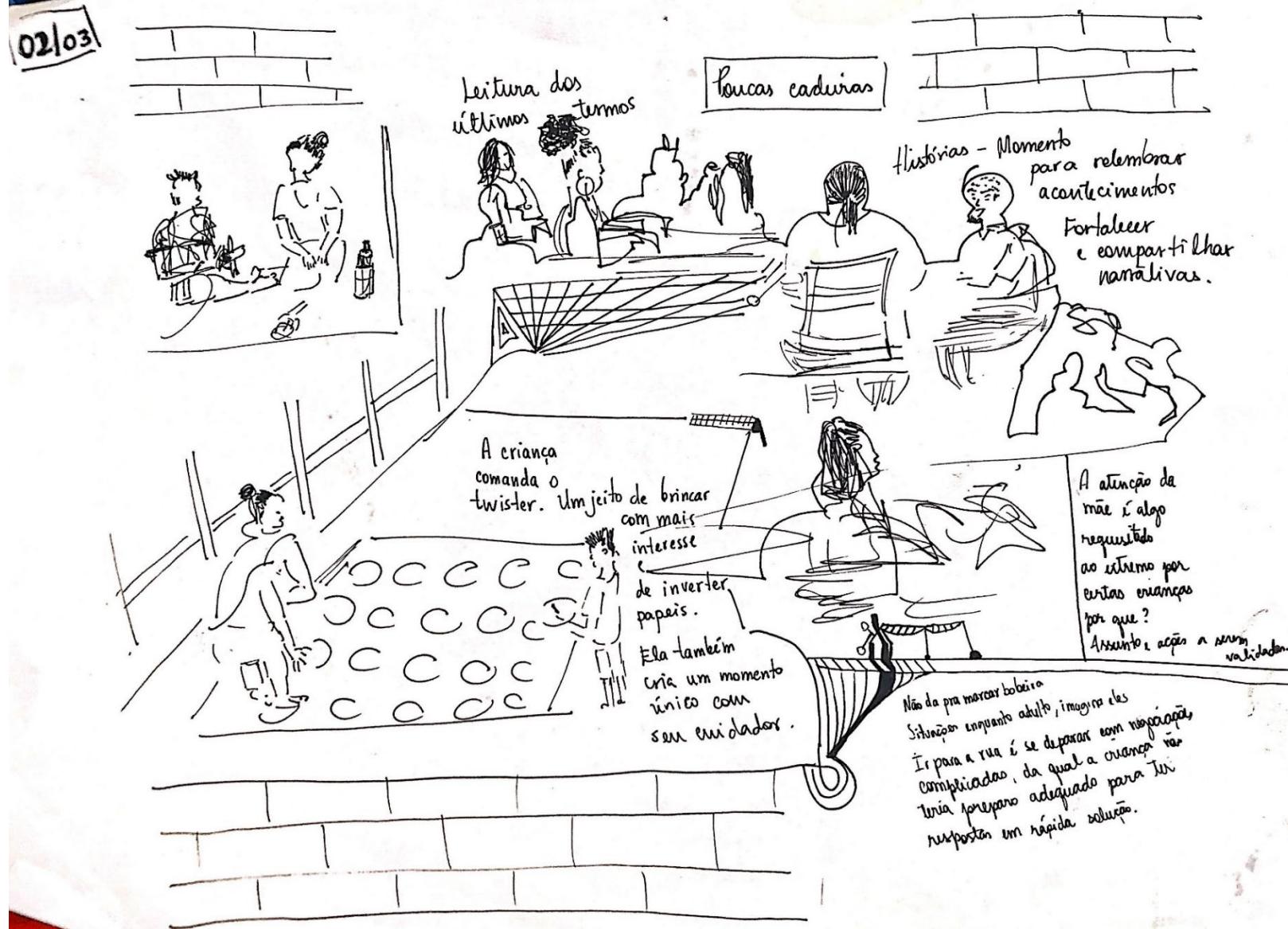


Desenho 12: Caderno de campo - projeto interdisciplinar com famílias 19.01 (Desenho de observação in loco com anotações).



Desenho 13: Caderno de campo - projeto interdisciplinar com famílias 02.02 (Desenho de observação in loco com anotações).

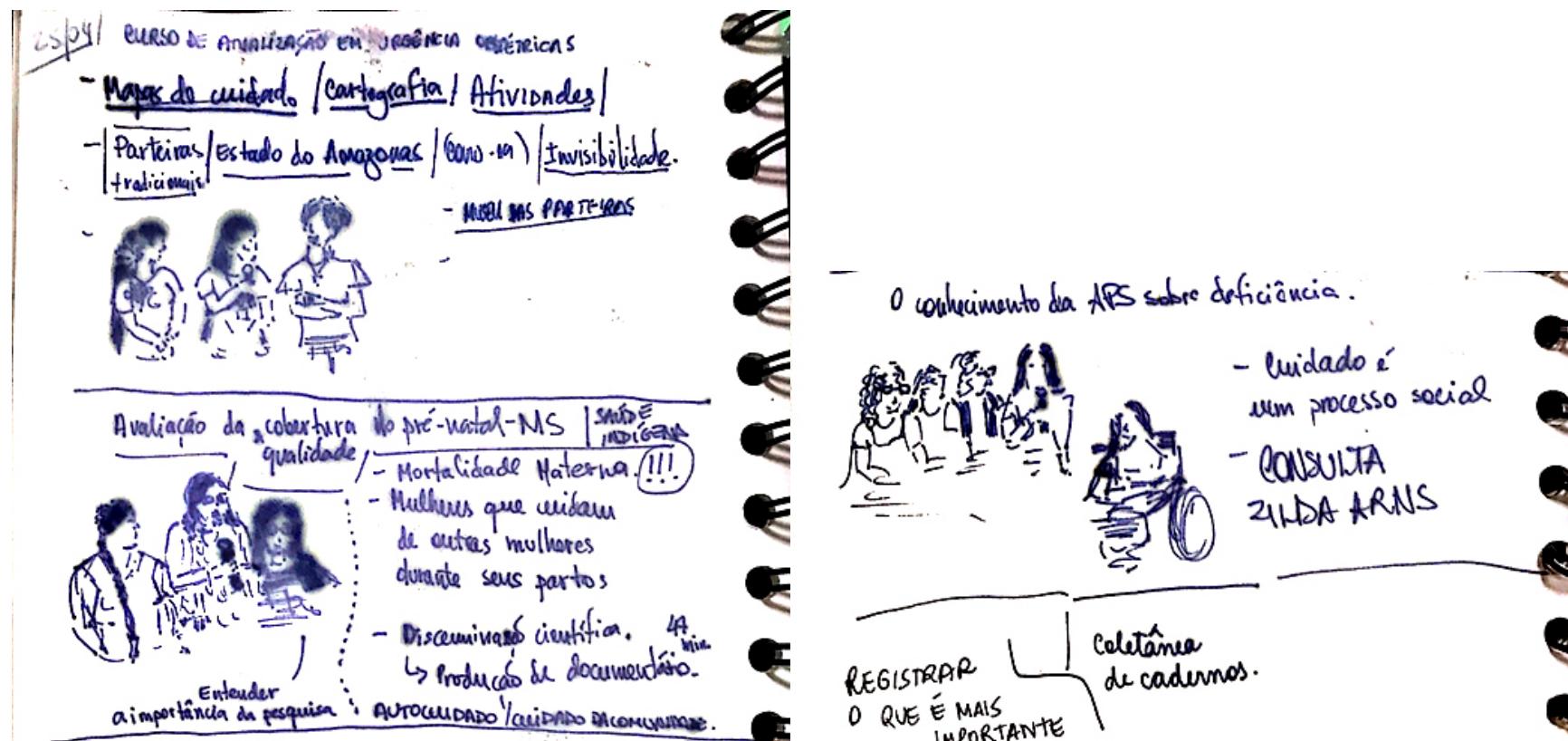
02/03



Desenho 14: Caderno de campo - projeto interdisciplinar com famílias 02.03 (Desenho de observação in loco com anotações).

## 1.2. Plenárias e grupos de trabalho sobre saúde

No capítulo 2, abordo qual seria minha posição de antropólogo no campo da saúde. Como é vista a disciplina na construção interdisciplinar e a articulação dos/as antropólogos/as brasileiros/as na esfera da saúde nos últimos 30 anos – que linhas de abertura empíricas e teóricas são mais comumente abordadas? Também nesse capítulo abro um leque de considerações sobre os obstáculos de efetivar minha pesquisa através de desenhos em um ambulatório, pela métrica da burocracia dos Comitês de Ética e Plataforma Brasil.



Desenho 15: Registro de plenária sobre redes de apoio, cuidados e atenção primária em saúde. (Desenho de observação in loco com anotações)

GT 02 - Saúde, sofrimento, etc.

Isolamento  
nas favelas  
e nas  
camadas  
médias.

A perda da vida  
O medo da morte como expoente  
Vulnerabilidade estrutural  
Internação e a sensação de que  
vai aconecer o pior

"Todo favelado é um universo  
em crise"

A gente não tem medo do  
corona-virus, esim de  
falta de equipamentos

A doença revela facetas  
da vida cotidiana  
até então ocultadas.



Conflitos em maternidade

Situação de urgência  
Reclama da vacinação  
Recorte temporal da covid-nopránatal.



A covid estaria ali "mas"  
"Os problemas são outros"

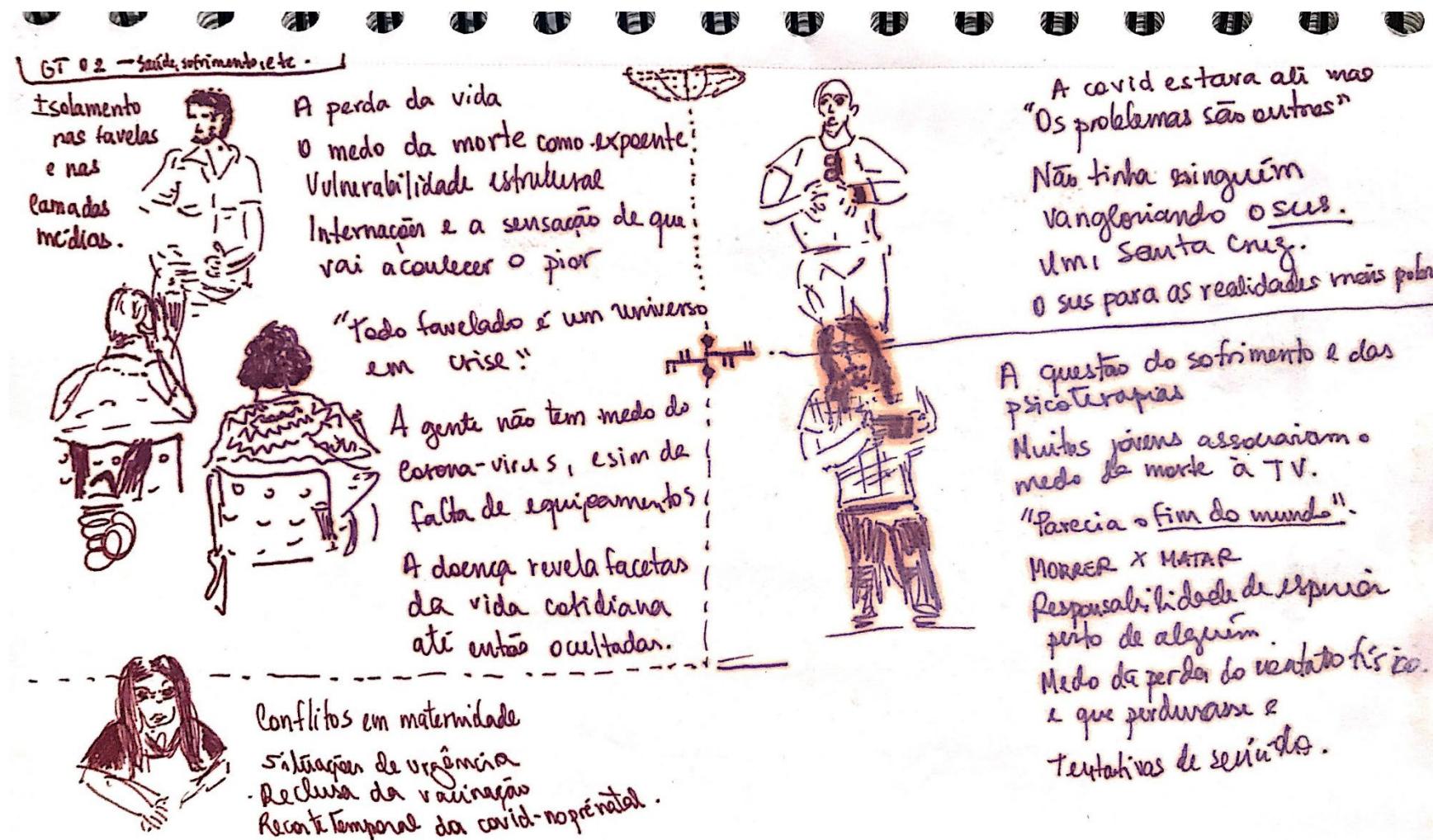
Não tinha ninguém  
vangloriando o SUS.  
Um: Santa Cruz.  
O sus para as realidades mais pobres

A questão do sofrimento e das  
psicoterapias

Muitos jovens associaram o  
medo da morte à TV.

"Parecia o fim do mundo".

MORRER X MATAR  
Responsabilidade de espantar  
perdo de alguém  
Medo de perder o resultado físico  
e que perdurasse e  
tentativas de se livrar.



Desenho 16: Registro de uma participação enquanto ouvinte em GT de saúde e sofrimento, na RAM de 2023. (Desenho de observação in loco com anotações)

### 1.3. Atividades e observações nas ruas – representação e complexidades do espaço urbano

Antes de mobilizar as questões de saúde, no começo do Capítulo 2, dou uma breve introdução de como me formei etnógrafo que desenha através da prática de observação e registro das movimentações urbanas – articulada por uma disciplina de Antropologia e Imagem que me foi oferecida na graduação. Articulo também uma dimensão teórica sobre o desenho na etnografia e a sensorialidade peculiar envolvida no trabalho visual.



Desenho 17: Oficina-atividade "desenhar-conhecer a zona portuária" na RAM 2023, com várias dimensões ilustrativas das andanças e observações na região da Sacadura Cabral (Saúde) – Rio de Janeiro. (Desenho de observação in loco)



Desenho 18: A partir da oficina-atividade relatado no desenho 17, fiz registros localizados de um dos monumentos: Estátua Mercedes Baptista. É possível ver participantes também coletando a textura da placa que identifica a estátua. (Desenho de fotografia).



Desenho 19: Participantes da oficina-atividade relatada nos desenhos 17 e 18 observando-desenhando a estátua de Mercedes Baptista (Desenho de fotografia)



Desenho 20: Além da estátua, outro elemento incorporado no Desenho 17 foi a imensidão e reflexão do Cais do Valongo, outro patrimônio carioca. (Desenho de fotografia).



Desenho 21: A presença de registros de cartazes de mercado também embalou esse desenho, ganhando destaque o colorido com o contexto e o mercado que tem (ou tinha) na região da Saúde. (Desenho de observação in loco e por foto)



Desenho 22: Retornando a Seropédica, com o celular descarregado, depois de um tempo no Rio de Janeiro. Registro dentro do vagão do metrô. (Desenho de observação in loco)



Desenho 23: Evento estudantil nos fundos do IFCS/UFRJ, lugar onde me graduei e que visito eventualmente. (Desenho de observação in loco)

#### 1.4. Experiências ruralinas: contato com graduandos na UFRRJ

No capítulo 3, alargo meu campo de investigação com desenhos para as salas de aula da graduação. Ao propor atividades que ampliam o leque criativo e de expressão de alunos de cursos diversos, reflito sobre a formação desses vínculos de pesquisa na construção de mapas que dimensionam suas trajetórias. As bases dessa experiência adicionaram camadas nas perspectivas ao meu mestrado.



Desenho 24: Registro da calourada acontecendo na Rural. (Desenho de observação in loco)



Desenho 25: Rabiscando alunos fazendo um trabalho em grupo, totalmente atônicos, na aula de Antropologia Social. (Desenho de observação in loco)



Desenho 26: Outro trabalho em grupo na disciplina de Antropologia Social, com um pouco menos de apreensão. (Desenho de observação in loco)



Desenho 27: Estudantes aguardando a aula começar e interagindo entre si na área externa do Pavilhão de Aulas Teóricas - UFRRJ, em Seropédica. (Desenho de observação in loco)

## 1.5. Movimentações artísticas em eventos

No capítulo 3 também esboço aspectos relacionados a trabalhar com alunos de Belas Artes e como o contato com esses estudantes corroborou para as considerações sobre as dissonâncias e consonâncias disciplinares. Para além disso, observar artistas performando e interagindo em outros espaços alimentou minha alma e alguns aspectos relacionados ao meu trabalho.



Desenho 28: Apresentação cultural da Irmandade Os Carolinos, na RBA de 2024. (Desenho de observação in loco)



Desenho 29: Voz e violão da "pedagogia" e cantora Luiza da iola na RBA de 2024. (Desenho de observação in loco com anotações)



Desenho 30: Feira de impressos no Parque Lage, parte da atividade "Etnografando uma tribo de artistas". (Desenhos de observação in loco com anotações.)

07/07/23

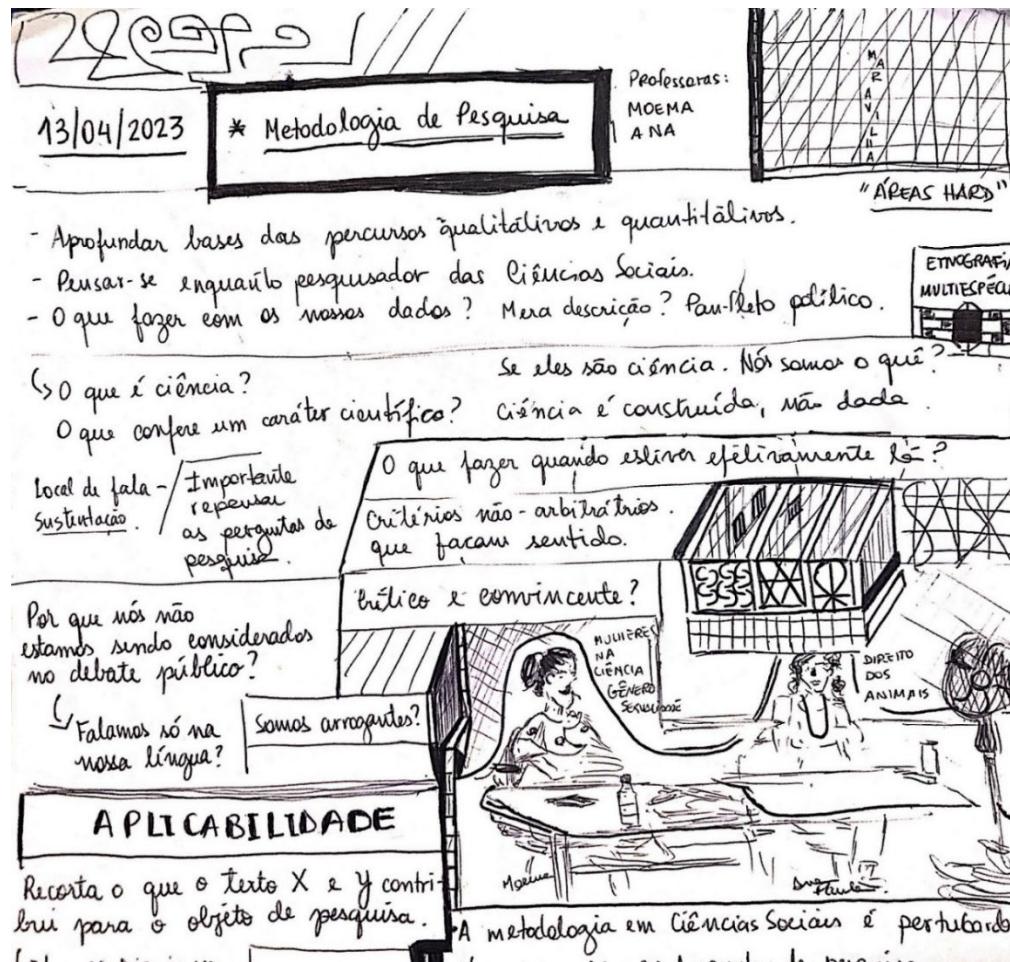
— "Agora você me fez pensar como eu vou colocar esse painel para cá"



Desenho 31: Registro de estudantes do Parque Lage montando uma exposição, parte da atividade "Etnografando uma tribo de artistas". (Desenho de observação in loco com anotações).

## 1.6. Aulas do PPGCS

Entrar em contato com o programa através das disciplinas ofertadas pelos professores das três modalidades das Ciências Sociais possibilitou ampliar meu escopo teórico e metodológico para a construção de todos os capítulos dessa dissertação.



Desenho 32: Anotações desenhadas da disciplina de Metodologia de Pesquisa (Desenho de observação in loco com anotações).

10/05/2023

Stu  
M.

### DESENHOS NA INDÚSTRIA

O sistema imita a natureza.

não quer suplantar mas a remediar

### A tiranía da opinião

Interferência do social na subjetividade do indivíduo

Stuart Mill - minorias - perspectiva filosófica

Fragmentos de interesses - indivíduos diversos

As minorias querem o que é diferente

### IGUALDADE & DIVERSIDADE



Não é obrigatório a anulação das minorias

Stuart Mill

10/05/2023

### Democracia

Não vivemos numa dimensão política de interesses

E sim uma forma complexa em que a representação é indispensável

que existe um perigo com o fenômeno da "massa", - indivíduo desaparece.

uma vez que vivemos em sociedade

utilitarismo -

sociedades só pode

INTERFERIR NA

LIVREDADE DO INDIVÍDUO

Felicidade do indivíduo está alerta e pode ser subjetiva

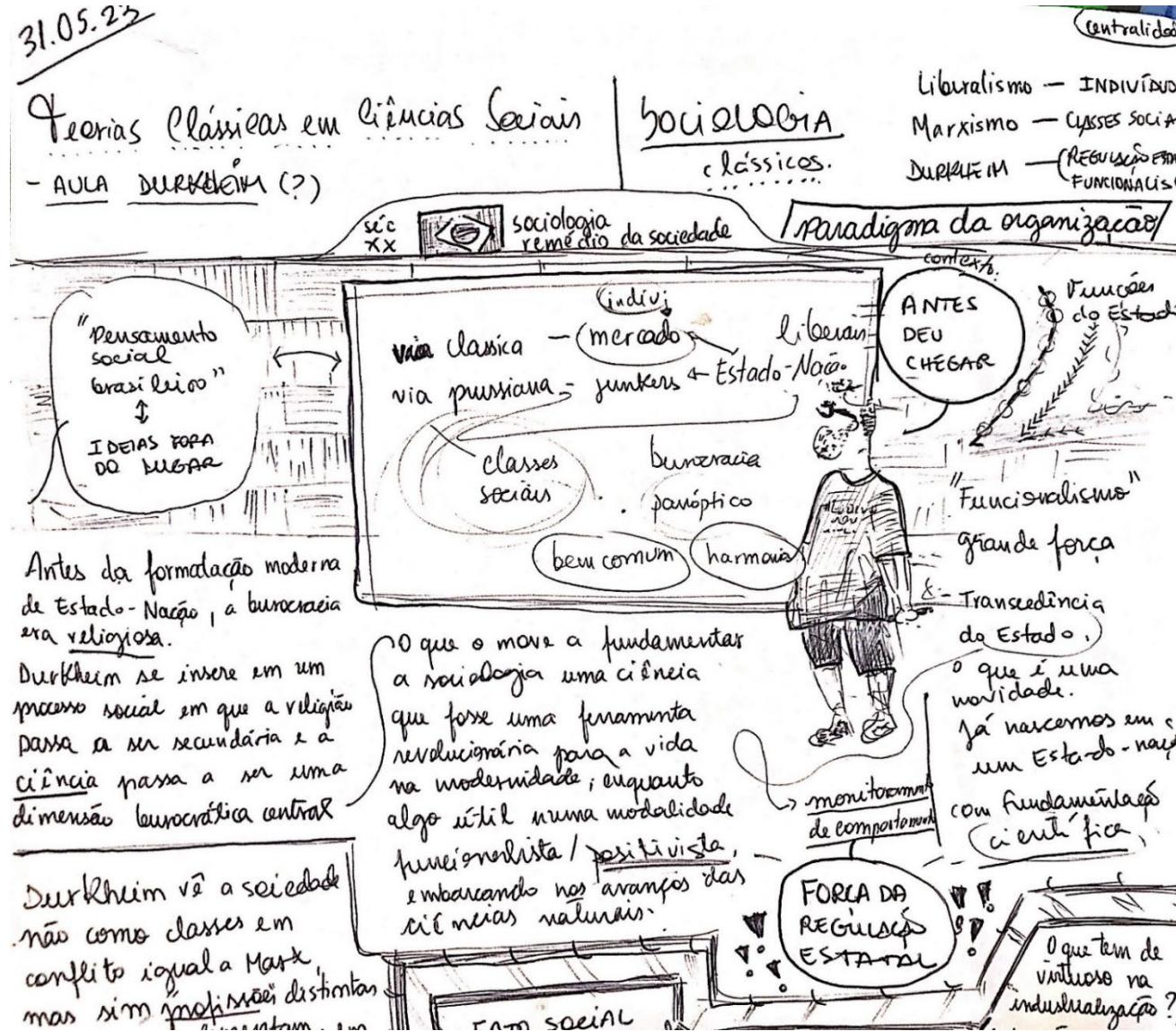
31.05.23

## Férias Clássicas em Ciências Sociais

- AULA DURKHEIM (?)

## Sociologia clássicos.

- Liberalismo — INDIVÍDUO
- Marxismo — CLASSES SOCIAIS
- Durkheim — REGULAÇÃO ESTADUAL / FUNCIONALISMO



*Desenho 34: Anotações desenhadas da disciplina Teorias Clássicas em Ciências Sociais - módulo de Sociologia. (Desenho de observação in loco com anotações).*



Desenho 35: Anotações desenhadas da disciplina Metodologia de Pesquisa – parte 2. (Desenho de observação in loco com anotações).



Desenho 36: Anotações desenhadas da disciplina Teorias Clássicas em Ciências Sociais (módulo de Sociologia) - parte 2. (Desenho de observação in loco com anotações).

## 1.7. Outros marcos importantes

Eventos e ritos que impactaram a trajetória no mestrado



Desenho 37:: Registro de seminário de 30 anos do INARRA UERJ (Desenho de observação in loco com anotações).

TODAS AS VIOLENCIAS  
DEVEM SER RECONHECIDAS  
E COMBATIDAS MUNDIALMENTE

AS MÃES QUE  
SE LEVANTAM  
PARA QUESTIONAR  
A VIOLENCIA  
DO ESTADO  
QUE ATINGEM  
SEUS FILHOS  
TAMBÉM PODEM  
SE TORNAR MAIS  
UMA VÍTIMA -



05/04/2019

REDE DE MÃES  
E FAMILIARES  
DA BAIXADA

Desenho 38: Registro do evento de lançamento do livro "Desaparecimento forçado: vidas interrompidas na Baixada Fluminense", organizado pelos colegas Adriano Moreira de Araújo, Jaqueline de Sousa Gomes, José Claudio Souza Alves e Nalayne Mendonça Pinto. (Desenho de observação in loco com anotações).



Desenho 39:: Registro da minha qualificação no mestrado. (Desenho de uma fotografia)

## **Capítulo 2. Etnografia no campo da saúde pública: perspectivas sob a ótica interdisciplinar**

### **2.1. Fronteiras entre o trabalho etnográfico e o atendimento clínico em projeto interdisciplinar — brincadeiras e saúde mental de crianças e de suas famílias**

Tudo começou em 2022, quando passei a integrar um grupo interdisciplinar de pesquisadores em uma fundação de saúde pública, no intuito de desenvolver uma pesquisa de cunho etnográfico com famílias frequentadoras de um espaço ambulatorial. Com uma equipe de psicólogos, antropólogos e disseminadores científicos; mobilizaram-se relações de saúde mental de crianças e cuidadoras mediante a pandemia de COVID-19 — focando em como as primeiras estavam sendo cuidadas e como brincavam, em um contexto pandêmico e território marcado por violência urbana.

Durante esse ano, pude crescer e desenvolver um alargamento do meu interesse de pesquisa e técnicas de desenho de observação acompanhando famílias nesse território, um local predominantemente composto por favelas, em uma delimitação da Zona Norte carioca. Bem como adentrar no cotidiano do ambulatório que funcionava ao lado das nossas atividades, no qual as movimentações e interações me chamaram a atenção na consonância das relações que se criavam entre atendimento e usuários; pesquisadores de saúde coletiva com seus questionários prontos e os participantes de pesquisa; assim como a linguagem científica das cartilhas em detrimento do campo semântico dos frequentadores —, que esperavam consultas e exames, com suas devidas considerações sobre as agências de seus corpos e do que consistia um tratamento clínico.

A intenção do projeto foi, acima de tudo, traçar um percurso de valorização e divulgação de “práticas lúdicas” e de *ciência*. Produzindo, por um lado, material que subsidiasse perspectivas de um atendimento humanizado em saúde junto aos vínculos de sociabilidade dessas crianças, ao buscar facilitar a ação do que denominavam como redes de suporte (Braga, 2006). Estas redes resguardam fortemente o conceito de “família”, pois este é mobilizado nesse contexto como um conjunto de valores, por meio de outras pessoas, dotando os sujeitos de uma identidade e a vida de um sentido, em uma organização cotidiana que ainda desempenha um papel pragmático na formulação de políticas públicas (Fonseca, 2002).

Por outro, essa modalidade de atenção buscava fortalecer a ampliação de experiências dentro campo lúdico-educativo, voltadas ao público infantil, almejando, desta maneira, articular os diferentes modos de cuidar de crianças e as diversas concepções de família. Os interlocutores buscavam no projeto uma fonte de apoio, acolhimento e orientação. Compartilhando dessa análise, o projeto se interessou em vislumbrar a perspectiva nativa dos moradores do território, ao conhecer e interagir com algumas de suas *famílias*, com centralidade nos interlocutores infantis, as crianças, e suas “demandas” relacionadas ao bem-estar e saúde mental<sup>3</sup>.

Dessa forma, também buscamos reunir dados empíricos, a partir da convivência com as crianças, que somassem à vida escolar. A escola ocuparia um espaço central nessa interlocução do bem-estar das crianças, como um termômetro, que reverberava na relação entre responsáveis e as crianças, com pais ora preocupados, ora desconfiados com os relatos de comportamentos advindos da criança dentro dos muros da escola. Privilegiou-se, desta maneira, a observação de perspectivas sobre o brincar em tempos atuais dessas crianças, em uma perspectiva fora da escola, a partir da construção subjetiva de quem participou, pela ótica do atendimento em saúde e se distanciando da rotina doméstica.

Esse movimento que possibilitou que as crianças brincassem para expressarem-se para além dos meandros escolares e domésticos, foi construído com o apoio de profissionais da Antropologia, Psicologia, Museologia e Cinematografia; mediando atividades com jogos de tabuleiro, brinquedos de montar, canetinhas e lápis de cor para desenho, dentre outros materiais e brincadeiras mais “expansivas”, espontâneas, que foram sendo incorporadas, partindo da idealização criativa das crianças.

Essas atividades, antes da incursão etnográfica, já consistiam em um modelo de atendimento desenvolvido por um psicólogo servidor da instituição, que detinha em sua sala um acervo considerável dos brinquedos, jogos e outros materiais supracitados, nos orientando como desenvolvia seu uso em sua abordagem com os usuários e ofertando a oportunidade de nossa

---

<sup>3</sup> A experiência mais detalhada, com algumas informações que extrapolam a escrita desse capítulo, assim como outros desenhos provenientes desse trabalho, poderão ser mais bem vislumbrados na Seção 1 do livro “Repertório de brincadeiras, repertórios de vida: modos de brincar no âmbito do atendimento em saúde” (Piter; Silveira; Lacerda; Alves, 2024).

entrada colaborar com um deslocamento desses recursos para compor também os objetivos etnográficos.

A expectativa, deste modo, passou a ser que as crianças que fossem participar do projeto manifestassem sua perspectiva de mundo a partir do conjunto de brincadeiras ali gerado, tais como suas impressões acerca de suas relações familiares, suas vivências escolares, os conteúdos midiáticos que consumiam e sua rotina de brincar fora daquele espaço, possibilitando entender, a partir do movimento lúdico, como estavam sendo cuidadas.

### **2.1.2. Construção do campo do projeto interdisciplinar com famílias — atmosfera pandêmica, formação da equipe, participação em brincadeiras e jogos**

No segundo semestre de 2021, apesar de vislumbrado e “assumido” parcialmente, a pandemia por COVID-19 deflagrada no primeiro trimestre de 2020 — e as respectivas medidas de proteção sanitária — estavam ainda distantes de visualizarem um *fim*. Ao passo que novas variantes da *Sars-Cov-2* configuraram numericamente contágios cada vez mais frequentes, o conceito de “volta ao normal” ainda passava por intensas negociações e discussões, atravessando atividades comerciais, educacionais, domésticas e o funcionamento de hospitais e postos de atendimento pelo Sistema Único de Saúde. As primeiras doses das vacinas estavam sendo aplicadas e o impacto dessa lenta progressão a uma definição de estabilidade com o surgimento dessas novas variantes continuava a modular uma cautela, especialmente em relação aos próximos passos das atividades presenciais de ensino e pesquisa em um bota-máscara-tira-máscara, que se tornou característico de boa parte do período que trabalhamos — e que perduraria por mais um tempo.

A pesquisa, após ter adiado seu início algumas vezes por conta da crise sanitária, teve que considerar o período de fechamento físico das escolas e demais efeitos sociais causados pela pandemia; como possíveis confinamentos em espaços domésticos — embora questionáveis que tenha sido um direito para todos — e um aprofundamento complexo nas relações com os aparatos tecnológicos, como o celular e o acesso à internet, impactando as formas de brincar, de jogar, de aprender, de socializar, de se *entender* enquanto sujeito-pessoa. O ambulatório também passava por oscilações de atendimento, onde se assistiu uma demanda flutuante — por vezes crescente —

de testes, consultas, e atestados ligados ao contágio por COVID-19. O que atravessou a rotina tanto dos interlocutores do nosso projeto, quanto da equipe que compomos, que precisou por vezes se afastar do trabalho de campo por algum caso de infecção no confinamento em espaços domésticos.

Após a apresentação, reuniões de preparo e uma data para início, passamos a ter nossos primeiros encontros para recebermos os participantes de pesquisa. Pouco antes do horário de começar e as famílias chegarem, a equipe reunia-se na sala e transportava para a tenda externa do posto o material para dar início ao campo: tapete (ou tatame) EVA para sentar-se no chão; banners que também serviram para serem colocados como apoio para esse fim; uma vasta seleção de jogos de tabuleiro e brinquedos; álcool em gel; dentre outros materiais de utilidade eminente para a dinâmica. Contamos também com mesas e cadeiras já dispostas no local externo que, sendo utilizadas para fins diversos no restante da semana, passaram a agregar algum conforto para nos acomodarmos no espaço.

Embora tendo atraído uma circulação de pessoas, com muitos “visitantes”, o projeto ficou marcado pelo fortalecimento de vínculos com algumas famílias que abraçaram o intuito de fazer do campo parte de suas rotinas, consistindo no foco de referência do nosso trabalho, tornando-se participantes “fixos”, aceitando participarem de todos os meandros do projeto, bem como “oficializarem” sua interlocução na formatação de produtos para disseminação científica, ao assinarem os Termos de Consentimento Esclarecido<sup>4</sup>. Algumas dessas crianças e cuidadoras que passaram a frequentar de forma “oficial” já se conheciam entre si de forma anterior ao campo, engendrando um vínculo mais ativo nas suas posições de interlocutoras do projeto, incentivando-se entre si.

O que tivemos ao longo do percurso, deste modo, foram não “somente” crianças brincando, mas enfaticamente *querendo* estar ali, assim como também adultos e adultas interessados/as que sua criança estivesse naquele espaço, de participar e ver benefícios naquilo, por um conjunto de razões. Algumas vezes utilizando a ida como moeda de troca, pelo acervo extenso de brinquedos

---

<sup>4</sup> Parte da documentação exigida pelo comitê de ética, documentação que viraria um pesadelo no estágio posterior, com a minha pesquisa na sala de espera, submetida para o mestrado. Me aprofundarei sobre esse assunto no segundo capítulo.

e atividades lúdicas que interessavam as crianças; mas também, em grande medida, por enxergarem um trabalho sendo desenvolvido com a potencialidade de resolução de problemas<sup>5</sup>.

As crianças, aceitando participar, podiam de maneira relativamente espontânea escolher o que gostariam de fazer, conforme as brincadeiras propostas. Salvo em caso de atividades dedicadas a alguma proposta ou criança específica, acompanhado de um jogo para uma determinada finalidade, elas estavam “livres” para circular se assim quisessem.

O itinerário, que combinava jogos mais “lúdicos” com alguns de mais “estratégia” — mediados integralmente pela equipe — foi inicialmente pensado com o intuito de trabalhar conceitos ligados à cognição e ao emocional das crianças, especialmente as que chegaram com algum encaminhamento clínico prévio. Sendo assim, no ato de jogar algum jogo voltado para algum fim delimitado, inseria-se uma proposta direcionada a mobilizar categorias como *atenção*, *estresse*, o *lidar com o outro*, com a *frustração*, paciência, cruzando nesse bojo nuances entre “razão” e “emoção”; gerando fontes alegóricas de mediação do contato dessas crianças com o que os psicólogos chamavam de “mundo exterior”, fundamentado nas relações com as cuidadoras e as demais pessoas na esfera de sua sociabilidade, na esfera doméstica, escolar e em outros espaços possíveis.

Os adultos, por sua vez, mais comumente mantinham um certo distanciamento das atividades, com uma observação ao longe, pronunciando algumas chamadas de atenção se entendessem necessário, e encontrando brechas para distraírem-se ao celular e, por vezes, *relaxar*. Gradativamente houveram mais situações em que estes não se restringiram ao papel de espectadores, sendo convidados a participar, acabando por serem capturados pela atmosfera das atividades, o que mobilizava, em muitas ocasiões, sentimentos e atitudes voltadas à competição, excitação, envolvimento; ao permitirem se envolver no processo de interação de perto — jogando, desenhando, ou participando de outras dinâmicas propostas.

---

<sup>5</sup> Tal resolução colocaria uma constatação que o projeto seria útil, uma vez que indiretamente observava e interagia com a realidade escolar, um calo na relação entre os adultos e as crianças participantes do projeto. Sendo a escola produtora de noções sobre as crianças e seus comportamentos, estaria havendo uma reivindicação crescente de laudos médicos para determinados comportamentos — que reverberaram em questionamentos e busca desses adultos por ajuda. Relacionado a isso, boa parte de quem levava a criança para as atividades teve algum encaminhamento prévio por profissionais do ambulatório, que enxergaram no projeto uma possibilidade de escoamento para uma demanda considerável por atendimento infantil e uma *busca* por diagnósticos — TDAH e Autismo sendo os mais comuns. (cf. tese de Mario Borba, 2019 – ênfase no capítulo 2 “DO PROBLEMA DA ATENÇÃO AOS DIAGNÓSTICOS”)

Observando de longe ou ativamente jogando, parte das participantes adultas tinham a oportunidade de conversar conosco sobre as crianças, contextualizando não só a rotina dialética de casa/escola, mas o ponto de partida de suas jornadas emocionais enquanto responsáveis/cuidadoras em meio, e anterior, a esses contextos. Ou seja, foram revelando o porquê estarem ali participando do projeto — com detalhes, confissões, fantasias e proteção de suas reputações enquanto cuidadoras —, em um misto de cumplicidade, desabafo, e busca por orientação. Responsáveis por crianças vistas ora como “problema na escola”, ou que “choram à toa”, que “não param quietas”, “atrasadas para a sua idade”, “tímidas em excesso”, por passarem uma situação de trauma reconhecido ou não<sup>6</sup>, foram os que, em grande medida, se apoiaram e engajaram no projeto.

Nós da equipe passamos, desta maneira, a ser receptores de uma série de discursos que acabaram por nos aproximar do contexto dos interlocutores e de seus pontos de partida, modulando os próximos passos em relação ao atendimento e à pesquisa, de maneira particularizada e mais geral. Assim como, de maneira dialética, intervenções, conselhos e prognósticos que eram dados em grande medida pelos psicólogos, em uma comunicação em que ambas partes transcorriam sobre uma mesma situação: a (s) criança(s) — embora, às vezes, o foco precisasse ser na conduta do adulto.

Apesar de não ter sido recorrente, essa dinâmica não pouparou alguns conflitos e discordâncias. Pelo contrário, isso aprofundou um discernimento de quem gostaria de acompanhar o projeto (após esclarecido e vivenciado o que estava sendo proposto) e de quem simplesmente não via sentido e não compartilhava daquela empreitada. As cuidadoras deste último grupo, em grande medida, não aceitavam ser “contrariadas” em suas perspectivas ou assumiam que o projeto era uma bobagem e/ou que não servia para coisa alguma (até pela centralidade das atividades focarem na brincadeira enquanto pilar motriz), tendo algumas cuidadoras simplesmente deixado de participar e não retornando mais. Tais atitudes eram justificadas pela consideração de que lá, no trabalho de campo era “só brincadeira”!

---

<sup>6</sup> Algumas crianças vinham com histórico de situações traumáticas relatadas pelos próprios responsáveis, que passava a ser conhecimento da equipe — envolvendo abuso por outros familiares, situações vexatórias na escola, dentre outras. Já outras crianças manifestaram estar impactadas por algum contexto traumático em suas rotinas, conforme as percepções dos psicólogos, mas sem um “antecedente” que desse esse aporte de reconhecimento, necessitando uma observação a longo prazo para identificar a possível origem.

### **2.1.3. Interdisciplinaridade mobilizando fontes de acolhimento e escuta dos interlocutores em pesquisa**

Uma dimensão preponderante foi que, embora, especificamente eu, firmasse constantemente minha posição enquanto pesquisador de Antropologia, indicando o cerne etnográfico e os interesses da pesquisa aos interlocutores, por diversas vezes dentro da rotina dos jogos ou em momentos isolados desenhandos, minha posição se confundia (tanto para adultos, quanto para as crianças), em meio a outras profissões ligadas à medicina, psicologia, e os ofícios na esfera da saúde. Quando esclarecia ser antropólogo, mesmo que atuando naquele contexto de atendimento, quase sempre não havia um entendimento muito exato do que se tratava o trabalho dentro (e fora) daquele parâmetro, pairando um certo silêncio e às vezes seguido de uma breve e simplificada explicação por minha parte sobre o ofício. Pela etnografia com desenhos, muitos pensaram que ser antropólogo era desenhar o que se observava — e naquele contexto, como argumento mais a frente, não era um total equívoco.

Esclarecendo a multidisciplinaridade do projeto, ainda sim fui visto de forma relativamente homogênea enquanto parte da equipe quanto às nossas ocupações — o que encaramos como majoritariamente positivo, pela sensação de horizontalidade da comunicação que se estabeleceu na maior parte do tempo, mesmo com diferentes posições profissionais. Ainda que alguns tivessem funções mais evidentes voltadas para atender clinicamente (psicólogos), para filmar com a câmera e realizar entrevistas com lapela (cineasta) ou para desenhar e produzir notas de campo para a pesquisa (antropólogo); todos da equipe *brincaram* em algum momento e todos foram receptivos à escuta dos relatos buscando ser atentos e amigáveis, o que colaborou para uma aproximação dos interlocutores e endossou uma atividade etnográfica que buscava ser solícita e sensível.

As crianças podiam trazer questões de fora e espelhar aspectos de suas rotinas nos comportamentos ou discursos, e, enquanto antropólogos que encabeçavam a equipe da pesquisa, almejávamos justamente entender como isso transcorria. A busca dos psicólogos, transversalmente, foi por proporcionar diretrizes para que elas lidassem com as adversidades ao seu redor, dando plataforma e legitimação às suas próprias subjetividades e possível assistência a questões que causavam sofrimento.

As atividades acabaram abrindo margem também para que elas pudessem performar outras coisas, indicando inclusive aos adultos diferentes características que a elas eram próprias, antes pouco ou nunca vislumbradas, seja pela ótica unidimensional dos relatos escolares sobre seu comportamento, seja pelo dia a dia vivido em casa e em outros ambientes corriqueiros, dando a oportunidade da criança de indicar isso por si mesma, nas atitudes, nas brincadeiras e nos desenhos.

#### **2.1.4. O campo etnográfico do projeto enquanto uma moldura — o papel do *desenho* na pesquisa interdisciplinar em saúde.**

Discutia-se entre a equipe, mesmo os membros não familiarizados com o trabalho etnográfico, que o “campo” antropológico supunha não apenas ir e ver ou ir e pegar amostras, mas algo mais complexo: uma co-residência extensa [...] uma mistura de aliança, cumplicidade, amizade, respeito, coerção e tolerância irônica (Clifford, 1999:94 apud Uriarte, 2012), sendo assim, o objeto ampliado e questões de pesquisa surgiram à medida que a rotina do campo avançava.

Passado um determinado tempo, em certa altura, já mobilizávamos em trocas internas diferentes fontes de percepções dos interlocutores e relatos pessoais, às vezes bem sensíveis, do que se passava na rotina doméstica de alguns. Lidar com essas cargas emocionais, para a equipe — os desabafos, pedidos por orientação e a abertura de questões — teve que fazer parte da pesquisa. Ser impactado emocionalmente pelo campo, nesse sentido, era intrínseco à rotina de trabalho, reconhecendo e assumindo a experiência humana em que estávamos submetidos.

Com uma disposição extensa de brinquedos, cores, materiais de desenho, crianças circulando, adultos desabafando, formou-se um enquadramento específico de campo, tal qual um recorte. Esse recorte contrastava, por conseguinte, com o restante daquela área dedicada aos serviços do ambulatório, corriqueiramente centrado em procedimentos clínicos e pesquisas sistemáticas de cunho quantitativo.

Os serviços prestados no projeto (atendimentos psi) eram baseados na imersão, assim como a pesquisa (qualitativa) também se valia do tempo que se estendia e se recortava do restante da correria clínica, a partir da etnografia. Ao longe, mesmo que reconhecido enquanto um trabalho voltado à saúde sendo realizado (aqui destaco o uso dos jalecos por parte da equipe como um

demarcador importante), não ficava evidente uma imagem corriqueira de pesquisadores da instituição atuando, psicólogos atendendo ou mesmo crianças apenas ocupando uma espécie de “playground” com seus brinquedos na supervisão de adultos, mas algo de gramatura singular.

Orientado pela ótica ritualística proposta por Turner (1982), ainda que tal ótica seja, a princípio, permeada por aproximações arraigadas em sua investigação africanista no século XX, considero que tais simbolismos de sua elaboração não estejam presentes apenas em contextos exógenos ao pesquisador, e sim esmiuçados, e cada vez mais perceptíveis, em pequenos dispositivos do nosso cotidiano — como um espaço de trabalho em saúde pública, por exemplo.

Desta maneira, o projeto pode produzir, a partir dessa perspectiva, condições para a realização de um processo ritual, com a intenção de que os sujeitos não saíssem do mesmo jeito que chegaram, mas sim com novas percepções, “transformados”, através de um conjunto de elementos induzidos. Essas transformações estariam orbitando em um contínuo desenrolar de encontros e desempenhos semanais, centradas nos jogos e brincadeiras, em uma moldura temporal especial, que se destacava do restante do ambulatório, a partir de uma suspensão de seus papéis e do teatro da vida cotidiana — da escola, do trabalho, de casa, e até mesmo do restante do posto de saúde —, viabilizando outras *performances*. Valendo para interlocutores, as famílias, mas também os pesquisadores que reformulavam suas relações em constantes progressões junto as questões que surgiam.

Embora o recorte dessa moldura no projeto centrasse tais meandros performáticos ao privilegiar o aspecto lúdico relacionado ao ato de brincar — tanto na linguagem afetiva quanto nas observações de pesquisa —esse processo ritualístico ofertou, de maneira conjunta, impactos controversos (possivelmente incômodos) em certos participantes. Afinal, os panos de fundo dessas atividades lúdicas reivindicavam uma necessidade cotidiana, semanal, de um drama social incessante, em que os participantes adultos olhassem para dentro de si e repensassem a relação e atitude, especialmente com a criança. Sendo assim, para os que deixaram de comparecer, por não entender o objetivo do projeto, o ritual ali proposto teve algo próximo de uma cisão. A finalização do ritual representa a interrupção desse processo de reavaliação, e de considerar sua própria atitude enquanto algo que consistia em “parte do problema” trazido, não podendo transferir unicamente para o *ser/existir* da criança. Ou então, parar de performar algo que estava fora da sua ótica

corriqueira, de seu “conforto” ordinário. Um desfecho diferente seria, de maneira oposta, a harmonia de considerar novas perspectivas e, ver de alguma forma, uma melhora nessa relação.

Seguindo essa linha, para pensar esse campo enquanto parte de um ritual, em uma esfera liminoide (*id.*, 1982), que se “recorta” e tem uma “moldura”; ao propor aqui uma reflexão sobre o nosso campo enquanto mobilizador de transformações, seria cabível imaginar essa moldura temporal tal qual um quadro de arte, uma pintura — que na tradição ocidental pré-renascentista está voltado a concepção de quem produz junto à contemplação e reações de quem observa, me apropriando da metáfora de Simmel (2016). Com algumas ressalvas e podendo estar abusando de um recurso imaginativo, gostaria de aproveitar essa alegoria do quadro para evocar sentidos que compõem as *interações* nesse trabalho de campo.

Primeiramente, a terminologia “arte”, deveras difusa, pode ser desfeita de uma rigidez essencializadora enquanto ação coletiva nas categorias sociológicas de Becker (1977), por uma força estética que se propaga, mas que só se torna possível e validada mediante o trabalho de diferentes instâncias e perspectivas (pessoas). E, uma “obra de arte” do tipo “pintura em quadro” não estaria exatamente dialogando com os movimentos e situações que o projeto proporcionou, porém, um papel a ser desenhado de maneira contínua pode ser uma alternativa mais próxima.

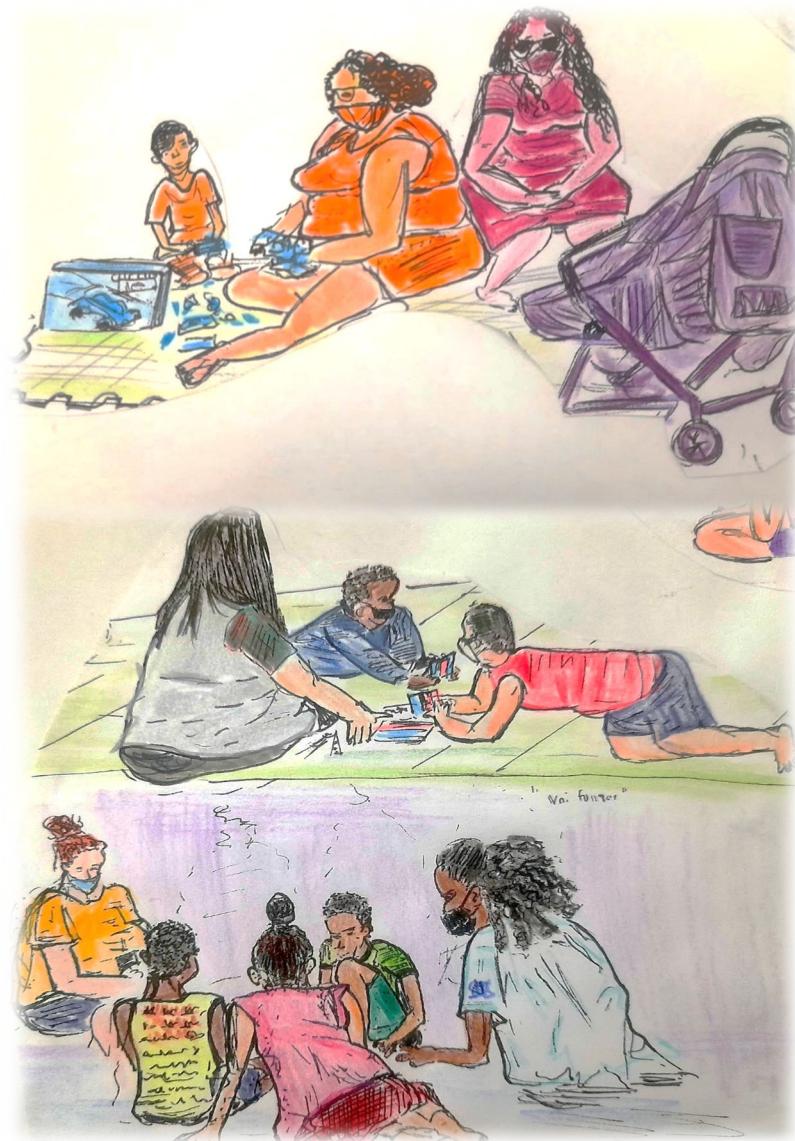
Pensando numa antropologia viva e em movimento, para além dos simbolismos e categorias sociológicas estanques, Ingold (2015), mobiliza as reflexões sobre pintura (à óleo, tradicional) em contraposição, mesmo que resistindo uma dicotomia inflexível, do desenho (rascunhos, *sketches*), buscando elaborar essa “diferença” para dispor as diferentes formas de pensar as ações sociais. De um lado, as pinturas a óleo com uma estrutura rígida, onde o pincel tem compromisso com uma finalidade específica, uma forma imaginada de “totalidade”. Do outro, as linhas de um desenho apoiadas em “um emaranhado de fios ou caminhos de vida” no qual o material de desenho — lápis, caneta, pincel — livre deste “cálculo complexo da totalidade”, segue os caminhos da vida, avançando livremente a partir do movimento da mão, reagindo somente ao presente.

Pensar num emaranhado de linhas e canetas em curso pode ser mais pertinente para imaginar uma pesquisa de cerne etnográfico — onde nada pode ser tido como dado, ou com uma finalidade pré-concebida, precisando estar sempre aberto ao inesperado e, sobretudo neste projeto em específico, tendo o lúdico (e por que não o improviso?) como orientação, acompanhando e

corroborando para as afetividades ali mobilizadas, em um ritual envolto de um reprocessamento de si.

Sobre tais linhas em curso, Ingold ainda prossegue nessa abordagem aprofundando a relação de manifestações artísticas como pinturas e desenhos com os processos da vida social, evocando bases importantes para pensar o último enquanto uma chave metafórica para se refletir sobre o conteúdo social e metodológico que mobiliza o campo antropológico:

“Tal como as linhas de um desenho, as linhas da vida social manifestam histórias de devir em um mundo que nunca está completo, mas sempre em andamento. [...] Metaforicamente, é sobre a nossa compreensão de pessoas e outras coisas como desenhando juntas ou vinculando as trajetórias de vida. Metodologicamente, diz respeito ao potencial do desenho como uma maneira de descrever as vidas que observamos e das quais participamos, tanto em movimento quanto em repouso, no que é às vezes chamado de "encontro etnográfico" (Ingold, 2015:317)





Desenhos 41 e 42: também são ilustrações retiradas do diário de campo, coloridas e finalizadas para confecção de produtos do projeto interdisciplinar de saúde, repetindo o mesmo processo citado no desenho 40.



Algo que ficou muito em evidência pelo registro etnográfico com desenhos<sup>7</sup> a caneta — às vezes pintado com lápis de cor — foram as posições do corpo entre cuidadores e crianças, que não indicam apenas algo meramente físico e essencializador. O adulto abaixar para falar com a criança, colocá-la entre suas pernas para conversar ou se sentar no chão para brincar, por exemplo, indica uma fonte de conexão que transmite segurança para um diálogo e interação simétrica. Ou, pelo menos, desfaz um movimento cotidiano “automático”, ofertando uma pausa, uma conexão. Nesses instantes o corpo, de maneira mais enunciada, emana suas reações e posições enquanto está sendo mediador, e palco de compreensão para uma gama extensa de emoções (Lebreton, 2021).



Desenho 43:: Ilustração retirada do diário de campo, colorida e finalizada para confecção de produtos do projeto interdisciplinar de saúde.

<sup>7</sup> Debruçar-me-ei sobre o aporte teórico relacionado ao desenho no trabalho etnográfico com mais afinco em uma seção do capítulo 2. A filosofia ingoldiana está instrumentalizada como uma abertura para este universo a partir do que vivenciei no projeto, mas não representa a única, e tampouco a principal, abordagem para pensar o desenho na construção etnográfica do meu trabalho corrente

NICOLAS | 6min



Desenho 44: Esse desenho foi feito a partir de uma fotografia do campo, com um interlocutor que não poderia ser identificado desenhando

Enquanto pesquisador, ao desenhar as interações corporais e suas gramáticas emocionais, não buscava um desenho do tipo “profissional”, que almeja linhas “perfeitas”. A variedade de formas no desenho de observação (ou de memória), mesmo as mais simples ou abstratas, são reverberadores em potencial de uma linguagem gráfica que acaba conduzindo diferentes perspectivas acerca dos acontecimentos, do qual o etnógrafo que desenha se envolve e que podem “ajudar a registrar e documentar não apenas objetos e informações visuais, mas também conceitos abstratos como emoções, motivações e relações sociais”. (Kuschnir, 2019).

Não por acaso o desenho, em seu traço mais “rudimentar” até a tentativa mais “detalhada”, se tornou uma marca elementar do projeto, pela gama extensa de possibilidades e por se relacionar de forma muito “amiga” com o público, com o objeto em constante progressão, e com o ambiente lúdico do campo. Para as crianças, o desenho não tardou a ser uma atividade também em suas rotinas, quase que indissociável do restante das brincadeiras. Após um certo período em que era realizado somente por mim, a atividade passou a ser ofertada para as crianças ainda nos primeiros meses do projeto. Concordando com a premissa de que Saúde pública e manifestações artísticas se aliam “como importantes formas de preservação da vida e da saúde, inclusive mental, dos laços de afeto e solidariedade e como forma de expressão de sentimentos difíceis de serem verbalizados” (Reinheimer e Kuschnir, 2024:11).

Retomando as primeiras linhas de Tim Ingold (2015), que ao destrinchar sobre o desenho e seu papel na etnografia, evidencia que à revelia da prática escrita, e com a exceção de profissões ligadas à arte, arqueologia e arquitetura, “desenhar é considerado uma prática deixada para trás, na escola primária. Trata-se de uma atividade infantil” (p.259). No caso dessa pesquisa, isso não foi tratado como uma questão negativa, pelo contrário, foi um trunfo. Justamente por estabelecer uma conexão entre o pesquisador e os interlocutores que ao desenharem juntos, são orientados pelo princípio da simetria na produção de conhecimento (Latour, 1997). A informação vinda das crianças não é — e nem poderia ser — menosprezada ou descartada, e sim valorizada, contribuindo para a pesquisa com aquilo que vinham de imediato à sua percepção.

Pudemos reunir com o que era desenhado, por exemplo, sobre as possibilidades de lazer mais comuns fora de casa (mesmo em ambientes não óbvios, como a escolinha da igreja); as estruturas residenciais que desejariam morar; o que gostariam dar de presente para a mãe; e quais eram suas influências advindos dos conteúdos midiáticos, como música e vídeos e programas de

TV.



Desenho 45: feito a partir de uma filmagem, interlocutor segurando seu desenho e explicando o contexto: "Ei! Esse daqui é o Michael Jackson! Ele...é quando. Ele se transformou num zumbi. Voltou ao normal, mas quando a namorada dele vai para a casa abando

Mais do que dar propriamente sentido às linhas que produziam ao retratar suas concepções, ao discorrerem oralmente sobre os desenhos, as crianças tinham um momento central para serem *ouvidas*. O que acabou estendendo-se para as cuidadoras, que também em alguns momentos espontâneos, nos surpreenderam ao decidirem desenhar e, ao fazê-lo, contar um pouco sobre si enquanto rabiscavam. De como tinham habilidades artísticas ou intelectuais que tiveram que deixar em segundo plano pela necessidade de cuidarem de suas famílias, de suas lutas contra a depressão

e alcoolismo e de registrar o que estavam vendo no projeto — de que maneira enxergavam a nós, da equipe.



*Desenho 46: "Em um determinado momento, Quézia [uma das cuidadoras] sinalizou que me desenhou, comentando 'Você desenha todo mundo. Mas tem alguém que te desenha?'. Fiquei emocionado na hora com este gesto e as palavras." (diário de campo, 06/10/2022)*

### **2.1.5. Outras capilaridades do projeto interdisciplinar com famílias no campo da saúde**

Trouxe até essa parte do capítulo um pouco sobre algumas experiências em campo do projeto em que fiz parte, com famílias — crianças e cuidadoras — de uma região popular na Zona Norte do Rio de Janeiro. Onde as interlocutoras tinham um espaço para poder ser ouvidas e orientadas, mas também de participar de um ritual de transformação mediante questões que eram trabalhadas pela equipe de psicólogos.

Embora lamentasse que alguém deixasse de participar, não podíamos obrigar quem não quisesse a se colocar nessa posição de um estado intermediário constante. Afinal, comparecer era mais que assumir um compromisso semanal, fazia parte do bojo da experiência de se revirar em novas autoinspeções, reflexões, reformulações subjetivas, sobretudo ao ouvir as considerações dos profissionais de psicologia sobre os comportamentos e atitudes.

O mundo da vida e suas demandas não é estático, e novas questões surgiram tanto para as crianças que tinham uma aderência mais ativa pelo ambiente lúdico, quanto para os adultos que mantiveram as ressalvas em alguns casos por centarem-se em objetivos menos negociáveis, muito ávidos por diagnósticos e definições imediatas para as situações das crianças.

A participação e integração do desenho dentro da pesquisa no posto de saúde, dessa maneira, representou não só criações de um retrato estático de um momento ou de uma passagem imediata, mas a construção sequencial de linhas em movimento de um projeto e construção e também a oferta de uma possibilidade das próprias crianças e, de maneira consequente, alguns adultos desenharem seus próprios movimentos: o que estavam imaginando, o que gostam de retratar, informações que para si eram próprias e poderiam ser inseridas no papel, e fontes de afeto que foram sendo trabalhadas semanalmente entre crianças e cuidadoras, mas também com a equipe que mediava as atividades.

Foi ficando evidente que o projeto não poderia ressoar com quem não abdicasse justamente de suas definições prévias de autoimagem ou de intenções muito diretas (objetivas/convencionais/normativas?), ao não ver sentido ou razão de ser no que estava sendo realizado: uma pesquisa que abria o leque da subjetividade e possibilidades, mas não tinha como pressuposto necessário diagnosticar de pronto ou apresentar rápidas soluções aos problemas. Não

é disso que se trata um atendimento psicoterapêutico, e muito menos uma etnografia. No entanto, essa *busca* foi marcante e presente nas discussões da pesquisa.

Pela rotina de estar em um ambulatório, vislumbrando que as possibilidades de desenhar em uma pesquisa, tanto como fomentador de um caderno de campo, como uma fonte de interlocução para usuários do SUS, fui incentivado pela equipe de pesquisa a prolongar meu interesse de estudo na área por meio de uma etnografia que se estenderia, a princípio, em medidas similares e orgânicas do projeto realizado até aqui, para uma observação e interação na sala de espera — na parte interna do ambulatório. Por uma série de questões que elaborarei ao longo da dissertação, essa proposta permaneceu em estágios embrionários. No entanto, a abordagem primária rendeu alguns pontos que considero interessante incorporar neste capítulo, para jogar luz a uma possibilidade de pesquisa em outros meandros. Tais pontos são discorridos no tópico seguinte.

## 2.2. Registros empíricos na construção de outro campo, dessa vez na sala de espera do ambulatório de saúde.



Desenho 47: Etnografia desenhada da sala de espera do ambulatório, perspectiva da recepção, triagem, cadeiras e pessoas (Desenho de observação in loco com anotações).



Após finalizada a pesquisa com a equipe multidisciplinar, ingressei no mestrado do PPGCS-UFRJ com um projeto de observação de uma sala de espera do ambulatório em que estávamos realizando o trabalho, também utilizando o desenho como metodologia e objeto de interação e análise. Enquanto aguardava os trâmites burocráticos serem resolvidos em relação ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, me dei a chance de observar, com todas as limitações da interação, o ambiente do campo e registrar alguns poucos desenhos para poder compor uma análise preliminar da experiência dentro da “sala de espera”. No entanto, de tanto repetir esse enunciado “campo na sala de espera”, foi somente na primeira observação empírica, ao registrar em desenho, que me dei conta de que o que queria me referir, na verdade, estava relacionado a múltiplos ambientes de espera, em um mesmo lugar. O campo era composto por numerosos “cantos”, com assentos em que as pessoas estavam, de fato, aguardando algo. Cada espaço estava relacionado a uma expectativa em específico, a uma sala de um serviço de atendimento — podendo ser vacinas, realização de testes do setor da Infectologia, atendimento psicossocial, conversas com clínicos gerais etc.

Esse provavelmente foi um dos principais desafios, me localizar em meio a tantas divisões ergométricas e conseguir traçar uma rota de organização em meio a esses espaços. O que dá para dizer, tendo isso em vista, é que não foi simples estar lá. Não porque fui de alguma forma barrado ou questionado nesse primeiro momento. Pelo contrário! Nos breves momentos que permaneci



desenhando e anotando, eu não fui abordado — nem pelos usuários, nem pelos profissionais. Alguns provavelmente já me conheciam de vista, do trabalho realizado anteriormente. Só falei com uma pessoa, um psicólogo que trabalhou comigo anteriormente com quem mantenho contato para a publicação de um livro da equipe. Falas breves e cordiais. Mas no geral, talvez pela minha pose contida, por ser branco, de óculos (o que pode remeter a um pertencimento a um mundo distinto daquele, intelectual, acadêmico), pelo material pouco chamativo ou pela roupa "formal", não gerei desconfianças ou curiosidades manifestas. Quem sentiu alguma das duas, não relatou, apenas olhou e seguiu sua vida.

Talvez tenha sentido que não é simples estar lá por algum desejo de querer finalizar logo o desenho, mesmo sabendo que o campo precisa realmente de *tempo*, para tomar forma. Talvez pela condição de “clandestino”<sup>8</sup>, no primeiro dia, me veio uma angústia e pressa, que me fez ficar pouco menos de 1h30, com a sensação de ter ficado mais. Nem desenhar me distraiu dessa tensão. Na verdade, me deixou mais alerta. Poderia ser a sensação de caos do primeiro dia de pesquisa (o que olhar, o que desenhar, o que escrever, como dar sentido a tanto?), ou por estar ainda com o corpo “impaciente”, após passar cerca de 3 horas no trânsito para chegar no ambulatório — algo que busquei uma resolução o mais breve possível, me mudando para perto do Centro de Saúde.

<sup>8</sup> Até a escrita inicial desse subcapítulo, o CEP da UFRRJ tinha aprovado a realização da pesquisa e encaminhado para o CEP da instituição coparticipante, na qual propunha meu campo, que tinha feito mais exigências para o prosseguimento do processo de aprovação. Não sobrando tempo hábil para interações com interlocutores.

Embora eu contasse particularmente com alguns aparelhos que me permitiam sentir menos "estranho" ao ambiente, por já o frequentar sem a intenção de direcionar minhas atenções de pesquisa para o espaço, ainda assim, me senti um pouco perdido. São muitas coisas para olhar. Mesmo assim, me concentrei para não desaninar até reunir uma quantidade razoável de registros



escritos e gráficos. O lugar que escolhi — um pátio que fica um pouco deslocado da sala de espera principal, a tal "triagem" — foi de certa forma estratégico para se ter uma vista panorâmica das cadeiras e dos corredores.

Não foi possível ver tudo dali, mas eu tinha uma visão com profundidade do outro lado, permitindo captar uma quantidade considerável de pessoas e passagens, bem como assentos. Considerei o espaço também um possível lugar em que eu não estaria "atrapalhando" o trabalho do posto. No entanto, esse espaço fica do lado de um ar-condicionado muito barulhento, com um espaço ao ar livre, o que me impediu de ouvir o que as pessoas diziam, de fazer a famosa fofoca etnográfica. Ouvir algo em particular, na totalidade, é um grande desafio. Em dado momento, já no final da minha estadia, consegui sentar-me mais próximo dos assentos da triagem principal, porém continuei distraído pelo misto de vozes que se confundiam umas às outras, impossibilitando uma audição mais resoluta. Por outro lado, sentar em um dos assentos garantiu que eu apoiasse melhor minhas costas que já estavam doendo de estar sem encosto e, em relação ao registro, podendo preencher o desenho de outro ângulo.

Embora com a sensação incômoda de querer terminar, eu me permiti ficar o máximo que pude, focando no que era possível e no que me chamava atenção. Ao desenhar, percebi que a



espera mantém as posições das pessoas preliminarmente estáticas — algo que parece óbvio ao relatar —, mas os olhares e a cabeça o tempo todo se movimentam em direção a alguma "novidade" ou movimentação externa, provavelmente na expectativa do próprio nome ser chamado. Mesmo com a acústica do ambiente, a meu ver, prejudicada, notei uma comunicação à distância entre os frequentadores que se mostrou eficaz. Os usuários atendem de pronto um simples olhar, às vezes mesmo antes de algum nome ser citado. Como se houvesse uma sinergia entre usuário e profissional quando o primeiro é captado pelo segundo. Enquanto sentados, notei roer de unhas, alguns gestos de carinho por parte dos usuários e acompanhantes: como um carinho na orelha de uma senhora (talvez avó?) e uma criança e uma moça deitando a cabeça no ombro de um rapaz (talvez seu namorado?).

Pela própria condição da minha pesquisa não estar totalmente resolvida burocraticamente, não busquei me inteirar mais profundamente, quis dar mesmo uma “observada preliminar”. Não conversei com ninguém, e como já disse, ninguém conversou comigo. Ser uma pessoa introspectiva em lugares desconhecidos corrobora essa posição. Acreditava que, ao longo dos dias, se eu me mantivesse nesse lugar, próximo ao pátio, e colocasse o material de pintura que eu posso — uma cesta com canetinhas, giz-de-cera e lápis de cor — talvez eu fosse abordado, sobretudo por crianças, espelhando minha experiência no projeto anterior com as famílias.

Por mais que meu foco não fosse mais nelas — por razões estratégicas de pesquisa, que serão comentadas no próximo capítulo —, pelo andar das movimentações que observei, reparei

que existe, de fato, uma circulação bastante significativa de crianças, para além do projeto que relatei, tanto em idade de correr quanto em idade de ficar no colo. O que me faz pensar, mediante os resultados do projeto que participei anteriormente, que o desenho teria a possibilidade de colaborar para que os responsáveis pudessem ficar menos aflitos em aguardar atendimento e ter que interpelar as crianças de um comportamento que as concentre em permanecer num mesmo lugar.

Minha esperança era que adultos, mesmo em meio a tanta expectativa em torno do que vieram fazer no posto, pudessem dar sua contribuição e viessem desenhar também. Mas até então considerava que estava me precipitando, que teria “tempo” para desenvolver e conseguir entender que apenas algumas horas naquele espaço já eram suficientes para ser acachapado de informações e movimentos. Os profissionais, por exemplo, circulavam intensamente — de lá para cá, até mesmo os médicos. Demorei para conseguir registrar em desenho alguém de jaleco, por exemplo, pois estes estavam sempre com passos acelerados.

Algo que se difere de clínicas e hospitais particulares são os/as médicos/as e enfermeiros/as, bem como agentes, indo até a sala de espera dar informações e permanecendo um tempo conversando com usuários, uma atenção dinâmica que extrapola consultórios e suas paredes.

Pensei então que talvez ao me sentar mais na frente, conseguisse entender do que se tratava e assim poder atribuir mais detalhes a essa observação. Pessoas se penduram também na vitrine que “protege” os recepcionistas que ficam ao computador, e muito papo rola entre profissionais, que parecem não ser apenas sobre questões relacionadas ao funcionamento e sim também assuntos informais.



Desenho 48: Etnografia desenhada do pátio interno próximo a sala de espera principal do ambulatório, com bancos, pessoas e plantas. (Desenho de observação in loco com anotações).



Em um segundo dia, consegui esticar minha estadia no posto por mais tempo. Demorei alguns dias para voltar. Nesse tempo estava, em alguma medida, checando se essa empreitada de visitar o posto sem a burocracia resolvida era algo que mais prejudicaria ou beneficiaria a pesquisa. Por fim, algumas conversas depois, decidi que continuaria indo casualmente, sem a pretensão de estender uma interação com os presentes e não levando ainda material de desenho para uso de outras pessoas. Minha posição se limitou à mesma da visita anterior: uma prancheta, folhas de papel e algumas canetas — conjuntamente a uma atitude mais recolhida e concentrada no desenho.

Dessa vez, decidi me manter no pátio, porém em uma posição mais central, conseguindo visualizar primordialmente metade de sua extensão (do pátio), que fica ao ar livre, e de frente para alguns bancos que estavam protegidos da chuva por uma lona que não foi possível registrar no desenho. Minha intenção era provisoriamente focalizar nos objetos, em maior medida nos “bancos” que além de se destacarem bastante na minha visão, também indicam importantes signos de “espera” por estarem sendo usados de assentos pelos usuários do Centro de Saúde. Focar nos objetos me fez ficar menos ansioso do que na visita anterior. Desta maneira, tentei prestar o máximo de atenção nos detalhes e linhas que compõem esses assentos, buscando ficar longe do celular e da hora que ele indicaria.

Fiquei menos preocupado com a reação dos outros, mas tenho impressão de que algumas pessoas, sobretudo profissionais, andavam devagar ao meu lado e davam pequenas pausas em seus



passos corridos para darem uma olhada no que eu estava colocando no papel. Mais uma vez, ninguém quis papo diretamente comigo. Fico a pensar, mais uma vez, se por meus marcadores sociais, escolhas estéticas, o uso da prancheta em concentração, gera algum entendimento que um “trabalho está sendo feito” e, portanto, não tem de ser “perturbado” por alguma pergunta ou curiosidade.

De qualquer maneira, pensei que teria de pensar formas de parecer mais aberto. Já nessa visita tentei ir com roupas mais “informais” e coloridas do que na visita anterior. Talvez não houvesse diferença significativa, e as pessoas reparassem em outras coisas, ou mesmo nem se importassem, ou não se sentissem compelidas. Me arrisco dizer, contudo, que o ato de desenhar evocava uma certa curiosidade silenciosa, o que diferiu de minha experiência de desenhar nas ruas, quando sempre havia pelo menos uma pessoa querendo ver e perguntar sobre. Talvez seja meu desejo que isso se dê dessa forma, com abordagens, mas a sala de espera de um ambulatório evoca um outro clima para tais amenidades. Seja como for, tinha decidido continuar esse hábito de

desenhar, para só depois da burocracia resolvida junto ao CEP poder me abrir para dialogar com as pessoas e oferecer material de desenho.



*Desenho 49: Recorte do desenho 48, dando enfoque aos interlocutores à minha frente.*

Apesar de estar “mais interessado” em retratar, especificamente nessa visita, a disposição dos bancos e dos objetos no ambiente, havia três pessoas em um dos bancos desenhados, que permaneceram junto a mim durante toda minha estadia, e de alguma forma “obstruindo” a visão de outras coisas que estavam atrás/na frente deles. Tentei não ignorar, fingindo que eles não existiam, e me concentrei em retratar outras coisas.

Busquei registrá-los em outra cor, azul-claro, demarcando a posição que eles se encontravam. Foram as primeiras pessoas que registrei nesta visita. Era uma mulher com uma criança no colo, acompanhada de um rapaz — ambos aguardando atendimento, talvez para a criança. Pude perceber, depois que levantou, que essa mulher estava grávida. Assim, o atendimento também poderia ser para ela e o homem e a criança estavam “acompanhando”. Aliás, além de muitas crianças e cuidadoras, também havia muitas pessoas em estado de gravidez. Em suma, não pude ter mais detalhes das razões de suas presenças, pois me contive em conversar com pessoas, como parte do trato comigo mesmo de ainda não me envolver nesse sentido. No entanto, através da observação indireta, busquei registrar a posição desse possível casal em sua espera, que pouco se alterou.



Desenho 50: Recorte do desenho 48, retratando interlocutores aguardando nos arredores

Acompanhando o “casal” (?), a criança, por sua vez, saiu do colo da mulher (talvez sua mãe?) e foi para o colo do homem que a estava acompanhando (talvez seu pai?) e depois se posicionou de frente para o terceiro banco, ao lado deles, para mexer no celular. Essa movimentação foi marcada em amarelo (recorte 1), na tentativa de registrar essa temporalidade e dinamismo de gestos. Logo, pode parecer que há duas crianças no registro central, mas é apenas uma, em múltiplas ações e lugares. Em outras posições marcadas de outras cores, ficaram outros usuários que permaneceram bastante no mesmo lugar - não busquei retratar pessoas que estavam andando ou que ficaram pouco tempo, de memória. Assim, todas as pessoas do desenho estavam na mesma posição por um período razoável, entre 10 e 20 minutos, no mínimo. Em outra perspectiva (recorte 2), registrei de lilás, com o celular na mão, uma usuária, e de verde atrás dela, sentado, estava um senhor com boné preenchendo um caderno de palavras-cruzadas. Em outro banco virado para a recepção principal estavam três mulheres, aguardando há bastante tempo.

Completei o fundo com a maioria das pessoas aguardando na referida recepção em linhas menos detalhadas. Assim, foi possível diferenciar no traço o que mais chamou minha atenção.

Dessa vez ouvi e anotei poucas coisas, me desliguei um pouco dessa vontade de querer “entender tudo” e fiquei mais relaxado com o desenho que tinha em mãos. Contudo, houve espaço para pequenas notas como meu entendimento de mobilizar atividades que não atrapalhassem as atividades regulares do posto. O pátio onde eu me sentara, pelo espaço e pela sensação agradável que as plantas ao redor traziam para um ambiente “clínico” parecia ser o lugar ideal para conduzir a pesquisa. Anotei ainda alguns fragmentos de diálogos, na verdade, falas isoladas, que denotavam reações. Primeiramente uma profissional passando e falando casual e brevemente com uma senhora de muletas “E essa força aí” e outras pessoas se perguntando “Vai tirar o que? Sangue?”. Algumas pessoas tentando entender se já haviam sido chamadas “Pensei ter ouvido Josilene” e algumas reclamando por estarem perdidas “Que estresse! Maria José, só Jesus, a vacina é para o outro lado”. Conseguí registrar também acompanhantes esclarecendo questões para pessoas que estavam sendo atendidas “A receita é só dia 16”, indicando que talvez tenham perdido a viagem naquela visita e facilitando a comunicação para que o/a paciente se situasse melhor no calendário de agendamento.

Ao esperar a resolução do campo na sala de espera, tinha a expectativa que minha abertura para efetivamente me *intrometer* se oficializasse para me familiarizar mais com esses tipos de reações, à medida que minhas visitas ao posto se tornassem mais frequentes e fosse possível entender melhor a disposição de salas e serviço, possivelmente ganhando mais confiança e reconhecimento dos profissionais e usuários. No entanto, isso não aconteceu.

Até a escrita dessa dissertação, o CEP continuou fazendo demandas de ajustes no projeto e documentos. Por isso, a opção de relatar no capítulo a seguir como foi essa experiência de tentar dar prosseguimento a uma pesquisa, iniciada em equipe, como pesquisador autônomo, vinculado a um Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Assim, prossigo com reflexões relacionadas ao CEP, bem como outras dimensões considerando desenho, antropologia e saúde.

## **Capítulo 3. Meu lugar enquanto pesquisador que desenha dentro do campo da antropologia na saúde: desafios e questões éticas**

### **3.1. Formação enquanto pesquisador que desenha em campo**

Antes de adentrar nas questões e proposições dentro do campo da Antropologia da Saúde, gostaria de retomar um pouco como se desenvolveu minha aproximação com o desenho e as ciências sociais. O contexto central se desenrolou a partir da minha participação em uma disciplina de Antropologia e Imagem na graduação, com a professora Karina Kuschnir que, além de discorrer teoricamente sobre a prática nos artigos presentes na bibliografia do curso, ofertou didaticamente técnicas de treino aos estudantes de graduação.

O enfoque era referenciado em situações do dia a dia, das nossas vivências em casa, nos locais de trabalho e estabelecimentos de lazer, o bairro da faculdade, as ruas que conectam estes pontos, nos objetos que portamos. Portanto, reforço que as bases da minha trajetória são os pilares de orientação para meus passos atuais e, essa prática de desenhar enquanto exerço a observação participante está atrelada fortemente ao contexto de pesquisas urbanas e do cotidiano nas cidades.



*Desenho 51: Primeira incursão desenhada que se pretendeu etnográfica. Local: Praça Barão de Drummond, Vila Isabel. (Desenho de observação in loco com anotações).*

Meu interesse pelo urbano, desta maneira, esteve praticamente correlacionado ao desenho,

corroborado por outras disciplinas que cursei no mesmo período e que tinham caráter semelhante. A base para a observação com registros gráficos foi meu primeiro trabalho que se pretendeu etnográfico, em uma praça de Vila Isabel, no local onde eu residia à época, cinco anos atrás. Observar as ruas, desde então, com seus movimentos, trânsitos e passagens, se tornou um *passatempo*. Por conseguinte, a leitura de etnografias de sociedades “complexas” (Velho, 1981, 2009), de “tribos urbanas” (Magnani, 1991, 2005) e relações provenientes dessas configurações formaram o que passei a entender mais efetivamente enquanto ofício do/a Antropólogo/a.

Particularmente, este tal “ofício de Antropólogo/a” (Oliveira, 2018) me parecia distante quando relacionado a etnologia clássica, junto a povos indígenas e a sociedades consideradas exógenas por pesquisadores brancos. Apesar disso, outras fontes de discussão me reaproximaram mais recentemente dessas bases da antropologia “tradicional”, como foi o caso de pesquisadora/es que buscam desessencializar as noções de arte quando consideram a produção de artefatos indígenas (Lagrou, 2003 e 2009), ou mesmo debatem se é possível uma aplicação transcultural do conceito de “estética” em grafismos de populações que não operam na mesma cosmovisão ocidental (Weiner *et al.*, 1993). Pelo desenho estar orientado junto a minha prática de pesquisa, se tornou inevitável não entrar em uma discussão, em meio a minha formação, no que consiste epistemologicamente o ato de “rabiscar” e desenvolver “traços”, em uma tentativa de estender universalmente a prática (mesmo que na tentativa de não generalizar) enquanto algo, embora a princípio não unicamente, fundamentalmente humano.

### **3.2. Referenciando a construção de uma pesquisa com desenhos na esfera institucional da saúde**

Interessava-me na pesquisa no ambulatório abracer de alguma maneira o aspecto urbano e a gênese dos traçados, das “linhas” e as formas de representações visuais que seres humanos desenvolvem. Esperava, todavia, não ir de A à Z em uma tentativa “desesperada” em tocar em todos os pontos possíveis, sem o devido cuidado para não me perder em meio a tantas discussões. Imaginava que, com o devido cuidado, eu pudesse desenvolver uma cadêncie que tocasse nesses pontos para defender a dissertação. Entretanto, não concebia a possibilidade de apenas ignorar que essas frentes, ao menos em tese, se relacionam com meu campo.

Minha proposta de pesquisa para o mestrado estava alicerçada no estudo qualitativo de cunho etnográfico analisado no primeiro capítulo, dessa vez centrado na sala de espera, cujos esboços também foram dimensionados. Eu versaria sobre as relações, subjetividades e materialidades nas andanças, interações e falas dos usuários em uma sala de espera de um Centro de Saúde Escola - CSE, na Zona Norte do Rio de Janeiro. A etnografia teria como pilar metodológico a realização de desenhos de observação, anotações de diálogos e movimentações na sala de espera, assim como a oferta aos interlocutores da pesquisa de desenharem a mão livre aquilo que é mais evidente ao momento, na expectativa de que suas perspectivas, sensações, emoções pudessem ser compartilhadas.

Em meio a experiência anterior com famílias, no projeto interdisciplinar, desenvolvi em meio a esse campo esse alargamento de interesse para a sala de espera, projetando uma pesquisa que percorria essas nuances, ao continuar buscando lançar mão do desenho como pilar principal de abordagem e registro, que se mostrou fortuita tanto para um aporte de modulações visuais e de memórias do que aconteceu durante o projeto na intenção da produção de conhecimento simétrico em um espaço de realidades tão díspares entre instituição e comunidade.

Ao desenvolver tal técnica na sala de espera — local dominado por telas de celular, sofrimento e expectativas —, se mostrou intencional que tanto para uma etnografia comprometida com uma observação participante imersiva, quanto uma cocriação que interliga a arte a conceitos de humanização nos acolhimentos em saúde, os materiais de desenho e pintura pudessem concretizar relações de pesquisa colaborando para uma compreensão mais sensibilizada e intensiva do cotidiano dos serviços em saúde e com algum êxito, formatar um lugar menos subalternizado para a Antropologia nas discussões de Saúde Coletiva. Esse lugar foi uma das primeiras perguntas que coloquei em meu projeto de submissão ao Programa de mestrado.

Passei a me interessar em compreender mais a respeito das fronteiras entre atendimento clínico e pesquisa etnográfica, assim como sobre o campo de investigação antropológico e os serviços orientados pela Saúde Pública e Saúde Coletiva, o que suscitou quatro pontos de partida para pensar meu ingresso no mestrado: (1) Qual posição estaria localizado(a) e como poderia atuar um (a) pesquisador(a) de Ciências Sociais nos parâmetros de serviço em saúde nas demais ocupações daquele ambulatório? (2) Como os Antropólogos(as) são recebidos(as), percebidos(as) e como podem interagir, com pacientes na sala de espera de um ambulatório para fins tanto de

pesquisa etnográfica, quanto em um possível trabalho integrado de atendimento? (3) Como poderiam ser aproveitadas, por profissionais da saúde, etnografias realizadas neste espaço em atendimento em saúde? Seriam valorizadas? Seriam desprezadas? (4) Qual a possibilidade que o desenho e confecções artísticas teriam de atuar, de forma ampliada, em contextos de registro e interação etnográfica nestes espaços? Quais seriam os sentimentos, informações, conversas, trocas e relações geradas a partir dessa ferramenta?

As três primeiras perguntas partem de interrogações presentes na própria construção do campo da Antropologia e da saúde. Se por um lado, temos coletâneas que endossam a prática de etnografias em serviços nessa esfera (Ferreira e Fleischer, 2014; Ferreira e Brandão 2020), mediante trabalhos de pesquisadores empenhados nos temas concernentes — doenças crônicas, terapias alternativas, instituições hospitalares e ambulatórios, farmacologia, para citar algumas, o leque de investigação está aberto em grande medida para trabalhadores/as (de enfermagem, de psicologia, medicina) inseridos dentro da seara ambulatorial, procurando na etnografia uma aliada de pesquisa para trabalhar com questões já presentes no cotidiano dos serviços que desempenham.

### **3.3. A atuação da antropologia nos assuntos da saúde: balanço dos interesses de pesquisa das últimas décadas**

Quando esse leque se expande para antropólogos/as e cientistas sociais de formação, cuja origem pode ser externa, a situação vai depender se estes se enquadram em formação intermediária ou continuada (pós-graduação) junto ao quadro da Saúde Coletiva, por exemplo, onde os desafios são específicos do segmento. Apesar de dentro desse campo interdisciplinar haver as Ciências Humanas em Saúde para suprir a incursão, por exemplo, antropológica, frequentemente essa, em uma queda de braço com um debate proponente de intervenções, perde força. A antropologia, em especial, vem de um histórico de subordinação perante as demais disciplinas e segmentos na Saúde Coletiva, por ser entendida enquanto desenvolvedora de um trabalho, longo, artesanal e fomentador de críticas excessivamente “desconstrutivas”, perante as “urgências” das questões que pulsam no cotidiano em saúde (Russo e Carrara, 2015).

Apesar de ter desenvolvido um trabalho (anterior ao mestrado) junto a uma gramática interdisciplinar, o projeto de mestrado não estava mais atrelado a um segmento da Saúde Coletiva — tampouco da Saúde Pública, considerada mais normativa quanto a questões de serviço e planejamento. Logo, não teria por que responder diretamente tais urgências do cotidiano em saúde, embora não procurasse de forma alguma as ignorar. À medida que escolhi aprofundar minha formação e seguir a carreira acadêmica em um programa de Ciências Sociais, passei a ter que compreender os usuários, as relações e os serviços e a buscar — logo no primeiro ano do mestrado no programa em que ingressei — qual seria meu lugar de atuação enquanto cientista social, etnógrafo, interessado em questões ligadas à saúde.

Sem dúvida, para compreender meu lugar, eu precisaria entender mais amplamente, fora da ótica interdisciplinar — que tem tido dificuldades de acomodar a contribuição das ciências sociais e seus saberes —, como surgiu o campo de investigação da saúde na Antropologia, sobretudo, no contexto brasileiro. Para tal, foi imprescindível entrar em contato com a literatura oriunda de uma discussão promovida a partir do I Encontro de Antropologia Médica, em 1993, em Salvador, reunindo importantes lideranças ligadas ao tema; além das consequentes mesas temáticas nas reuniões da ANPOCS (Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais) e nas reuniões da ABA (Associação Brasileira de Antropologia) do período que culminaram, destaco aqui, em duas coletâneas: “Saúde no olhar antropológico” (Alves e Minayo, 1994) e “Doença, Sofrimento e Perturbação: perspectivas etnográficas” (Duarte e Leal, 1998).

Resultante disso, ao fim da década de 90, já se mobilizava o trabalho antropológico para abarcar as impugnações de movimentos sociais, com especial impacto a epidemia da AIDS, para dar voz aos sujeitos para que estes organizassem seus corpos e perturbações. A *diversidade* como fonte de reivindicação passou a se configurar como tônica para orientar novos tipos de politização sobre pessoa e corpo.

Nesse sentido, a antropologia ao lidar com questões ligadas à saúde procurava adotar uma abordagem mais holística, das análises de narrativas influenciadas pela fenomenologia e pela etnometodologia, não centrando sua discussão em saúde e doença e sim no corpo e suas perturbações — bem como as relações sociais advindas dessas questões. A partir deste ponto, a *doença* passava a ser gradativamente questionada, sujeitada enquanto uma categoria totalizante e

naturalizada, ao passo que o termo norte-americano “Antropologia Médica” passava a ser criticado por reforçar, sem uma devida orientação mais ampla ou crítica, dimensões estadunidenses de *indivíduo, medicina e enfermidades*<sup>9</sup>.

Na contemporaneidade, se perpetuam questões sobre a importância de pesquisas antropológicas que vitalizam a necessidade das inserções — etnográficas, sobretudo —, na construção de novos repertórios de conhecimento. Em especial, nos serviços, ainda paira a necessidade de prestar especial atenção a atores/interlocutores em posição subalterna na escala profissional em ambulatórios e hospitais — na limpeza e segurança; também ao funcionamento de laboratórios de vacinas, a partir dos desdobramentos na pandemia — evento que transformou os nossos modos de pensar e fazer pesquisa e saúde —; além do debate, longe de ter uma conclusão, das operações da medicina tradicional ocidental em *oposição* a terapias alternativas diversas. Todos esses pontos ainda suscitam possibilidades de pesquisa<sup>10</sup>. Logo, é possível delimitar que os antropólogos começaram a se contrapor às ideologias científicas dominantes sobre saúde, doença, corpo, procurando entender as formas de expressar e interpretar o sofrimento e a dor (Caprara e Landim, 2008:365).

### **3.4. O desenho como articulador na pesquisa etnográfica, e seus meandros articulação na sala de espera**

O desenho e as formas de grafismo não têm sido estranhos como recurso na história da Antropologia. No entanto, o desenho enquanto ferramenta de pesquisa, por sua vez, por mais que já trabalhado como prática corriqueira anterior às inovações filmográficas, tem sido reorientada como um caminho instigante na atualidade. Enquanto atividade para fins analíticos, o processo e

---

<sup>9</sup> O trabalho de Young (1982) relata que sua denominação “Antropologia Médica”, com desenvolvimento intrínseco às abordagens culturalistas e funcionalistas nos Estados Unidos, está relacionada à emergência de um discurso do campo sobre a “enfermidade” e para que fossem fomentadas oportunidades de trabalho que fugissem do reducionismo biológico, orientação que aproximou antropólogos/as de clínicas e de programas de atenção primária e familiar. Com isso passaram a se fortalecer correntes críticas da associação da antropologia à clínica “por sua subordinação ao modelo médico, propiciando inclusive a sua expansão” (Canesqui, 1998:15). Para Duarte (1994) a configuração ideológica a que se tem chamado de 'individualismo' atravessa todo o horizonte cosmológico em que se tem movido essa cultura (e todos os saberes que lhe são associados, como a Medicina ou a Antropologia). (p.85)

<sup>10</sup> Esse parágrafo foi impactado pela fala de Jaqueline Ferreira na mesa da 34ª RBA sobre os 10 anos da coletânea já mencionada “Etnografia em serviços de saúde (...)” de 2014.

o resultado podem ser um realce significativo para se pensar diferentes questões no campo e da forma como o/a etnógrafo/a se coloca neste meio.

Desenhar tendo sido a única maneira de retratar o testemunhado em uma época sem câmeras, ou seja, de comunicar informações etnográficas ou outras informações científicas (Causey, 2017), poderia muito bem incorporar os dilemas e progressões da Antropologia Visual, por justamente ser uma abordagem com uma linguagem não-escrita. No entanto, sua trajetória teve um papel de figurante ou de coadjuvante na institucionalização desse campo (Azevedo, 2016). Desta maneira, após anos no limbo, nas gavetas, sem um devido tratamento analítico, o desenho (de memória, de observação, de transcrição) na etnografia e na pesquisa socioantropológica, tem sido uma empreitada resgatada, difundida e defendida sobretudo na última década (Baumgartem, 2023). Tal empreitada indica paradigmas de exploração, reavaliação do exercício de “cientista social” nos trabalhos qualitativos em anos de submersão digital e de embates quanto à produção de conhecimento, na busca por aprimoramentos e reflexões em conjunto à atuação na pesquisa de campo.

Para fins de analogia, ao pensar na ilustração científica referida às ciências biológicas, a precisão do traço remonta à rigidez do conhecimento, pretendido como estritamente científico-racional, sobre a anatomia de plantas e insetos, por exemplo, primando por uma exatidão de formas e representações. Nas ciências humanas, sobretudo na Antropologia, no entanto, menos interessa retratar fielmente a anatomia das pessoas e das coisas em si, inclusive por motivos éticos de não expor, ou seja, não se tratando de revelar; mas sim, poder ter a chance de evocar (Olivar, 2017; Reinheimer e Kuschnir, 2024) Nas pesquisas socioantropológicas pretende-se, assim, desfocar da figuração precisa dos “rostos” para focar em retratar a interpretação do/a pesquisador/a junto às formas de vínculo com/das pessoas, as construções de identidade e dos mecanismos de alteridade.

Com a prática do desenho, isso se dá pelo processo da limitação do traço de quem desenha, do humor de quem coloca no papel, do tempo que se tem para ilustrar e das motivações que se colocam para que o desenho se perfeça. Além, claro, das formas de diálogos que o desenho cria – instigando algumas pessoas, possíveis interlocutores/as, a reagir ao desenho feito, muitas vezes se sentido lisonjeados/as por serem retratado/as, corroborando para uma participação dialogada na etnografia (Kuschnir, 2019).

Portanto, não se trata de reportar uma *verdade neutra* em formato gráfico, mas sim de ilustrar um ponto de vista socioantropológico, de imersão no campo, de uma antropologia que precisa ser, acima de qualquer proposição, relacional, além de, em muitas medidas, politizada (Pereira, 2020). O trabalho precisa ser um reflexo *franco* de uma *mente* que se relaciona com outras por trás de seu desempenho, uma *mente* que também é “incorporada” (Csordas, 2008), justamente pela incapacidade humana apenas de reportar as coisas “objetivamente”, ou seja, de maneiras “não afetadas” (Causey, 2017). Em suma, se configura uma experiência que examina além de uma visão de alguém, também de todo um contexto em que se criou para que o desenho (e o trabalho etnográfico) fosse possível, e de suas chaves interacionais com o campo — mais do que o registro de um olhar, trata-se da construção da forma que se olha, via uma maneira específica de desenhar (Carneiro, 2011).

Engajar essa prática é corroborar para uma reorientação na forma de enxergar as produções de conhecimento. Compartilho, desta maneira, como Kuschnir (2016) encara o engajamento do desenho no trabalho antropológico enquanto um retrato de “um panorama filosófico mais amplo da disciplina”, por justamente a Antropologia se movimentar na complexa tripartição de oposições e complementações entre iluminismo, romantismo e nominalismo/empiricismo — incorporando a teorização de Duarte (2004).

Quanto a esse entrelace, entendo a produção das ciências humanas enquanto algo que se distancia e se aproxima dialogicamente com as metodologias das ciências *hard*. Nesse sentido, é preciso defender um lugar específico dos estudos sociais e antropológicos enquanto um transbordar de camadas, mas que não se retira de uma posição legítima de ofertar recursos e providências para uma maior compreensão do estar vivo no mundo. Dessa maneira, o desenho corrobora para a complexidade do trabalho etnográfico, mas está distante de ser uma metodologia rigorosa, como aborda Michael Taussig — com princípios que se fecham para possíveis experimentações — se aproximando em maior medida, portanto, de uma *abordagem* (Lagrou e Toniol, 2023), fazendo com que valorize o trabalho colocado no caderno de campo, das anotações, das reações ao se permanecer e transitar em um lugar, de registrar que efetivamente esteve lá e de sedimentar que se desenhou, é porque viu (Taussig, 2011). É catalogar os movimentos incessantes de uma antropologia que (ainda) está viva (Ingold, 2015).

Ao se colocar no papel traços que esticam ou comprimem visões, se foca comumente em algo específico — em detrimento de um todo complexo. Nesse circuito é possível agregar símbolos, números, palavras e sinais, e ao fazer, é viável complementar a orientação didática da escrita, além de corroborar os processos cognitivos e de memória de quem está pesquisando (Causey, 2017). Em algo mais restritivo a uma abordagem sistemática, Becker (2021) traz também a possibilidade dos diagramas (com identificações em legenda) enquanto compartimentadores organizacionais das relações do que se está estudando, e rememora o trabalho exemplar de Foote-Whyte (2005) ao diagramar interações dos rapazes do gueto ítalo-americano de “Corneville”.

Portanto, o desenho enquanto uma complementação do trabalho escrito-verbal na etnografia pode se deslocar em medidas das mais sistemáticas às mais espontâneas, com a primazia de informar, mas também de fazer refletir, relatando inclusive suas limitações e o que não foi possível trazer à tona visualmente, ou o que pode ser complementado interpretativamente por quem lê o desenho. Em determinados contextos, desenhar é uma chave de acesso visual que permite transitar em espaços sensíveis aos registros fotográficos. Alguns exemplos dessas modulações sensíveis são a etnografia desenhada da rotina e interações de prostitutas no Rio Grande do Sul (Olívar, 2007); dos trânsitos e agências da cracolândia em SP (Calil, 2016); dos ritmos e movimentos de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis na Paraíba (Velame, 2023), das angústias e introspecções de um isolamento social compartilhado em contexto pandêmico (Reinheimer *et al*, 2023); dentre outros.

Nesse âmbito, inseri a sala de espera de um ambulatório como um ambiente sequencialmente sensível a fotografias, em que pretendia me valer de um exercício de trazer processos humanizantes para rebater sofrimento na espera de um ambulatório em saúde, usando o que se considera no senso comum como “arte” — um conceito, entre muitos, que no campo da Antropologia não é unanimidade — fonte importante de intervenções no sentido de humanização das práticas em saúde (Sato e Ayres, 2015). A aplicação e resultados da ferramenta do desenho etnográfico em um espaço de saúde, portanto, mais precisamente na sala de espera, consistiam no interesse central da pesquisa. Credito ao desenho e à *arte* maneiras de organizar, entender e dialogar, pela dimensão singular de sua linguagem, que, em caráter *sui generis*, permite “observar em seu espaço social uma série de valores antinônicos, como o individual oposto ao coletivo, o

sujeito ao social, a interioridade à exterioridade, o inato ao adquirido, o dom natural e as aprendizagens culturais” (Heinich, 1991 apud Reinheimer, 2013:16).

Reitero, portanto, que o desenho enquanto prática etnográfica, tem sido reorientada como um caminho junto a noções contemporâneas que vislumbram *reencantar* a antropologia — uma disciplina orientada entre a poesia e a ciência, entre a razão e a emoção, entre a natureza e a cultura (atualmente evitando tais oposições), entre a tensão da imersão da experiência e a escrita no diário de campo. Pensando nesse último exemplo, por que os desenhos no referido diário ficariam de fora? Ao momento que essa possibilidade me foi apresentada, algumas autoras e autores já recheavam uma bibliografia em defesa da prática como uma produtora de teorias com qualidades singulares — tanto quanto outros registros imagéticos da Antropologia Visual, como a fotografia e o filme etnográfico —, e como um exercício de imersão e de memorização por cada traço feito junto ao campo.

Sendo assim, o ato de desenhar já imputa uma aproximação que produz efeitos positivos na inserção do etnógrafo ao campo, bem como na relação que o ato causa nas pessoas que estão observando o desenho criar vida e o resultado dos desenhos por si só podem ser fontes de reflexões junto às escolhas dos traços que orientaram a ilustração. Me parece propício que ao pensar questões mais holísticas relacionadas à saúde (o corpo, o tempo e os cuidados), devesse concomitantemente reforçar experimentações na produção científica que pudessem adotar diferentes fontes de conhecimento, incluindo o desenho.

### **3.5. Trabalhar com imagens: sensorialidade cambiada do pesquisador e dos interlocutores**

Percebendo as configurações interdisciplinares junto ao trabalho com imagens — como uma pulsação de signos constantes, sem unilateralidade e com demasiados encontros — foi viável identificar e analisar elementos do cotidiano de construção de pesquisa, com os quais consegui interagir conscientemente, mas os quais não foram possíveis sem um esforço de longo período.

A multiplicidade de estímulos está presente: rastrear suas narrativas se mostra um exercício contínuo. Debruçar sobre seus significados acaba por revelar o caráter vital do trabalho etnográfico, sobretudo na complexidade dos espaços urbanos e das instituições.

Dentre as amplas categorias que são possíveis de serem estabelecidas, muitas são as que se fazem atuantes nas matrizes dos sentidos: os sons, os cheiros, as texturas, as imagens. Tudo representa a linguagem das coisas da cidade, das instituições e do que as pessoas estabelecem enquanto relações, intermediações, negociações e representações diversas. Justamente no que não é falado ou escrito, se faz interessante investigar a partir do viés dos demais sentidos. Quando está localizado especificamente nas noções imagéticas, ou até onde nosso olhar é capaz de alcançar - e por conseguinte auxiliar na construção de um registro imagético - a gama de informações presentes pode surpreender e revelar um novo universo, para análise dos efeitos às causas. Ou então, um universo a ser descoberto por novas caracterizações, desmantelando naturalizações a partir do que chamamos de “senso comum”.

Pesquisas realizadas sobre esse viés revelaram a potência dessa ferramenta: a experiência visual enquanto uma lente de aumento teórica e empírica, podendo e devendo ser atreladas aos demais sentidos. E algumas dessas foram fundamentais para que a minha rotina de pesquisa nesses anos de mestrado tivesse um caráter determinante, em certa medida na minha perspectiva pessoal, para um melhor aproveitamento. Afinal, como aborda Aureliano (2015), no âmbito do seu trabalho sobre narrativas imagéticas do câncer de mama, o campo da Antropologia Visual tem se reprocessado enquanto “um campo metodológico e reflexivo tanto nos estudos da imagem em particular, quanto no das ciências sociais” (p.85), fomentando um “lugar específico e, principalmente, uma escrita antropológica que seja cada vez mais visual e sensorial” (*id.*)

O aspecto imagético da representação de um posto de saúde fez com que eu me interessasse primordialmente pelo contexto circundante e, em muitas medidas, dinâmico da sala de espera — influenciador principal do que eu gostaria de buscar em um banco de referências, daquilo que eu caracterizava como um local “para aguardar atendimento”, e todo o arcabouço de informações para a construção da experiência cotidiana do que aquilo significava para as pessoas e para mim, que afinal, também passei a “esperar”. A leitura visual dessa espera foi um mecanismo de suporte à aprendizagem na linguagem desse campo (Joly, 1999). Logo, por essa via, a experiência visual deixou de ser uma fenomenologia, por vezes, apenas “abstrata” da experiência de ser/estar

relacionado a “totalidade” dos sentidos, e passou a revelar interesses do que era possível e interessante ser retratado e discutido, quais significados podiam ser construídos, e por fim, quais elementos do espaço estavam por ser absorvidos pelo trabalho etnográfico e na construção visual desse registro.

Afinal, me interessava particularmente a bivalência que predomina numa construção de texto verbal e visual, mobilizando um imbricamento entre oralidade, escrita e grafias diversas. Concordo, como aborda Leite (1998), ser um equívoco considerar a imagem visual – ela considera tanto desenho quanto fotografia – como produtora puramente de abstrações. Com todo o cuidado de não cair na armadilha dos objetivismos, sigo seu raciocínio de que a construção consciente dessas são reveladoras de casos concretos, fatos particulares e presentes. Onde a imagem, mesmo que em alguns casos estimule a escrita, também colabora para a compreensão do que é difícil ou impossível descrever em palavras. (*id. p.44*)

A construção das imagens, no meu caso dos desenhos, por essas considerações, em atenção com o que eu escuto e com o que eu escrevo, passou a integrar como fundamentador importante da minha relação enquanto pesquisador com os espaços em que andei, com as relações que criei, com o que pude assimilar baseado nos referenciais que foram possíveis obter. Não se tornou crível absorver “tudo”, de todas as formas possíveis, em uma megalomania totalizante — mas foi viável dotar de novos sentidos e significados aquilo ao qual fui introduzido enquanto bolsista de pesquisa. Podendo ser tanto com o trabalho na espera do centro de saúde, como na participação de congressos e nas construções de aulas com alunos também produzindo imagens. Esses elementos foram revestidos de uma linguagem que remete a identidades e possibilidades, sendo, mais uma vez, um novo universo a ser caracterizado, a partir da ótica dos participantes. Essa mediação, por vezes conturbada, evidenciou não só uma relação de disputa em frente do fazer pesquisa, mas também corroborou para caracterizar os sentidos que essas imagens propagam, as intenções por trás de quem as faz e as identidades que constituem tais imagens, suas motivações e os resultados. A importância de analisar esses trabalhos evidencia o fazer científico e etnográfico enquanto um embate constante de narrativas, interesses e representações.

Alguns desses signos são pertinentes serem mostrados e enaltecidos, dependendo da ótica de quem as enxerga. Por inversão, alguns desses mesmos signos podem ser considerados impertinentes, gerando a necessidade de ocultá-los, apagá-los e ignorá-los. Portanto, essas

representações são inúmeras e não estão isoladas dos sons, das texturas, das movimentações e de tantas outras bases que são uma fonte inesgotável de construção com pilares nas relações de poder, de negociação e ocupação. Se os sentidos não podem ser considerados neutros na pesquisa, bem como as intenções de um pesquisador, gera-se a pulsante necessidade de reorganização dos sentidos para categorizar antropológicamente os elementos de pesquisa.

### **3.6. Centrando os objetivos da pesquisa, me distanciando da relação interdisciplinar e dúvidas sobre o verdadeiro “início” do campo**

Ao longo do processo de concretizar essa pesquisa de mestrado, entrei em uma jornada de compreender como poderia crescer e aprender como pesquisador, o que parecia estar intimamente relacionado a mergulhar no campo “pretendido”, cujo projeto submeti para o programa. O campo seria construído a partir do que já foi esmiuçado, alicerçando modalidades de investigação qualitativa, de cunho etnográfico, das relações, subjetividades e materialidades nas andanças, interações e falas dos usuários na sala de espera de um Centro de Saúde Escola - CSE, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Retomarei brevemente essa construção de pesquisa para poder desenvolver esse tópico sobre o que seria, de fato, o início do meu campo.

O projeto surgiu a partir da experiência, anterior ao mestrado, de pesquisador assistente para assuntos de Saúde Pública e criação de formatos de Disseminação científica. Minha participação no referido projeto teve como ênfase a produção de desenhos – enquanto organizador de registros etnográficos no diário de campo –, algo que se mostrou frutífero e revelador tanto para o desenvolvimento da ferramenta em si (o desenho no fazer etnográfico, seus acessos e possibilidades), quanto no diálogo do próprio campo, atraindo não só as crianças que participaram e se manifestaram – opinando nos meus desenhos, desenhando elas próprias, reagindo em outras brincadeiras –, mas também os adultos, que passaram a se interessar pelo trabalho antropológico – pouco compreendido a princípio, mas sendo assimilado no cotidiano –, registrando suas perspectivas de vida, desenhando-as e comentando.

Essa interlocução da pesquisa junto a valorização do desenho etnográfico, atravessados por atividades lúdicas e por uma intervenção clínica, revelaram gradativamente questões relacionadas à violência, vulnerabilidade social e saúde que foram discutidas entre a equipe. Pontos de vista

que, pela vivência empírica em comum, se confluíram em um diálogo, mesmo partindo de referências profissionais distintas. Essas percepções, que em outros contextos poderiam se configurar antagônicas ou sujeitas a negociações intensas de hierarquia – principalmente ao que concerne perspectivas de subjetividade epistemológica frente a uma certa ideia de objetividade científica ou do serviço –, promoveram em maior medida uma discussão horizontal, acarretando uma reorganização nesse contexto, em particular de fronteiras entre pesquisa social e atendimento em saúde no plano multidisciplinar.

Nesse âmbito, fui incentivado a desenvolver essa bagagem metodológica para outros âmbitos do ambulatório, observando e construindo uma etnografia visual com desenhos dos diálogos e movimentações na sala de espera. As considerações sobre cuidado informal em saúde teriam especial atenção, porém sempre em consonância com outras abordagens laterais relevantes que surgissem conforme as interações, — elementos que esbarrassem em considerações sobre o território, os marcadores sociais, relações entre o corpo e a espera, além perspectivas sobre o tempo e ambiente. As reações sobre a proposição de interagir com a pesquisa por meio de desenhos teria também uma atenção privilegiada. Desta maneira, entender, como funcionaria e como minhas interações dialogariam com o contexto estudado.

Essa premissa de pesquisa na sala de espera do CSE poderia ser colocada em dois seguimentos. Em primeira instância, na proposição de utilizar a ferramenta do desenho de observação em consonância com a empreitada etnográfica, especificamente em um espaço de atendimento em saúde, para pensar questões do ambiente clínico. Abrindo um leque de interesse para uma confecção de rascunhos simples, ilustrações científicas, grafismos, diagramas e mapeamentos, formando um aporte de memórias e registros visuais, que documentem os passos da minha inserção e permanência em campo para uma reverberação no material para análise teórica, bem como discernir o que advém de reflexões de observação direta e indireta, como propôs Malinowski (1978) com o quadro sinótico.

Por conseguinte, a intenção de mobilizar o desenho etnográfico para além de uma forma puramente de registrar sistemática ou graficamente, o situando também enquanto parte de uma abordagem e aproximação que, diferente de um registro apenas escrito — ou mesmo de outras tecnologias para registro imagético da Antropologia Visual, como a fotografia —, conseguisse a

proeza de conduzir diálogos e interações entre o pesquisador e os interlocutores numa produção de conhecimento mais simétrico.

Isso se daria partindo do pressuposto concebido em pesquisas no espaço realizadas em projetos anteriores que participei — e de uma abordagem bibliográfica que dava ênfase nessa relação —, no qual um diário gráfico composto por desenhos, feitos a mão livre, indicam algumas reações entusiasmadas por quem se percebe desenhado, gerando interesse para conversas em torno do desenho e também possibilitando a indicação de que o interlocutor possa realizar seus próprios desenhos se assim considerar oportuno, compartilhando o que lhe vem de mais evidente — mesmo que seja simplesmente para passar o tempo. Isso, claro, com uma oferta de materiais, um esclarecimento sintetizável da minha posição de etnógrafo e um devido incentivo para que a pessoa se sentisse à vontade em desenhar.

Essa mediação colaborativa nos registros, embora não garantido de maneira prévia que abarque uma materialidade consistente para a pesquisa, se mostra fortuita para uma abertura e compreensão etnográfica de relatos de outros aspectos da vida desses interlocutores numa catalogação qualitativa. Insiro aqui os tópicos mobilizados de interesse da pesquisa voltados a uma descoberta de nuances advindas das concepções entre corpo e doença, considerações sobre o território onde vivem (e no qual recebem atendimento pelo SUS) e como interagem com o andamento dos atendimentos — um tripé que considero conter relações próximas que mereciam ser profundadas.

Dessa maneira, me interessava compreender e problematizar, dentro dos parâmetros socioantropológicos, em que medida essas nuances estariam próximas ou distantes em relação aos discursos mobilizados nas cartilhas de Saúde Pública, sobre cuidado nos serviços públicos e das abordagens semânticas nesse espaço. Afinal, qual seria o papel de confecções gráficas, do desenho etnográfico, e do trabalho antropológico para uma diagramação dessas relações e de contribuição (se de alguma forma possa contribuir) para um melhor entendimento entre essas partes?

Em observações teóricas e empíricas sobre abordagens em espaços de saúde, chama atenção uma sobrevalorização essencializada dos conhecimentos das ciências biomédicas na orientação junto ao atendimento clínico, com um tímido contraponto das ciências humanas nos discursos e participações em pesquisa. Mesmo dentro do bojo das pesquisas em Saúde Pública e

Saúde Coletiva — que, em tese, operam interdisciplinarmente junto às ciências humanas —, a etnografia, por exemplo, apesar de se colocar como uma escolha relativamente recorrente nas metodologias qualitativas, sobretudo nas áreas de Psicologia e Enfermagem, ainda dialoga de forma limitada com as teorias antropológicas para discussões internas desses espaços.

De forma análoga, os antropólogos que vão fazer pesquisa etnográfica em campos voltados à saúde acabam relatando os resultados de suas etnografias normalmente para o próprio campo da Antropologia, seja pelo rigor de sua aplicação junto à carreira acadêmica, seja por possíveis recepções frias nas discussões do meio clínico, havendo essa separação, que ao meu entender, mesmo que compreensível, é sintomática. Embora haja focos bibliográficos desse distanciamento, era impertinente transmutar tal realidade diretamente para o meu campo, precisando de uma investigação mais detalhada, observando as devidas aberturas e entraves.

Nesse espaço da sala de espera do SUS que funciona no ambulatório do qual estou esmiuçando, local de movimentações difusas e corridas, não há indicações claras do que observar ou anotar, ou mesmo como abordar sem parecer hostil ou impertinente a essa atmosfera de espera, serviço e possível sofrimento, com marcadores sociais de gênero e raça preponderantes, resultando em uma baixa adesão ou compreensão na participação de uma pesquisa.

### **3.7. A apreciação ética da pesquisa e os entraves para efetivar meu campo: histórico de confusões, trâmites e negociações**

Em setembro de 2023, passados poucos meses do início do curso de mestrado na UFRRJ e ter feito um semestre dedicado as disciplinas de forma presencial no campus, comecei a pensar mais enfaticamente formas de reinserção no ambulatório e a buscar esclarecimentos sobre o preenchimento da Plataforma Brasil. Fui entendendo tardivamente, que a minha inserção profissional anterior, apesar de ter sido rica para a experimentação de pesquisa com ilustrações e materiais artísticos, era em suma, um projeto etnográfico marcado pela linguagem característica da Saúde Pública, não em sua concepção (que pensava bastante a Antropologia das Emoções), mas na formatação de produtos que deveriam seguir um *script* da instituição — como uma espécie de “campanha” e tema centrado na disseminação científica, com aspectos críticos e teóricos mais moderados. Restava reenquadrar meu projeto de mestrado, assumindo que eu estava em uma

semântica diferente, e não mais trabalhando com uma linguagem antropológica para esses fins. Assim como, de forma análoga, me aprofundar no que se caracteriza uma pesquisa antropológica referida ao campo das Ciências Sociais dentro da saúde, da caracterização até a escrita final.

No entanto, para voltar ao ambulatório, precisava de uma mediação entre esses dois mundos — o campo na instituição de Saúde Pública e a bagagem da pós-graduação em Ciências Sociais. Deste modo, mantive contato direto com a antropóloga e coordenadora do projeto anterior no ambulatório, para um auxílio sobre as informações necessárias e a linguagem desejada para tratar do meu trabalho, bem como a submissão pelo site da Plataforma. De antemão já me foi avisado por ela que começar o campo antes de todo esse percurso burocrático junto a Plataforma e ao CEP era, em termo resumido, “complicado” - mas o assunto poderia e deveria já ser levantado em conversas com os servidores para que a instituição se familiarizasse com a ideia.

Aproveitando um evento que aconteceria para a divulgação dos resultados do projeto anterior com as crianças e familiares, foi articulada uma forma de me “reapresentar”, com meus novos interesses de pesquisa. A coordenadora incentivou a estratégia de sugerir uma “ramificação” do projeto que estávamos apresentando, abarcando os elogios e sugestões dos participantes que assistiam, - sendo, em maioria, efetivos da Fundação. A ideia, nesse sentido, era não trazer minha pesquisa como um corpo de ideias estranho e externo, embora fosse inevitável a certo ponto, e sim aproveitando o máximo da repercussão já mobilizada, me colocando em posição de articulador de novas frentes teóricas e metodológicas - mas que levam em conta, de forma consciente, as expectativas da instituição, sobretudo para pesquisas qualitativas desse cerne — em um espaço onde as pesquisas são normalmente feitas por questionários e laboratórios biomédicos. No melhor dos casos, esse diálogo possibilitaria uma articulação de ideias e participação, quando possível, dos envolvidos diretamente no cotidiano do posto de saúde. A apresentação e o evento foram realizados, expusemos e falamos de uma possível continuação sob minha responsabilidade, de maneira breve. Restaria, a partir dessa situação, regularizar a ideia na Plataforma Brasil e no Comitê de Ética.

Por conta disso, para esse primeiro momento na Plataforma, baseei-me no projeto multidisciplinar com as crianças e famílias, ao tentar espelhar o máximo das respostas a questões mais sensíveis — e até então completamente estranhas de se refletir para mim particularmente, nos quesitos “Riscos”, “Desfecho primário”, “Desfecho Secundário”, “Hipótese”, “Benefícios” etc.

Afinal, como se mensura tais etapas em uma pesquisa de caráter exploratório? Como se permite construir um objeto de pesquisa, a partir do trabalho etnográfico, já tendo que antever, mesmo que apenas para fins burocráticos, o que a pesquisa teria de “bom” e de “ruim”?

Por estes pontos elencados, que ainda pulsam, uma nuance criou vida própria e se destacou, desde os primórdios do meu mestrado tendo impactado sobremaneira no relatório final da pesquisa. Tal nuance reverbera na necessidade de uma avaliação ética conforme os parâmetros de pesquisas biomédicas, através do site da Plataforma Brasil. Embora fosse esperado que a avaliação ética voltada a esses aparatos fosse indispensável para a minha proposta, o processo revelou-se mais complexo e prolongado do que eu havia antecipado. O que me levou a duas percepções centrais<sup>11</sup>.

A primeira percepção é o que eu chamo de “antecipação fantasiosa” da minha pesquisa, uma vez que para preencher os requisitos da Plataforma Brasil e negociar com a instituição, precisei antecipar detalhes sobre minha pesquisa que ainda não estavam escrutinados pela própria incapacidade de conceber isso como algo “factual”, antes do campo. Isso incluiu especulações sobre riscos, andamento e desfechos da pesquisa. Esta necessidade de pré-definir aspectos da pesquisa foi um desafio, justamente pela abordagem qualitativa que busca flexibilidade e adaptação pelo próprio cunho exploratório da etnografia. No entanto, os comitês de ética não analisam pesquisas “em andamento”, ou seja, com o campo efetivamente iniciado, enfatizando o caráter “fantasioso” dos aspectos que precisei relatar.

No entanto, fui percebendo que tais expectativas já estariam atreladas a uma dimensão da proposição nativa do campo da saúde pública e coletiva para captar um trabalho para desenvolver *outros*, em uma escala para o fomento de políticas públicas ligada ao planejamento e gestão — algo que estaria além da alçada de uma mera exploração etnográfica de uma pesquisa de mestrado — com um tempo muito limitado e com dimensões que vão se negociando e transformando constantemente. Mesmo rompendo com as primeiras perguntas, das quais questionei mais diretamente os atendimentos, a instituição e como poderia me inserir lá, só pude ter essa noção

---

<sup>11</sup> As percepções foram mais bem categorizadas após a minha participação no GT 082 da 34ª RBA sobre CEP/Conep, onde apresentei um trabalho sobre minhas dificuldades, contando também com outras dimensões para pensar ética na concretização de uma etnografia em um instituto de saúde (Piter, 2024).

mais balanceada muito tempo depois. Enquanto isso não ocorreu, ao adequar cada vez mais um “molde” para que a pesquisa fosse “liberada”, passei a ter uma ideia cada vez mais fechada do que eu “deveria fazer”, e pouco aberto a mudanças justamente para garantir legitimidade a minha proposta.

Nos primeiros momentos quebrei a cabeça com o formulário e os campos a preencher. Fui ficando frustrado e impaciente a cada quesito desconhecido. Era tudo muito estranho, centrado em uma linguagem que passava longe de ser razoável para uma pesquisa antropológica. Uma etnografia, por outro lado, exige um exercício de adaptar, modificar, compreender e reformular — ao invés de “defender” um modelo pré-concebido, como passei a gradativamente fazer. Como resultado, fui passando a considerar qualquer possibilidade de algo que fugisse significativamente desse modelo enquanto algo que não era a *pesquisa de verdade*.

Com a parte da construção de um modelo de projeto de pesquisa aplicada à Plataforma “concluída”, o que levou uns 3 meses entre pausas e continuidades, chegou o momento de anexar documentos. Tais documentos diziam respeito ao TCLE, TALE, o projeto detalhado e o Termo de Anuência da instituição. Começa então, a segunda parte da saga, estruturar como uma etnografia com desenhos que nem estava perto de começar caberia em um “contrato” de pesquisa — para usar os termos de Duarte (2014) considerando o aspecto neoliberalizante dessa relação — e, também, como o Centro de Saúde poderia fornecer o mais breve possível uma autorização para meu trânsito e pesquisa na sala de espera. Tentei contatar a secretária da diretora do instituto, sem qualquer retorno. Até que foi levantada a hipótese de falar sobre as intenções do trabalho com o coordenador responsável pelas pesquisas do instituto — em geral, centradas em parâmetros biomédicos —, aproveitando seu aceno positivo com a apresentação que fizemos do projeto anterior, pensando assim, que seria mais tranquila sua acepção e consentimento. O papel da coordenadora da pesquisa anterior, desta maneira, foi imprescindível para que essas negociações ao menos tomassem partida.

Sintetizando em um formulário de pesquisa minha proposta em um modelo que a própria instituição fornece, eu buscara, por conseguinte a assinatura de um Termo de Anuência, com modelo já confeccionado também pela instituição. Ambos os documentos são elaborados para programas de pós-graduação ligados à Fundação. A dúvida que pairou é se essas documentações eram aplicáveis para pesquisadores de programas externos, e quais informações nesse caso

deveriam ser mais explicitadas para que houvesse um entendimento mais evidente sobre as “intenções” do trabalho proposto.

O responsável pelas pesquisas, apesar de ter acenado positivamente para sua colega de trabalho, ao reunir-se somente comigo, olhou para baixo, sentou-se e começou a fazer questionamentos, atribuindo empecilhos. O discurso mudou significativamente, surpreendendo a mim quando fui encontrá-lo e a sua colega que ficou sabendo do ocorrido posteriormente. Ele usou do próprio CEP como um fator de dificuldade para que a pesquisa não fosse para frente. Sim, o comitê de ética, mesmo antes de sequer ler meu projeto, foi utilizado como espantalho. Ele citou os membros atuais como pouco flexíveis e começou a questionar se o projeto era de fato uma “ramificação” do que estávamos desenvolvendo antes, e se era o caso, do porquê eu estar propondo enquanto pesquisador externo. De onde eu estava vindo? Quem era a minha orientadora? No final da conversa, bastante desanimadora, ele pediu para conversar novamente com a colega que o indicou, pois “ela entenderia do que ele está falando” sendo servidora<sup>12</sup>.

Com a fala do responsável pelas pesquisas da Fundação, acabou por se concretizar um discurso de que não valeria a pena sequer submeter. O que ele não revelou, no entanto, é que ele estava de saída da coordenação de pesquisas da unidade e que não se responsabilizaria, em breve, por qualquer decisão referente ao trâmite. Além de não assinar qualquer termo, ele desacreditou a possibilidade de efetivação do estudo. A conversa final com sua colega resultou em novos questionamentos e buscas de resolução junto a uma pessoa do CEP do Centro de Saúde, que respondeu por e-mail várias dúvidas. Mais uma vez era dito, porém, que começar a etnografia sem uma finalização burocrática na Plataforma Brasil seria “complicado” e não recomendado. Afinal, não se deve submeter uma pesquisa que “já iniciou” como dá ênfase a investigação de Hully Falcão (2023).

Já em fevereiro deste ano, com a saída efetiva do responsável pelas pesquisas da Fundação, a nova responsável se mostrou mais aberta ao diálogo e terminou por encaminhar para a chefe da unidade uma autorização. Este termo assinado tinha mais detalhes sobre minha origem

---

<sup>12</sup> É válido destacar que nesse momento, dezembro de 2023, o foco era que o CEP da própria instituição do Centro de Saúde aprovasse ou não meu projeto. O que fui descobrir algum tempo depois era que não me reportaria a princípio a esse comitê, e sim ao da UFRRJ, por ser minha instituição de origem. A possibilidade de avaliação pelos dois CEPs passou a ser uma possibilidade, como representantes das instituições participantes e coparticipantes. Essa identificação ainda não era óbvia para mim.

institucional, quem era minha orientadora e minha experiência profissional, bem como as intenções do projeto. Quase como uma declaração profissional, junto a uma carta de intenções, algo que, de alguma forma, o ceticismo do responsável anterior colaborou para eu formular.

Com algumas dúvidas sanadas e esse termo em mãos, o que eu pensava seria o fim de uma saga longa, era apenas o desfecho de um capítulo. Assim que recebi a anuência, tive que ficar a par de construir os Termos de Consentimento, o que me levou de volta aos antigos questionamentos sobre minha pesquisa, a essa altura já transformada por conta da minha formação de quase um ano no mestrado e desse vai e vem junto a submissão na Plataforma Brasil. Já não me propunha a falar sobre inserção da antropologia e do desenho etnográfico para mobilizar questões de atendimentos em saúde. A dificuldade burocrática me afastou de dar ênfase no funcionamento do cotidiano do posto e nas relações entre usuários e profissionais. O que me interessaria, a partir de novos aportes teóricos e visando efetivar a etnografia, era ainda ter a experiência de estar na sala de espera, mas pensando questões de corpo, ambiente e cuidado — já impactado pela perspectiva holística própria da antropologia no campo. Não querendo abdicar, ao menos do desenho enquanto ferramenta, tive que pensar como eu gostaria de fazer algo voltado para materiais artísticos e ainda tendo que fornecer esclarecimentos junto a um “contrato” dos TCLEs, tal como fazia a coordenadora do projeto que participei.

No que concerne ao cotidiano de trabalhar com essa burocracia diariamente junto a interlocutores, tive como referência o projeto multidisciplinar anterior com as famílias. A coordenadora do projeto foi a responsável por ficar à frente e enquanto antropóloga e chefe da pesquisa, abdicou de bastante tempo de trabalho de campo que gostaria de ter com os interlocutores para resolver questões burocráticas. Deixou de se envolver nas atividades mais lúdicas — as brincadeiras e os desenhos —, na maior parte do tempo, para o esclarecimento e preenchimento dos TCLEs. Embora tenha, como conversamos algumas vezes, se aproximado dos interlocutores de outra forma, mesmo que nessa circunstância “contratual” (Duarte, 2015). Ainda, assim, era nítido uma quebra de “clima” da atmosfera mais entusiasmada do campo que se perfazia através das dinâmicas. Muitas vezes era preciso uma longa conversa com um só participante (ou dois, se for contar a criança e o responsável). Sem ter como fugir de assinar numerosas laudas em 4 termos: TCLE, TALE, Termo do responsável da criança e Autorização de voz e imagem. Os termos por vezes precisavam ir para a casa do/a(s) interlocutor/a(s), e a conversa prosseguia para quando este

retornasse<sup>13</sup>. Fazendo com que, até todos os interlocutores *oficiais* pudessem de fato “legitimar burocraticamente” sua participação na pesquisa, a mediação junto aos termos de consentimento durasse meses.

Nesse sentido, foi a mim enquanto pesquisador assistente que coube a parte mais experimental da imersão e registros empíricos, me fornecendo uma jornada específica junto ao quefazer etnográfico, porém distante ainda das “dores de cabeça” dos CEPs e da leitura dos termos, as quais me defrontei ao longo do mestrado. Conversas rotineiras sobre esses trâmites me fizeram compreender que as resoluções eram mais delicadas por se tratar de um projeto com produtos audiovisuais de disseminação científica e por envolver algumas crianças em situações delicadas quanto à justiça.

Logo, na sala de espera onde propus meu projeto de mestrado, ao me blindar de fotografar ou filmar, além de evitar percorrer assuntos mais sensíveis — para centrar uma proposta de etnografia fundada em desenhos e registros espontâneos — e preservar o anonimato dos nomes e identidade dos participantes, pensei que minha pesquisa poderia transcorrer de forma “mais tranquila”. Porém, os contextos que foram surgindo demonstraram que ainda compreendia muito pouco do que de fato lidaria.

Desde março, fiquei buscando formas de inserir todas essas preocupações em formato de Termos que respeitassem as normativas “esperadas”, mas que permitissem a experimentação enquanto parte do processo. Não gostaria de perder interlocutores ou uma relação mais “espontânea”, ou mesmo um trabalho articulado a uma ideação de simetria entre os interlocutores e eu — embora reconhecendo que minha posição de pesquisador impossibilita a totalidade dessa ideação. Uma ingenuidade, e cada vez mais percebia a produção de empecilhos para algo que era, acima de tudo, uma formalidade. Pensei em inserir desenhos nos termos de consentimento para crianças, para tornar o momento de assinatura menos contrastante com a atmosfera da etnografia. Fui desaconselhado, pois era bom seguir o protocolo. Segui ruminando o que fazer. A burocacia

---

<sup>13</sup> O que nem sempre era de imediato, tendo em vista que havia uma flutuação de participação a depender de condições climáticas, de segurança urbana e interpessoais dos interlocutores.

e o desconhecimento do processo estavam diminuindo meu tempo de campo, o que colaborava para incrementar minhas inseguranças.

Nesse entremeio, tive crises de paralisia junto a perguntas cada vez mais constantes da coordenadora do primeiro projeto e da minha orientadora de mestrado se tinha “avançado na plataforma”, embora sabendo que a preocupação era legítima e não exatamente uma cobrança. Acabei buscando fugas, focando em outras atividades do mestrado, e fui deixando a questão burocrática para quando eu tivesse “mais cabeça” para pensar, o que foi comprometendo o tempo para o andamento do processo etnográfico. Mesmo que tivesse uma base de respostas à Plataforma no projeto anterior neste mesmo ambulatório, entendi que as formulações dessa experiência tinham uma expectativa e uma garantia. Por conta daquela reunião que tínhamos feito com a presença dos funcionários, um *lobby* foi criado de que seria uma “continuação” do projeto anterior, ao menos para que se familiarizassem com a ideia. Mas, com o tempo passando, essa ideia foi se tornando cada vez menos crível. Cheguei a algumas respostas dentro do tangível, elaborando artificialmente formas de comunicar o que eu gostaria de realizar e elaborando quesitos fantasias dos “benefícios” e dos “riscos”. Enfim, alguma forma documental de transpor a atividade pretendida.

No final das contas, após ter passado algumas boas semanas quebrando a cabeça, acabei por desconsiderar as crianças como interlocutoras ativas do projeto. Ao fazer a primeira submissão na Plataforma Brasil percebi que, a exclusão desses interlocutores, além dos que eu já me propunha (por exemplo, pessoas em atendimento clínico dentro dos consultórios) eliminaria pelo menos dois termos de consentimentos, o que as crianças assinariam e o de seus responsáveis. Passei a prezar, portanto, pelo “menos é mais” uma vez mais modificando as bases da pesquisa, que nem ao menos havia começado como ponto de partida empírico. Eu deixaria as crianças desenharem se assim desejassem, afinal, elas são numerosas enquanto usuários do posto, mas centraria minha conversa e produção etnográfica somente nos adultos.

Já chegando em abril de 2024, tive finalmente como preencher os requisitos para que a documentação estivesse a passo de ser aceita, depois de alguns problemas para regularizar o nome do projeto — que deveria ser o mesmo em todos os documentos, dentre outros esclarecimentos sobre os participantes da pesquisa, os termos de consentimento e detalhes sobre a metodologia. Na primeira submissão oficial, fui percebendo junto a busca por aprovação da documentação, em meio a esse processo, que naquele momento não era com o CEP da instituição que eu estava negociando

esse tempo todo a aprovação ou manutenção em pendência, mas com o comitê da minha universidade de origem. Em meio a todo esse processo, fiquei tão ávido em adequar meu trabalho à instituição de saúde — que tem um *ethos* bem demarcado para os aspectos de comitê de ética —, que não cheguei a cogitar sequer que seria a UFRRJ, com seu próprio CEP, a responsável por avaliar meu projeto em primeira instância.

A segunda percepção que esse processo todo acarretou pode ser entendida a partir da noção do “caráter modificador do processo” que essa burocratização da pesquisa, com a interação com o Comitê de Ética da UFRRJ e principalmente a instituição coparticipante que deveria me fornecer uma autorização para circulação e trabalho, acabou por afetar em vários momentos a construção do projeto, moldando-o de maneiras inesperadas e, às vezes, limitando a flexibilidade inicial desejada. Afinal, o que deveria ser modificado junto a observação participante acabou por ter essa dimensão mais orientada a partir de negociações institucionais.

Percebendo aos poucos esses aspectos, a dificuldade maior foi a falta de clareza sobre como adaptar minha proposta etnográfica para atender aos requisitos burocráticos, como riscos e benefícios, que são mais caros em pesquisas biomédicas e de outras ordens que não as antropológicas. Mesmo em contato privilegiado com pessoas da Fundação que deram seus palpites, sugestões e até entraram em relações de mediação — com menção especial a coordenadora do projeto anterior sobre brincadeiras e repertórios em saúde —, tive que passar bons meses ajustando meu projeto para a Plataforma Brasil, e a necessidade de obter Termos de Consentimento e Anuênciam para incluir nos documentos exigidos se mostrou um desafio que tocava especialmente em pontos interpessoais.

A negociação com o coordenador responsável pelas pesquisas no instituto, por exemplo, revelou obstáculos e desdobramentos que me causaram angústia e surpresa — em grande parte, por este ter uma origem disciplinar distinta e ter se colocado como uma pessoa com pouca abertura para entender a proposta, mesmo com mediação de servidores que apoiavam meu trabalho. Chegando ao ponto de usar o próprio comitê de ética como espantalho para que o projeto sequer fosse submetido, afinal seria “perda do meu tempo”. Seu evidente ceticismo, criando uma resistência primária, foi mais um estorvo ao meu processo de entrada no campo. Após seu afastamento da coordenação, a nova responsável mostrou-se mais colaborativa e ajudou a avançar com a autorização necessária. No entanto, mesmo com a anuênciam, tive que revisar e adaptar os

Termos de Consentimento para que se alinhasssem às expectativas institucionais, mas ainda pudessem permitir a flexibilidade necessária para uma pesquisa etnográfica.

Em contraste com essa percepção anterior sobre o que era uma etnografia em um centro de saúde e respectivas questões éticas e metodológicas — e apesar do apoio da minha atual orientadora de mestrado e principalmente da coordenadora do projeto original —, tive que buscar formas de entender os meandros de trabalhar junto às ferramentas etnográficas e a orientação relacional e burocrática no âmbito institucional investido nessa nova posição, tratando-se de uma redescoberta. Uma etnografia para fins acadêmicos de formação na pós-graduação passa a se colocar de forma muito mais evidente em distinção, por exemplo, de uma pesquisa entremeada nos objetivos de finalização de produtos que por nuances de cunho teórico, didático e educacional para conscientização junto às discussões de Saúde Pública e Saúde Coletiva. Apesar do processo ter o mesmo caminho protocolar em relação à Plataforma, mudam as negociações junto à instituição. A partir do momento em que não estava mais com vínculo ativo, e sim apoiado por fontes externas de fomento e formação da pós-graduação (uma instituição externa ao contexto da saúde) no campo das Ciências Sociais, com preocupações que não se distanciam em totalidade, mas proporcionam novas diretrizes teóricas, discursivas e éticas - a situação se modificou fundamentalmente, apesar de pensar a princípio que era uma espécie de “progressão orgânica”.

Por fim, é importante salientar que a confecção de desenhos e a presença de materiais de pintura, cujos meandros éticos tinham conotações próprias muito bem salientadas pelo trabalho de José Miguel de Olivar (2017), passou a dar um tom ainda mais confuso, por não causar uma ideia imediata do que de fato iria acontecer: seria um trabalho de articulação pedagógica? Uma espécie de arteterapia? O que tem a ver com a gente que está lidando com vacinas e atendimento clínico na atenção primária? Pois bem, eu só saberia responder em que medida se colocariam essas dimensões, entrando efetivamente em campo. Algo que, continuei buscando.

Esse imbróglio resultou em impossibilitar o trabalho de campo na sala de espera e, mesmo antes disso, na desistência de tornar crianças como interlocutoras ativas do projeto, pela complexidade específica de suas participações.

Este processo revelou que uma pesquisa etnográfica em um contexto de saúde pública não é apenas um exercício de quefazer acadêmico, mas também um campo repleto de complexidades que dialogam com os serviços e o cotidiano de um ambulatório e suas desconfianças — o que, em

parte, motivaram minhas perguntas primárias de pesquisa. Fui, desta maneira, percebendo que tais expectativas já estariam atreladas a uma dimensão da proposição nativa do campo da saúde para captar um trabalho para desenvolver *outros*, em uma escala para o fomento de políticas públicas ligadas ao planejamento e gestão. Essa intempérie é bem analisa por Duarte (2015), Harayama (2017) e Falcão (2023), que especificam que a avaliação ética de uma etnografia, sobre os parâmetros da biomedicina, se configura como uma espécie de montanha-russa de trâmites e perfaz dimensões não apenas éticas — mas morais, políticas, metodológicas e disciplinares.

A confusão de como proceder para liberar a pesquisa, nesse caso, é esperada e, em alguns casos, desejada. Até para se colocar uma espécie de dimensão “didática” para que o/a pesquisador/a vá repensando constantemente como se colocará o seu campo, na prática. A referida antecipação e modificação acaba por cristalizar um modelo de pesquisa que se distancia dos parâmetros da observação participante e o caráter exploratório da etnografia.

Em síntese, no projeto anterior ao ingresso no mestrado, tive apoio para trabalhar da própria Fundação que apoia o ambulatório. Ao contar com essa garantia, vislumbrei uma visão ainda crua sobre as questões burocráticas-éticas enquanto pesquisador assistente, sem grandes envolvimentos de forma mais ativa. Deste modo, tive que buscar formas de entender os meandros de trabalhar junto às ferramentas etnográficas, com os desenhos e a orientação relacional e burocrática no âmbito institucional investido na minha posição de mestrando em Ciências Sociais, tratando-se de uma redescoberta. Afinal, uma etnografia para fins acadêmicos de formação e trabalho na pós-graduação passou a se colocar nas negociações — de forma muito mais evidente — em distinção, por exemplo, de uma pesquisa entremeada nos objetivos de finalização de produtos — que por nuances de cunho teórico, didático e educacional trabalhava junto aos interesses do campo de Saúde Pública. Apesar do processo ter o mesmo protocolo na Plataforma, o caráter disciplinar e institucional mudou fundamentalmente as negociações junto ao Centro de Saúde.

À medida que o tempo avançava e as nuances de cunho burocrático e disciplinar surgiram enquanto empecilhos, sobretudo por eu não estar mais vinculado a instituição e sim em uma posição de pesquisador a partir de uma posição de mestrando em Ciências Sociais em uma instituição externa, as quase certezas do “projeto submetido” começaram a fragmentar-se em pequenas e grandes dúvidas. Aquilo que antes parecia uma rica oportunidade de crescimento profissional tornou-se um labirinto, um calabouço profundo em que eu precisava reinterpretar tudo

para quem sabe, retornar à superfície. Anterior ao mestrado, como bolsista em uma instituição de saúde pública, eu acreditava estar fazendo antropologia. Mas estava mesmo? Talvez o que fosse antropologia para aquela instituição não se traduzisse diretamente para um programa de Ciências Sociais. Me defrontar com a burocracia para transpor essa dinâmica e sentir seu peso, combinado com minha inexperiência, pareceu em alguns momentos inviável. Nos últimos momentos, questões continuaram a surgir e tais questões me fizeram perguntar: afinal qual é o legado dessa experiência? Isso é fazer ciência? Isso é tocar um projeto? Isso é ser transformado pelo fazer antropológico?

Quando essas dúvidas começaram a tomar protagonismo e a imersão etnográfica pretendida foi impossibilitada, minha reação constante foi buscar a todo custo solucioná-las, como se minha pesquisa pudesse tomar forma apenas dentro dos limites do planejamento “original”, já transformado. Enquanto corria para alinhar o projeto às demandas empíricas, acabei me envolvendo em trabalhos que poderiam, afinal, ter sido incorporados como parte do que eu buscava.

Se é algo próximo disso, que minha dissertação sirva de alerta: sempre que possível, especialmente ao pretender algo experimental, é preciso dar três passos para trás e comunicar os desafios. Os passos aqui estão colocados nas nuances de entender o(s) campo(s) que estou dialogando, onde quero atravessar e os resultados pretendidos. O cunho exploratório acaba ficando sufocado. Acima de tudo, a exploração maior envolve diretamente o esforço de compreender o que significa fazer etnografia hoje, fazer antropologia, fazer ciência. O que há de peculiar na antropologia visual e no desenho nesse processo? E por que a tentativa de construir uma etnografia em uma sala de espera de um centro de saúde parecia, para mim, uma progressão orgânica da experiência acadêmica, mas revelou-se como nadar contra a corrente de uma divisão sistêmica do conhecimento?

Esse debate, sobre as lacunas e tensões entre os campos, é o que tenho pretendido desenvolver nesta dissertação. Não como uma discussão exclusivamente teórica, mas como um relato enraizado em campo e corporificado. O que privilegio no próximo capítulo, portanto, é a consequência da impossibilidade da pesquisa na sala de espera e a consequente abertura de

experiências de trabalho com desenhos “em campo”<sup>14</sup>. Ou melhor, em múltiplos campos, dos quais destaco três: a sala de aula, eventos urbanos e instituições de saúde. O último, especialmente, pensado a princípio como catalisador “principal”, esteve nesses dois capítulos até aqui como peça de um quebra-cabeça que precisou ser revisitado, destrinchado através de memórias e do que foi produzido.

Na falta de atualizações pretendidas, como um avançar mais proeminente no campo da sala de espera, permaneceram as complexidades de um momento que se estendeu num espaço-tempo desafiando a linearidade histórico-ocidental, estando cravada na construção subjetiva de um pesquisador e sua dissertação em modulação dentro do campo das Ciências Sociais, sobre o viés da Antropologia Visual e do desenhar-conhecer para análise científica, que precisou de um reforço a partir da investigação em outros espaços, como a sala de aula universitária.

---

<sup>14</sup> Discorro sobre meu campo nas considerações finais.

## **Capítulo 4. O desenho como formulador de vínculos em sala de aula**

### **4.1. Ofertar a disciplina e desenvolver uma interlocução com turma multidisciplinar – entre arte e ciência**

O que pode mexer mais com o aprendizado de um pesquisador do que o que é feito na sala de aula? O contato com os alunos e as questões que eles trazem são capazes de transformar o norte de uma pesquisa. Em alguma medida isso foi um combustível para pensar meu trabalho, minha relação de aprendizado enquanto graduado e pós-graduando e na ferramenta didática e etnográfica que existe com o desenho. Na espera da sala de espera, minhas experiências nas salas de aula da UFRRJ (ministrei mais de uma disciplina em parceria com minha orientadora) me ajudaram a pensar sobre o desenho e seu potencial reflexivo. É um pouco disso que trago aqui, especialmente em referência a uma dessas disciplinas.

Construí, junto minha orientadora, as aulas de uma disciplina optativa que reuniu aspectos para a produção textual e de desenhos, com enfoque no trabalho antropológico. As aulas serviram como base para que eu pensasse modalidades de pesquisa e ensino a partir da ótica do *desenhar*. No início do primeiro semestre de 2024, o curso foi oferecido para alunos de graduação e pós-graduação. A disciplina procurava de alguma maneira ofertar uma janela de expressão para que os participantes conseguissem administrar sua criatividade à medida que pudessem soltar a mão para “carimbar” seus desenhos sem julgamento e desenvolver a escrita sem o imediato peso da avaliação, ao acessar os conhecimentos antropológicos a partir de assuntos concretos de pesquisa. Nossa expectativa, ao colocar alunos de graduação e pós-graduação juntos, era fomentar um ambiente simétrico de criação, apesar de suas óbvias intenções e jornadas díspares.

Além da professora responsável, Patrícia Reinheimer, minha orientadora, as aulas foram realizadas com cocriação minha e de mais duas colaboradoras, uma de Ciências Sociais e outra de Belas Artes. Cada uma de nós levou algum tipo de material que pudesse ser utilizado em sala. Considerei um investimento válido adquirir lápis, giz-de-cera, canetinhas-hidrocor, marcadores e tesouras para que a falta de recursos não fosse um empecilho para o desenvolvimento das atividades com os estudantes. Imaginava que parte desse material pudesse também ser aproveitado no campo da sala de espera, quando ainda considerava viável a realização extensa de uma etnografia colaborativa com desenhos no ambulatório. Inclusive, era parte da intenção que os exercícios e atividades que elaborei para as aulas pudesse servir de base para interações na sala

de espera do ambulatório, sendo a sala universitária como uma base de treino para tais interações — respeitando suas óbvias diferenças e subjetividades — algo que me aprofundarei mais a frente após escrutinar um dos exercícios que relatarei.

Além do material coletivo que fornecemos, pedimos para os estudantes que portassem material próprio para contribuir para uma diversidade de efeitos no papel e maior autonomia. Considerado que haveria um espaço para que todos/as os/as estudantes falassem de si e das suas motivações relacionadas a disciplina, o que surpreendeu de pronto é, que diferente da minha expectativa inicial de ser uma turma largamente composta por cientistas sociais em formação, interessados em se apropriar das ferramentas gráficas em pesquisa — havia uma presença ostensiva de alunos de Belas Artes e ainda de outras disciplinas. A multidisciplinaridade dos/as alunos/as interpelou inscritos de cursos para profissionalização e formação realmente “artística”, que queriam se aproximar mais da escrita ou da Antropologia, e de alunos de humanas (História, Psicologia, Ciências Sociais, Geografia) que desejavam adentrar mais no universo da “arte” e do desenho.

Nas apresentações individuais na primeira aula do curso, os alunos que já tinham aproximação artística mais evidente — sendo do curso de Belas Artes, em maioria, mas também de outras disciplinas com um interesse extraclasses — mencionaram relação com pintura, música, dança, produção de animação, havendo debates sobre arte visual e saúde mental, artes plásticas na educação, incursões de alguns estudantes de teatro, além também de interesses em literatura e cultura — com foco na construção de poemas, contos e relatos mais pessoais de experiência intra e intersubjetiva. Em alguns casos, tivemos apresentação de alunos que até teriam motivações futuras de estudo junto a sociologia da arte, confecção de materiais (têxtil, por exemplo) ou que de alguma forma tinham objetos de pesquisa que esbarram em temas como literatura ou produções de campo no meio artístico — mas que não tinham tido, por ora, o devido incentivo para “colocar a mão na massa” e ter uma discussão mais sofisticada dessas interações. Em uma via complementar, tivemos alunos que não tinham qualquer familiaridade com produção ou incursão nas artes, mas queriam “abrir a cabeça” e “diversificar o leque criativo”, ficando motivados pelo programa da disciplina que incluía que “não precisava saber desenhar” e, desta maneira, permitia experimentações e movimentos subjetivos, sem critério técnico.

Válido mencionar o relato de alguns alunos que ficaram em dúvida na escolha do curso — ou mesmo migraram de um curso para o outro — num dilema, por exemplo, entre as graduações de Belas Artes e Ciências Sociais. Dois polos, que a princípio, não teriam uma ligação tão direta numa aproximação profissional, demonstrando a complexidade de interesses que um estudante pode ter, à revelia de sua “escolha” de formação universitária. Nesse âmbito, senti uma certa sensação de incompletude, no tom de suas falas — sensação que compartilhei em alguns estágios da minha trajetória acadêmica —, no sentido de precisar sacrificar um “lado” de suas aptidões para se aprimorar em outro. Essas escolhas estão ligadas em grande medida a uma divisão social do trabalho e esquematizações curriculares a partir das origens dos cursos, mas não efetivamente de algo que contemple, pragmaticamente, o apetite dos estudantes por conhecimento e atividades de forma ampla e cambiada.

Sendo a interdisciplinaridade uma via, com seus devidos entraves e potencialidades, para questionar um pouco a dicotomia, neste caso em específico, entre ciência (social) e arte (contemplada pelo desenho), a disciplina seria a união do “melhor dos dois mundos” conforme os relatos dos próprios inscritos. Embora a construção dialógica entre esses mundos não seja exatamente alguma novidade ou estranha para quem se relaciona com seus temas, ainda é uma ligação que demanda uma reflexão mais desafiadora para pesquisadores de outras origens, inclusive dentro das Ciências Sociais, que frequentemente vieram questionar ao longo do meu mestrado os pressupostos epistemológicos e metodológicos — atendendo uma perspectiva mais restrita sobre construção de *ciência* e de *arte*, como se uma não pudesse “contaminar” a outra, para não enfraquecer justamente seus pilares tradicionais.

Nesse bojo de cruzamentos, não me refiro somente a uma análise científica e socioantropológica, por exemplo, de elementos ligados à imagem e aos movimentos artísticos — e tampouco uma construção artística meramente expositiva de algo dado como científico ou social, mas como essas interpolações, na gênese da criação e da expressividade, podem formular uma produção de conhecimento singular que dê conta de um trabalho que joga em campos, muitas vezes, opostos discursivamente, podendo também contribuir para uma metodologia que seja tão legítima como as mais corriqueiramente difundidas e segmentadas. Além do mais, tem se visto uma discussão sobre os paradigmas do fazer antropológico e de pensar como se redesenham os limiares das disciplinas acadêmicas com as mudanças nas condições sociais, globais e históricas

(Reinheimer e Kuschnir, 2024). Um cenário que favorece pensar um trabalho de pesquisa por meio de colaborações, o que acredito que tem um grau extra de se concretizar justamente no ensino de Antropologia e nas suas modalidades de pesquisa.

A construção de uma disciplina que fosse um “um lugar de subversão e de experimentação” (Kuschnir, 2014:44), com a devida preocupação curricular e didática, foi um meio de atribuir caminhos para refletir sobre essas demandas, de como se constrói uma formação complexa e que não elimine a percepção sensorial para uma reflexão tida como estritamente racional, ou mesmo que não elimine outras formas de registros gráficos para perpetuar a escrita como base única para formular trabalhos acadêmicos.

Esses basilares, como tem sido posto pela base teórica circunscrita nesta dissertação, encontram um caminho mais proeminente justamente na Antropologia, mesmo que de forma ainda segmentada. Afinal, a disciplina é conhecida pelo trânsito de seus profissionais em diferentes rituais e sensações, com a preocupação de suprir uma sistematização de conhecimentos dos interlocutores em campo como legítimos em seus próprios termos, a partir das interlocuções cambiadas e da imersão da experiência, com seu relato enquanto pessoa pesquisadora como um “talismã” de reflexões. Embora, inevitavelmente ainda paire a noção de que as ciências em geral, incluindo a Antropologia, mantenha uma ode a noção de verdade e realismo, em que mesmo suas produções escritas na área, com toda a intenção de alteridade, permaneçam com premissas objetivas (Azevedo, 2020:35).

O curso de graduação na Rural é em Ciências Sociais. Logo, ao considerarmos a Sociologia e Ciência Política, o cenário se complexifica, o que corrobora para que essa abertura para o sensorial, o experimental e a subjetividade do pesquisador esbarre em uma dificuldade de comunicação e apreensão para se colocar mais próxima de uma produção legítima de conhecimento. Perceber a ótica de estudante mediante a construção dessas aulas foi entender, de uma perspectiva localizada, como eles estão se guiando e compreendendo esse processo de construção profissional e acadêmica, dentro dessa clássica tripartição das Ciências Sociais.

O que reluziu, dessa observação, reflete em um desafio no exercício docente para que se faça entender para os graduandos quais processos e registros são “mais bem aceitos” na Antropologia, à revelia das outras, algo muito confuso e misturado para quem está ainda no meio

do curso, sendo mais bem “separado” por uma predileção, por parte dos estudantes, entre eixos temáticos mais do que uma maior ou menor identificação metodológica e epistemológica, ainda em construção. Embora, na prática profissional, encontremos distâncias notáveis, pode ser desafiador e um tanto aprisionante definir, em um curso de graduação, cada uma das três ciências sociais e isolá-las — até porque é de consenso que a relação entre esses saberes é íntima e complementar. Porém, considero interessante desenvolver as potencialidades singulares de cada uma, assim como sua abertura para outras fontes disciplinares — como as artes.

Tornou-se importante, desta maneira, que pudéssemos abrir uma janela para a compreensão do porquê e como, afinal, poderia ser proveitoso o uso da experiência por meio de manifestações artísticas e registros gráficos de assuntos diversos para o trabalho na Antropologia, embora o senso geral das Ciências Sociais, em outras disciplinas do curso, costume se fechar para incursões tidas como não racionalizantes. Ou, por outro lado, do porquê não era necessário ser artista ou desenhista para participar dessas atividades. O foco no processo da construção foi um destaque de motivação, que buscávamos constantemente fortalecer, para que os estudantes de ciências sociais, mas também de outros cursos de humanas, não sentissem que sua confecção gráfica fosse vista como feia ou irrelevante, principalmente em relação aos “artistas” da turma. Afinal, não é o estético que sobressairia para os objetivos da disciplina, apesar de ser sempre um ponto importante de perspectiva, mas sim os elementos construídos no papel para formular pontos de partida analíticos.

No que se refere aos estudantes de artes, por outro lado, revelaram-se pontos de distância dessa construção metodológica e disciplinar mais enfática, ou de um interesse na composição de uma “pesquisa” — apesar da metodologia constar no currículo do curso de Belas Artes. É possível que, pelo aspecto tradicional do curso, o apetite seja por modulações mais práticas e engajadas com suas obras no contexto contemporâneo, o que destoa em primeira mão do exercício teórico da leitura e da escrita. Por conseguinte, essas articulações puderam ser sentidas entre os graduandos com uma familiaridade e quefazer menos evidente.

No entanto, a leitura e escrita ainda consiste como importante para que, ao menos, estes construam seus trabalhos de conclusão de curso, que seguem os moldes tradicionais acadêmicos, cujo processo é tido como uma tarefa bastante penosa, que consome os estudantes. Este distanciamento refletiu, de forma recorrente, no cotidiano das aulas — em que as atividades

práticas foram propostas e bem aceitas, porém, o vínculo com a leitura e escrita ainda era algo que tinha que ser frequentemente incentivado.

Constantemente, durante as explanações sobre as autoras e autores do curso — e a proposição de um “debate” a partir de suas produções —, era exigido uma articulação maior para engajá-los. O desafio de lecionar para estes foi confeccionar nas atividades e recursos didáticos uma forma deles entrarem nos meandros teóricos propostos, mesmo sem terem tido contato com uma leitura prévia — que, apesar da resistência, era comunicada constantemente como fundamental.

Importante comentar que a percepção dessa distância com a leitura e escrita não deve ser lida como um desinteresse eminente, ou um estigma que generalize alunos do curso de Belas Artes na totalidade. Suas aproximações com essas articulações podem residir em outros contextos, outras prioridades, outras relações — a disciplina que construímos foi apenas uma localização específica, com um grupo específico, com textos e cronograma específicos. O que estou querendo propor aqui é uma reflexão de como a proposta curricular das disciplinas (ora mais práticas, ora mais teóricas) e suas demandas mais evidentes, se relacionam com o que trouxeram de aptidões, desejos, aprendizados — e como a nossa disciplina abriu margem para tais reflexões sobre as fronteiras entre arte através do desenho e construção científica/socioantropológica pela leitura e escrita. Poderia haver um imbricamento que impulsionasse ambas?

Ter um módulo, que após o desenho, focasse na escrita era algo complementarmente interessante para construir essa dinâmica de aproximação, o que se estende para todos os cursos de graduação, com estudantes que prezam de imediato pela experiência universitária e vão construindo o modus operandi de “preparo” para as aulas (leitura, fichamentos, debates) aos poucos. Dessa forma, logo de início, contávamos com múltiplas ideias de construção da disciplina que foram sendo estabelecidas aos poucos durante as apresentações e introduções de temas. Estes foram entremeados na expectativa de expressão criativa por parte dos estudantes junto à formulação de desenhos e da escrita, havendo foco para ambas as construções em momentos diferentes do semestre, com o intuito de uma combinação autoral para o trabalho final da disciplina.

Além disso, também se abriu espaço para se pensar a relação de humanos e não-humanos — com animais e plantas, sobretudo, dando foco para essas percepções dos estudantes no espaço

da universidade. Com a prerrogativa de estarmos em uma universidade rural, essas relações estariam presentes dentro do cotidiano ordinário do território estudantil e de mais fácil identificação.

Mais do que cercear uma forma dos estudantes cumprirem as tarefas do curso, que contavam com trabalhos em aula e para casa, a intenção do programa era para que se *treinasse* o olhar, as memórias e os sentidos de maneira a perceber o espaço ao redor e, para que com esse treino, fundamentasse percepções mais aguçadas na hora de realizar algum exercício da semana, colaborando, paulatinamente, para o êxito da entrega de um trabalho final.

Como essa configuração do curso estava muito ligada a produção de desenhos, mas também em se ocupar de pensar a escrita como uma confecção artesanal, que precisa ser olhada com mais gentileza, foi estimulado semanalmente, mas principalmente nas semanas finais do módulo do “desenho”, que anotações e observações escritas acompanhavam as ilustrações. O que de certa forma ressoou de forma mais orgânica para os estudantes de humanas e precisou ser mais endossada para os estudantes de artes.

Costumava-se bater na tecla que uma obra, enquanto um plano expositivo, tem seu valor – mas para o agregar de informações que almejávamos com o curso, era de compreensão nossa que precisava haver um diálogo, mesmo que autoral e sem critérios rígidos, de comunicação gráfica entre escrita e “imagem”. Nesse âmbito, o que tenho em mãos nesse capítulo é uma análise dos desenhos feitos pelos/as estudantes, com a configuração de imagem que lhe cabe, junto da escolha dos elementos e seu tom narrativo. Mas também como essa construção gráfica impulsionou a apresentação oral, mas, sobretudo, a escrita que acompanhava os desenhos — em legendas, depoimentos e anotações.

Dentre as dinâmicas direcionadas para cada tema da aula, vou dar foco nesse imbricamento entre desenho e escrita a partir de um exercício que contava com a elaboração de mapas. Essa elaboração fez parte de uma, das duas aulas, que lecionei de forma autônoma. Por este motivo, para mim, particularmente, a pressão e responsabilidade por algum êxito era maior. Contudo, era maior também a atenção de cada detalhe do que foi realizado e comentado pelos estudantes. Até porque uma coisa era construir um plano de aula, com o horário de cada atividade para atingir um determinado fim. Outra bem diferente, era motivar os estudantes e me relacionar com suas questões, dentro das elaborações teóricas da semana, a fim de construir algo coletivo, como foi o

caso dos mapas que aqui descrevo — e, claro, conseguir organizar em tempo hábil para que tudo fosse realizado a contento.

A construção de mapas, normalmente operada em aulas de geografia, foi inspirada fortemente pela oficina que fiz durante a graduação sob a orientação de Karina Kuschnir e no trabalho de Beatriz Soares Gonçalves (2021), justamente para transpor esse recurso para o conhecimento antropológico ao considerar os trânsitos urbanos junto aos sentidos. O trabalho de Niemeyer (1998), que orienta as proposições de Leach para introduzir estudantes na teoria antropológica a partir de seus próprios dados do cotidiano junto ao conceito de “mapas mentais” de Alfred Gell, ressoa também nessa proposta com singular apelo.

Com o título dado no plano de aula de “*Mapeando nossos trânsitos: os caminhos e lugares que passamos até chegar aqui*”, o objetivo principal era desenvolver um exercício que visasse reforçar tanto a observação dos entornos quanto um esforço de memória e diagramação, ao propor a criação de um mapa que indicasse como os estudantes guiam seus caminhos saindo de seus lares até a UFRRJ, no campus Seropédica.

Os objetivos específicos tinham o intuito de que (1) os estudantes percebessem elementos urbanos e logísticos, refletindo no trajeto e no tempo em que levam para chegar à universidade; (2) resgatar elementos visuais de outros sentidos como: os cheiros, os sons, as texturas, etc.; (3) observar a alteridade na locomoção que se coloca perante o outro ao longo do caminho para um mesmo destino, sendo de carro, de ônibus ou bicicleta; e, por fim (4) para que se exerçite se transpor para um só papel o caminho de diferentes bairros e municípios e mapear outras informações para uma “pequena pesquisa”.

Para que isso pudesse transcorrer de forma fortuita, foi solicitado previamente que os estudantes, durante a semana antes da aula, anotassem em bloco de notas do celular ou num pedaço de papel suas percepções acerca da paisagem no trajeto de ida e volta da Rural, os cheiros, os sons, e texturas. Se assim desejassem, também poderiam tirar fotos do caminho. Essa recomendação não se concretizou como esperado, no entanto, boas reflexões advieram de um momento de construção teórica feita a partir dos textos (Ramos, 2010 e Gama, 2020) e de perguntas antes do exercício sobre como foi vir para a Rural pela primeira vez, num entrelace entre experiência de memórias e de como isso poderia transcorrer no papel.

O que trago aqui, portanto, é a construção urbana e percepção de território a partir de agentes observadores que pensam a si e aos espaços. Estudantes que aceitaram participar de uma atividade em grupo, na confecção de um mapa afetivo. A princípio, essa atividade foi comunicada como algo que não teria um critério gráfico fechado que amarrasse uma modalidade única de construção. Algo que costumava repetir era de que não havia “algo errado” a se fazer — contanto que eles apontassem seus caminhos, da forma como bem entendessem, desenhassem e escrevessem, desejavelmente ambos, organizando os trajetos entre si. O que resultou em uma forma subjetiva e autoral de construção individual dos trajetos e coletiva na formulação de um grande mapa, ora se comunicando, ora se distanciando.

Estou organizando as discussões sobre esse exercício a partir dos três mapas realizados coletivamente, com 15 participantes presentes. Existe também, um quarto mapa individual, feito após o início da atividade, que buscou se conectar com o mapa 3. Desta maneira, primeiramente, apontarei os aspectos etnográfico-visuais dos três mapas coletivos — como o uso de materiais, a origem de quem estava desenhando e as escolhas de organização dos caminhos, assim como a forma que simbolizavam o ponto de chegada: a universidade.

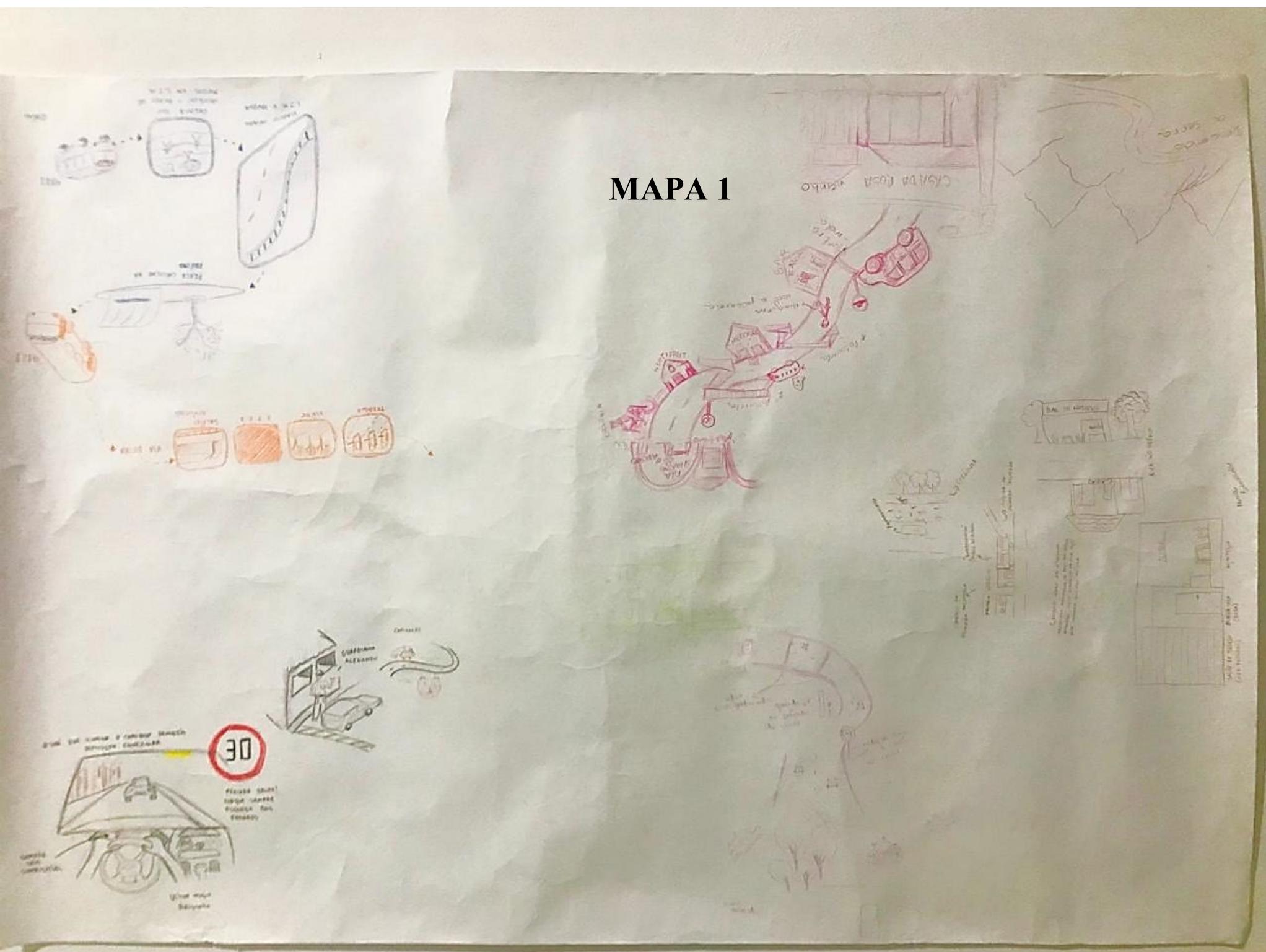
Em cada um dos três mapas, após a descrição geral, destacarei os desenhos e ampliarei seus relatos subjetivos, de acordo com nuances de observação própria do estudante desenhador. O quarto mapa será incorporado em uma dessas seções. Nelas, darei ênfase em algumas histórias, principalmente a partir tanto do que é possível ser observado e sistematizado pelo desenho, com as ilustrações (desenhos) e anotações (escritas), mas também junto das memórias do que ouvi em sala de aula. Complementarei, em alguns pontos, com a minha experiência enquanto etnógrafo que viveu parte desses caminhos na minha própria jornada enquanto mestrando da Rural.

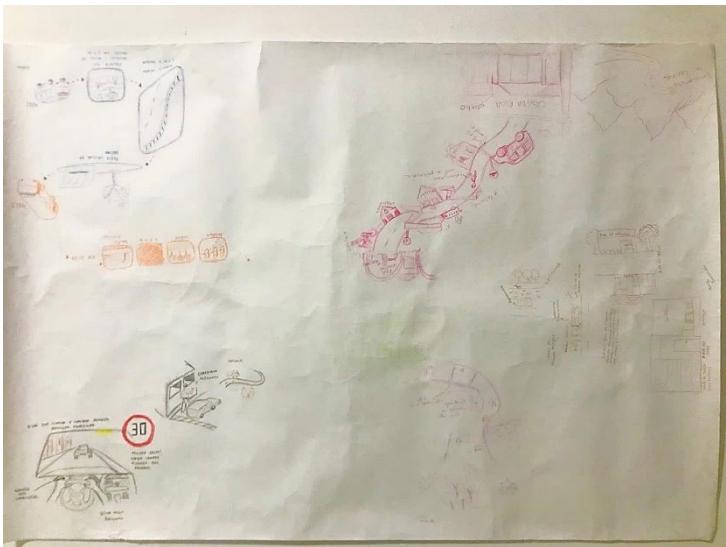
A escolha dos enfoques etnográficos dos desenhos/escrita não foi estética ou de predileção pessoal, mas sim a partir do que eu penso que podem comunicar de forma ampla não apenas a proposta desse trabalho, como também mostrar o que foi construído nas aulas formulando ideários constantemente observáveis pelos estudantes em relação aos aspectos da universidade e dos caminhos que levam até ela. Portanto, esses desenhos se relacionam dialogicamente com o que observei enquanto residente de Seropédica por um período, mestrando da Rural e etnógrafo com desenhos — seja para complexificar minhas percepções prévias, seja para agregar o que ainda não havia passado pelo meu crivo.

A estrutura segue, portanto, MAPA (1), MAPA (2) e MAPA (3) com uma descrição geral. Após enfoques em temas como a experiência de morar em Seropédica, de fazer baldeações e atravessar municípios, de vir de Campo Grande, um bairro importante de fluxo de estudantes, e de descer da serra fluminense de carro. No final, elaboro um pouco sobre o exercício de desenvolver essa etnografia visual e imersiva em sala de aula, procurando destrinchar sobre alguns pontos que se relacionam.

#### **4.2. Descrição etnográfica dos mapas desenhados**

### *Desenho 52: MAPA 1 dos estudantes*





Para dar início as descrições gerais, venho com o primeiro mapa, que tem cinco trajetos feitos, em um grupo de cinco pessoas, a partir de uma divisão esquematizada de forma relativamente simétrica com lápis-decor, com determinada — e pensada — organização de cores e espaço nos detalhes da confecção.

O uso do lápis possibilitou um maior apoio para as preocupações com os detalhes e, possivelmente, um traçado que pudesse ser “corrigido” ou “aprimorado” mais facilmente ao longo do processo, que seria mais difícil com canetinha hidrocor, por exemplo. Esse material também faz com que a foto que tirei do mapa não dê conta de todos os elementos que estão circunscritos, principalmente nas cores lilás e marrom — que é feito de forma bem clarinha — no canto inferior direito.

Esse mapa foi construído por quatro estudantes de Belas Artes e um de Geografia. Desta maneira, considero que a proposta de dimensionar uma orientação harmônica e bem dividida (sendo algo que salta aos olhos) foi mais proposital. Tal “harmonia” reside na percepção de que cada estudante se ateve a um espaço circunscrito em zonas relativamente similares. “Apertaram-se”, portanto, em um determinado quadrante, para que todos pudessem expressar sua modulação de forma proporcional.

O uso das cores também seguiu o mesmo contexto — cada estudante com a sua. As cores acabam não se repetindo entre si, constituindo uma particularidade e identidade no caminho de cada desenhador/a até a universidade. Embora alguns trajetos tivessem relação com o que estava sendo desenhado a seu lado (como lugares similares) os estudantes que confeccionaram esse mapa evitaram qualquer forma de cruzamento ou intervenção no desenho do colega.

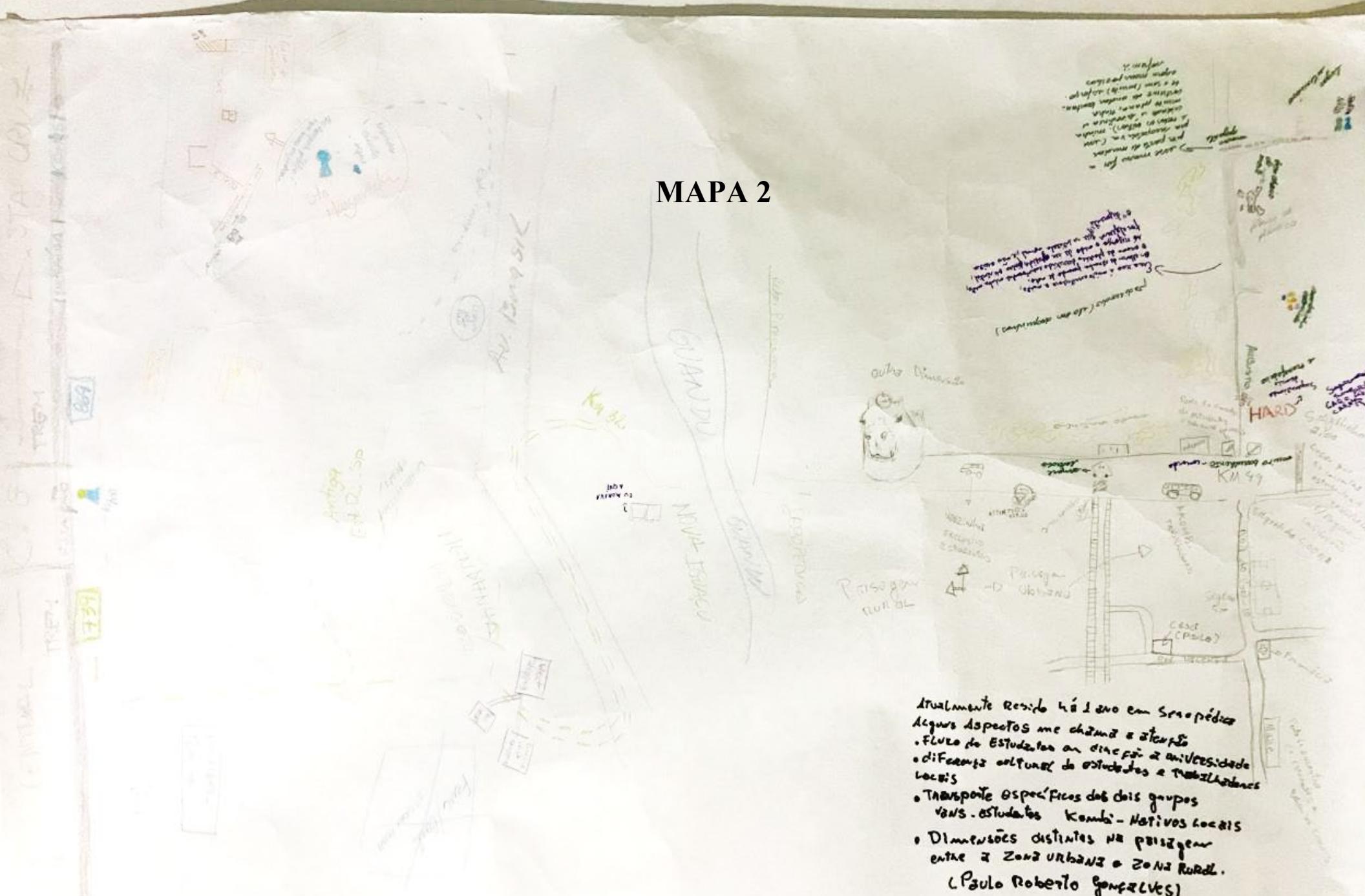
Além disso, essa esquematização entre cores, material único e formato demandou uma conversa mais esmiuçada, prévia ao desenho, sobre como isso se desenvolveria. Por isso esse grupo foi o que levou mais tempo para iniciar e terminar seus trajetos.

De todos os mapas, esse foi o que se constituiu com maior detalhamento na construção individual das ilustrações, em detrimento da parte escrita. Houve, sim, palavras para acompanhar e complementar o desenho — mas estas serviram como um apoio tímido, com relatos breves e legendas, não constituindo em algo que dê características extensamente informativas.

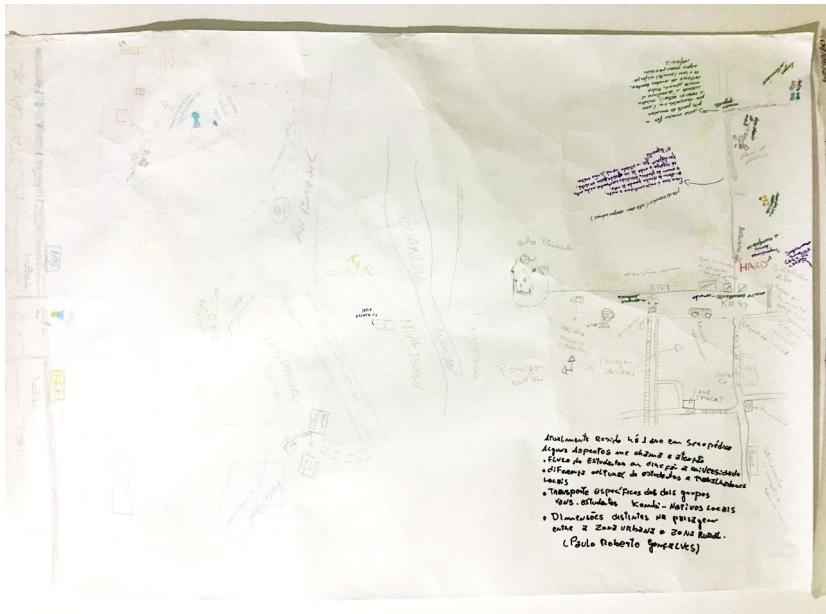
No centro do mapa, em verde bem clarinho, temos a chegada na Rural, representada por um desenho do Pavilhão Central — símbolo e logotipo da Rural perfeitamente transscrito — como ponto chave de encontros dos trajetos.

Retomo a consideração que, embora os caminhos passassem pelos mesmos lugares, foram demarcadas cinco histórias singulares na chegada até a universidade, assim como a singularidade — embora preocupada com a estética uniforme do coletivo — de seus traçados, com o desenho do pavilhão simbolizando a união das histórias e o destino de seus trajetos.

## MAPA 2



Atualmente Resido há 1 ano em São Pedro  
Alguns aspectos me chamam a atenção:  
• Fluxo de Estudantes anônimos na universidade  
• Diferentes culturas de estudantes e trabalhadores  
• Locais  
• Transporte específicos dos dois grupos  
    VANS - estudantes Kombi - Nativos locais  
• Dimensões distintas na paisagem  
entre a Zona urbana e Zona rural.  
(Paulo Roberto Gonçalves)



O segundo mapa é composto por quatro trajetos, em um grupo de cinco pessoas — sendo três trajetos individuais e um feito em dupla. Esse mapa tem uma confluência diversificada de materiais, formatos e diagramação dos trajetos. Tendo uso de giz-de-cera, lápis de cor, lápis grafite e canetinha hidrocor que desempenham funções e causam efeitos diferentes.

A predominância continua sendo o uso dos lápis que, do lado direito (na ótica de quem lê esse PDF), traz uma orientação mais detalhada de caminhos através do grafite, com desenhos que se complementam e se intervém entre si. As canetinhas servem como material para anotações, com relatos mais extensos e tópicos de observação. Referenciando a saída de residências em Seropédica, município do campus da Rural.

Do lado esquerdo, por sua vez, é feito um trajeto que ocupa mais da metade do cartaz, em lápis-de-cor e alguns detalhes em grafite tanto para as ilustrações quanto para as anotações, sem uso de canetinhas. Ocupa maior espaço na folha, vindo de Campo Grande e passando pelo KM32 (distrito de Nova Iguaçu) até chegar na divisa de Seropédica.

No lado de Seropédica, canto direito da folha, em espaço mais estreito, são indicadas cores para elementos escritos e comentários sobre o mapa. O restante do exercício cartográfico é realizado em lápis grafite, o que acaba dando destaque para as palavras, visualizadas em canetinhas coloridas. No lado vindo de Campo Grande, passando pelo KM 32, (canto esquerdo da folha, em espaço mais extenso) o trajeto e comentários são feitos em cores em lápis-de-cor e giz-de-cera para indicar elementos variados como estradas, vegetação, objetos, linhas de ônibus e estabelecimentos.

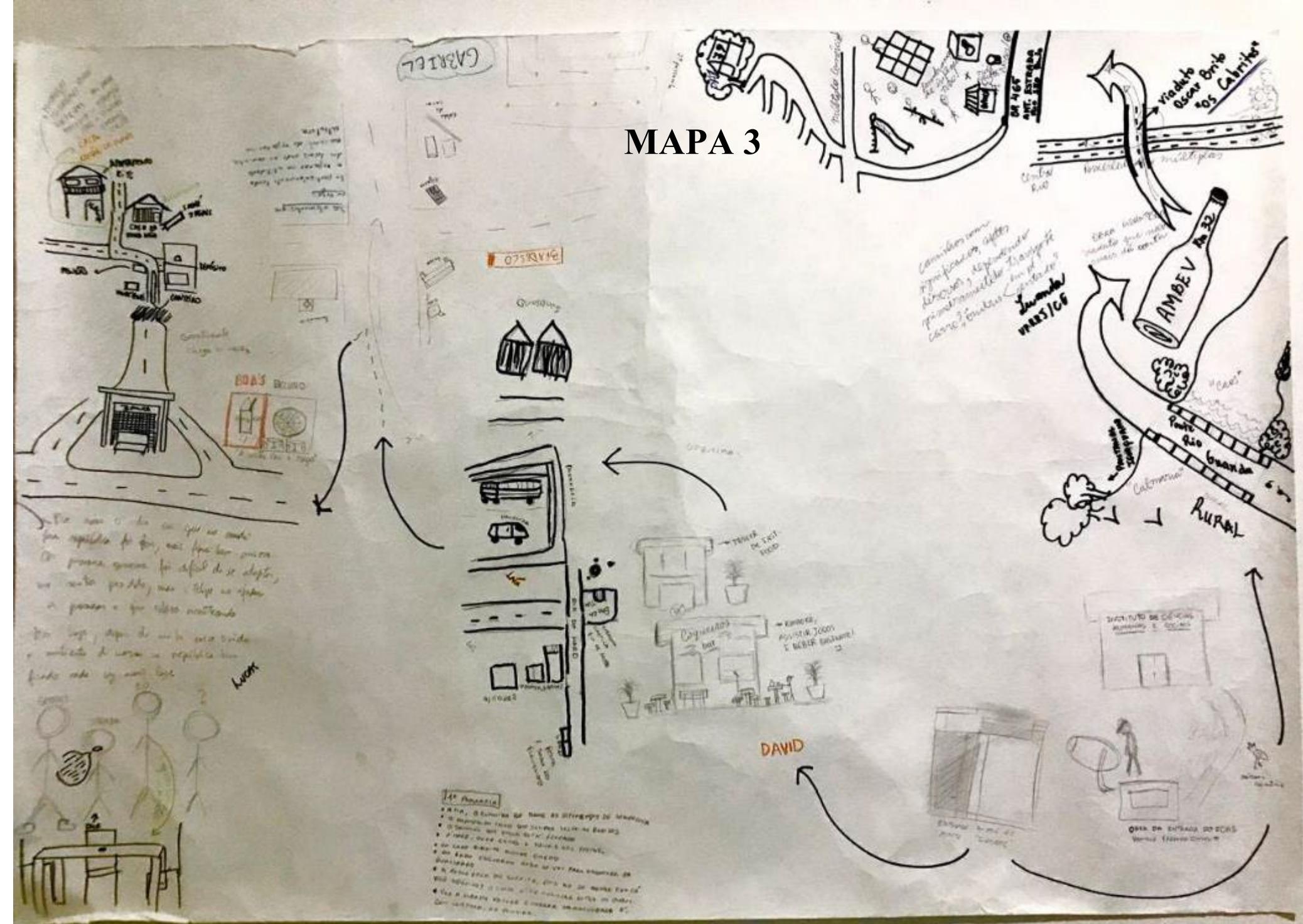
O mapa foi feito por três estudantes de Ciências sociais e dois de Belas Artes. A já mencionada combinação de materiais e elementos diversos criam um contraste entre os dois caminhos (Campo Grande e KM 32, lado esquerdo ← e Seropédica, lado direito →), mas que busca se aproximar de forma conjunta a uma certa proporção em relação à distância e a localização

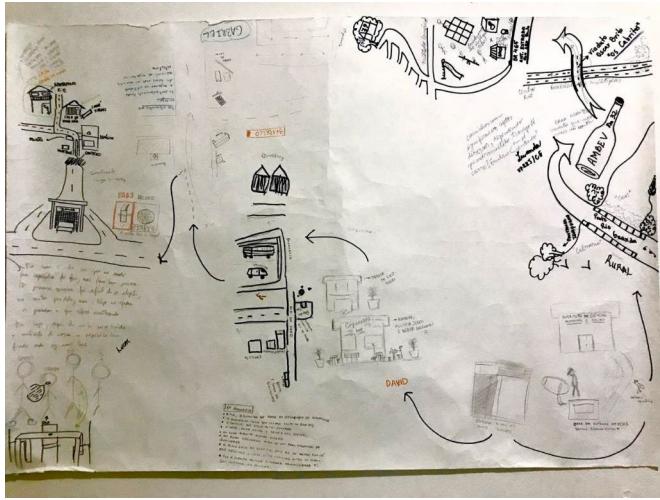
geográfica dos lugares. Seropédica, mais estreito por estar mais perto da Rural, Campo Grande e KM32 ocupando mais espaço por ser um caminho mais longo.

Existem escritos ao longo do mapa, em diferentes proporções. O lado de Seropédica é mais evidente, por serem feitos com canetinha, onde os três estudantes que residem no município traçam perspectivas detalhadas sobre seus caminhos, experiências subjetivas e elementos da cidade que percebem cotidianamente. Do lado de Campo Grande é referenciada a linha dos ônibus, comentários sobre a rotina urbana e indicações de lugares familiares.

O ponto de chegada no campus é simbolizado por uma cabeça de capivara. Esses roedores são o símbolo da UFRRJ, encontrados em várias instâncias do campus, principalmente ao redor dos lagos — mas também em outras localidades na Rural e no município de Seropédica. Diferente das construções prediais, o marco de chegada é representado por meio de um animal não-humano, evidenciando a relação da universidade com o universo zoológico (e ecológico) do território, mas também como elemento proeminente da construção e tradição de seus cursos mais conhecidos — voltados para a agropecuária e zootecnia e com um dos temas propostos na disciplina.

### MAPA 3





O terceiro mapa, é composto por cinco trajetos, em um grupo de cinco pessoas. O uso predominante de material consiste em marcadores preto de ponta grossa, em uma rota orientada por setas para demarcar a complementariedade do trajeto.

A opção por marcadores em maior parte no trajeto acabou destacando os lugares

em que o desenho constrói sua rota, trazendo uma sensação de direção mais evidente, mesmo em uma foto à distância que tenta captar o mapa inteiro, como a imagem acima. As cores são pouquíssimas e estão utilizadas apenas para dar detalhes e para salientar nomes. O lápis grafite é utilizado para construir alguns desenhos e anotações. Em algumas partes do papel, anotações são vistas em caneta esferográfica azul.

Esse mapa foi construído somente por estudantes de humanas, sobretudo Ciências Sociais, que, a meu ver, balancearam uma construção expressiva tanto de imagens desenhadas quanto de parte escrita — com comentários, depoimentos pessoais, anotações longas e tópicos de observação. A rota, assim como o mapa 2, é orientada vindo por Campo Grande (lado direito para quem está lendo o PDF), direção de uma estudante, e indo em direção a Seropédica, cidade aonde os outros quatro estudantes residem.

Embora não tenha uma proporção tão restrita como no mapa 1, a orientação é bem dividida para cada estudante circunscrever seu caminho e seus relatos, com curvas e diferentes disposições. Como a maioria é de Seropédica, perto do Campus, foi evidenciado de forma extensa os estabelecimentos de lazer, algo visto no mapa 2, porém agora com outra profundidade subjetiva, que será comentada em seções à frente. Outro elemento percebido é a complementariedade através das setas, os caminhos necessariamente se complementam e os lugares não se repetem.

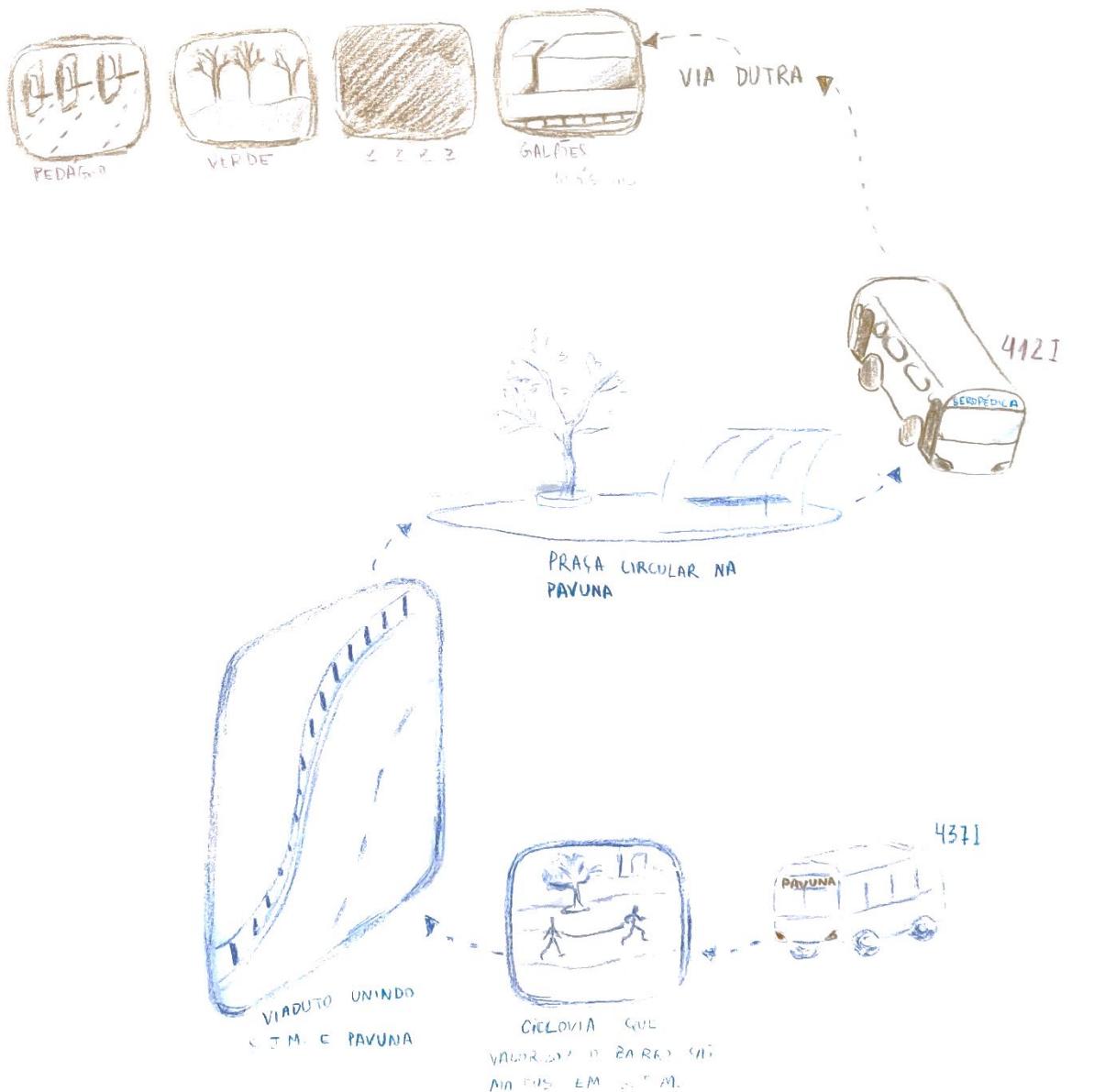
Com a predominância dos estudantes de humanas, o ponto marco de chegada na universidade se dá pelo ICHS - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, que tem um ponto de

ônibus próprio e a chegada de um fluxo considerável de estudantes tanto para o instituto em si, quanto para outros próximos do prédio.

#### 4.3. Desenhos dos trajetos numa perspectiva mais focalizada

Nessa parte, destaco algumas dimensões sobre os desenhos e observações mais extensas em alguns trechos. Distribuo por tematização, o que pode interpolar trajetos feitos em mapas diferentes.

##### 4.3.1. Movimentos entre baldeação e intermunicipalidade



Desenho 55: Recorte do mapa 1 - baldeações passando por Pavuna

Como a Rural é uma universidade que tem seus campi nos municípios da Baixada Fluminense, Seropédica e Nova Iguaçu, existe uma frequência extensa de estudantes de outros municípios da baixada, da Zona Oeste e bairros da Zona Norte que fazem divisa com a baixada. No caso do estudante, cujo registro destrincharei aqui, temos uma escolha de rota que representa esse fluxo, desenvolvido no Mapa 1. Seu caminho é feito através da escolha de trajetos, a partir de linhas de ônibus, que orientam a logística do estudante e a escolha de elementos de observação que este decidiu trazer para o papel.

Aqui, como primeiro indício do trajeto, temos o desenho do ônibus com o letreiro escrito PAVUNA e, ao lado, o número 473i, uma linha que parte de Coelho da Rocha, indicando que o estudante reside neste município ou em alguma localidade nos arredores, na Baixada. A seguir, ele indica pessoas correndo, em uma pista, a partir da sua vista da janela do ônibus, com árvores e casas ao fundo. Para comentar de forma escrita este desenho, ele coloca que a pista é, na verdade, uma ciclovia, que “valorizou o bairro São Mateus em S.J.M”, abreviação para o município de São João de Meriti.

O próximo desenho destaca uma ponte, com barreiras, o “viaduto unindo S.J.M e Pavuna”, esse último já no município carioca — tratando-se, desta maneira, de uma divisa de municípios — que se fundem na cosmologia da região. É desenhada também a “Praça Circular na Pavuna”, indicando um ponto com assentos e cobertura e uma árvore no centro. Essa praça, conforme o estudante, é uma localidade importante para baldeações do bairro, tanto que é onde ele parte para a segunda etapa de sua viagem, embarcando na linha “412i” que tem o destino no campus da Rural.

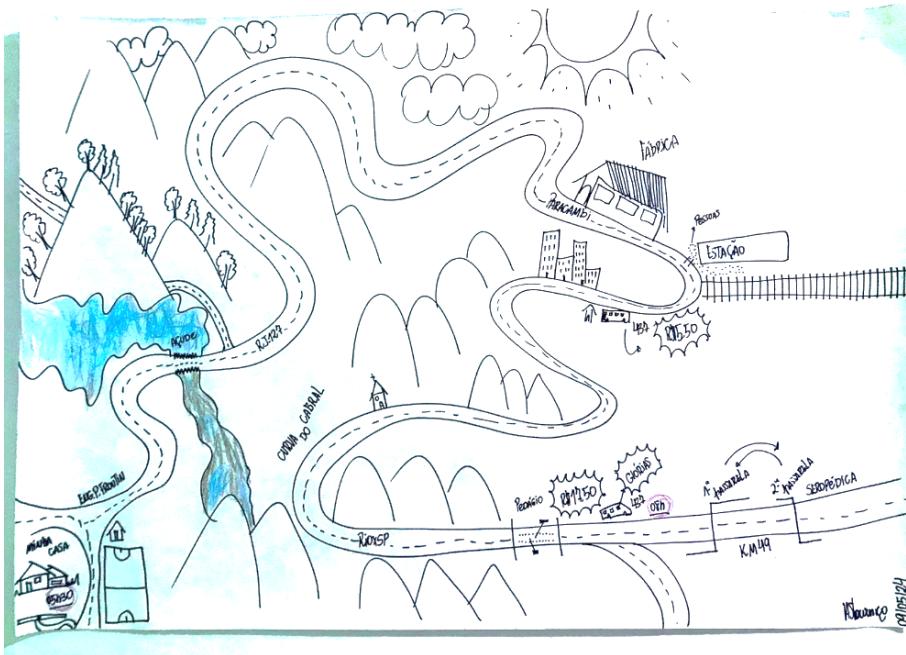
Já utilizei essa linha como alternativa do meu caminho corriqueiro. É uma linha criada em 2024, tratando-se de uma novidade no momento do desenho, que certamente facilitou a logística do estudante e, provavelmente por isso, consistiu em sua escolha para o desenho. Essa linha, para chegar a Rural, utiliza a via expressa Presidente Gaspar Dutra (Via Dutra) indicada, de forma escrita, ao lado do desenho.

Antes de chegar a Rural, a/o desenhador/a ainda expressa os elementos dessa parte de sua viagem em quatro quadrinhos. O primeiro é um desenho de “Galpões logísticos”, plataformas que tem sua predominância ao longo da estrada. O segundo quadrinho é um quadro todo pintado, tal como uma visão “escura”, e com o título “zzzz”, indicando o cochilo no banco do veículo no

trajeto. O terceiro quadrinho, nomeado de “verde”, traz uma sequência de árvores, configurando parte da paisagem recorrente do trajeto. O último quadro, antes da seta indicando a universidade, trata-se de um desenho do pedágio, símbolo da logística que separa os municípios, muito presente em outros trajetos e desenhos desse mesmo exercício.

Interessante destacar que o estudante escolheu por separar seu trajeto em duas partes a partir do uso de cores — azul ao sair de casa em direção à Praça Circular da Pavuna e laranja para o trajeto que utiliza na Dutra até a universidade. Nessa configuração, é possível perceber uma riqueza de elementos, como as caracterizações das divisas de município — o viaduto, o pedágio, as linhas de ônibus que compõe o caminho, cada uma com suas particularidades. Ainda há comentários sobre melhorias urbanas pelo poder público, como a “valorização” do bairro São Mateus pela implementação da ciclovía. Também são mencionados os elementos mais recorrentes como árvores e galpões. Sem deixar de lado sua experiência em meio a esse trânsito, ao pintar também o momento em que cochila e sua atenção ao caminho que apontam para um último período de descanso antes de começar as atividades na universidade.

#### **4.3.2. A experiência de chegar de carro, descendo a serra**



Além do fluxo constante da baixada e zonas enfatizadas na seção anterior, podemos observar um movimento — seja diário, seja semanal — de estudantes que se transportam para a rural de outras zonas mais distantes do estado, como a região serrana. Para ilustrar essa participação no nosso exercício, trago três exemplos que desenvolvem em maior ou menor grau esses elementos, com diferentes perspectivas.

O primeiro é o mapa 4, que mencionei anteriormente ter sido realizado por um estudante individualmente. Pelo trajeto mais longo do grupo e por ingressar na atividade depois que havia começado, o/a desenhador/a decidiu orientar sua descida a partir do município Engenheiro Paulo de Frontin, em uma cartolina a parte. Começou desenhando sua casa, com marcador preto - material que acompanha todo o trajeto - anotando o horário de partida, às 5h30, para chegar a tempo. Ao redor de sua casa é evidenciada uma quadra de esportes e a bifurcação para a estrada principal - a RJ 127.

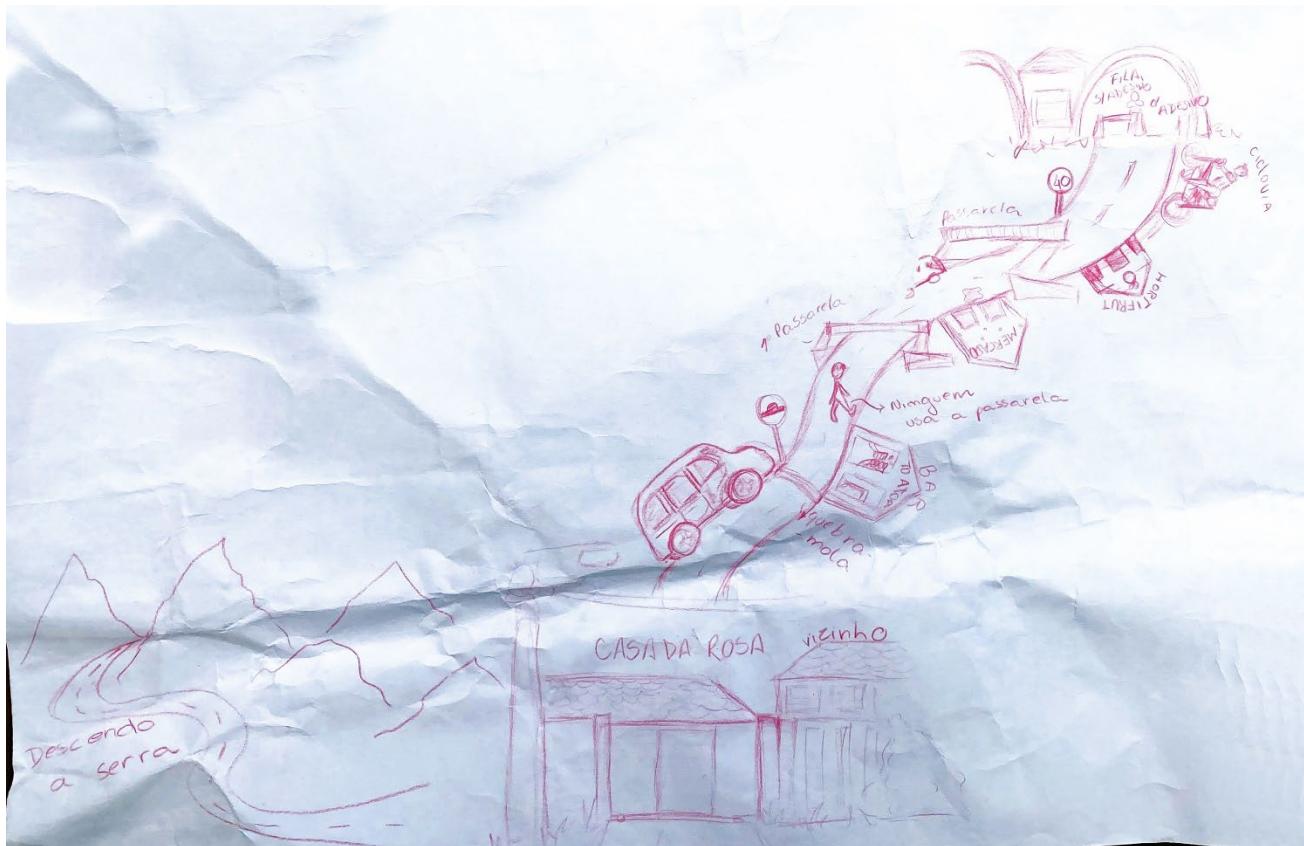
Destacando-se por sua cor azul vibrante, em um desenho que está predominantemente em preto e branco, é indicado que o caminho passa por cima de um grande açude. É destacado também grandes picos de morros com árvores e outras estradas interpostas, como se estivessem em plano de fundo, indicando a visão de caminhos em menor altitude, que podem ser vistas de cima.

Ao longo de toda descida, são indicados mais morros e uma vista de nuvens e sol. Ao chegar em Paracambi, já no nível mais plano, são desenhadas uma fábrica, a estação da SuperVia com pontinhos indicando as pessoas que aguardam o trem e um ônibus, o 437[p] que faz um percurso urbano do município de Paracambi em direção a Campo Lindo, na região de Seropédica. Tanto o valor de sua tarifa, ao momento do desenho, quanto o preço do pedágio - indicado mais à frente (ou embaixo), com pontinhos e traços demarcando uma cisão na pista, são anotados em um balão de exclamação, evidenciando seu custo que marca a logística de ida à universidade. Antes de chegar na relatada “Curva do Cabral”, é desenhada de forma discreta uma casinha com cruz, indicando ser uma igreja.

Após toda descida, o horário de chegada em Seropédica, indicado novamente pela mesma linha de ônibus, são 8h da manhã - totalizando cerca de 2h30 de percurso. Na cidade são indicadas, no espaço do KM 49 (do qual vou me debruçar mais à frente na seção dedicada à moradia na região,), a 1<sup>a</sup> e a 2<sup>a</sup> passarela, poucos quilômetros antes de chegar no campus da UFRRJ.

Nesse desenho ocupando uma folha inteira, foram delineadas as direções da descida que remontam curvas incessantes até chegar no município divisa de Seropédica. As disposições dos morros, vegetação e orientação da estrada colaboram para um aspecto visual *de zig zag* orientando não apenas o movimento do transporte, mas também da experiência visual que marca a paisagem.

O estudante relatou oralmente que costuma pegar carona, mas em certos momentos também utiliza um ônibus. São registrados custos para ambos no desenho, tanto do pedágio quanto da passagem.



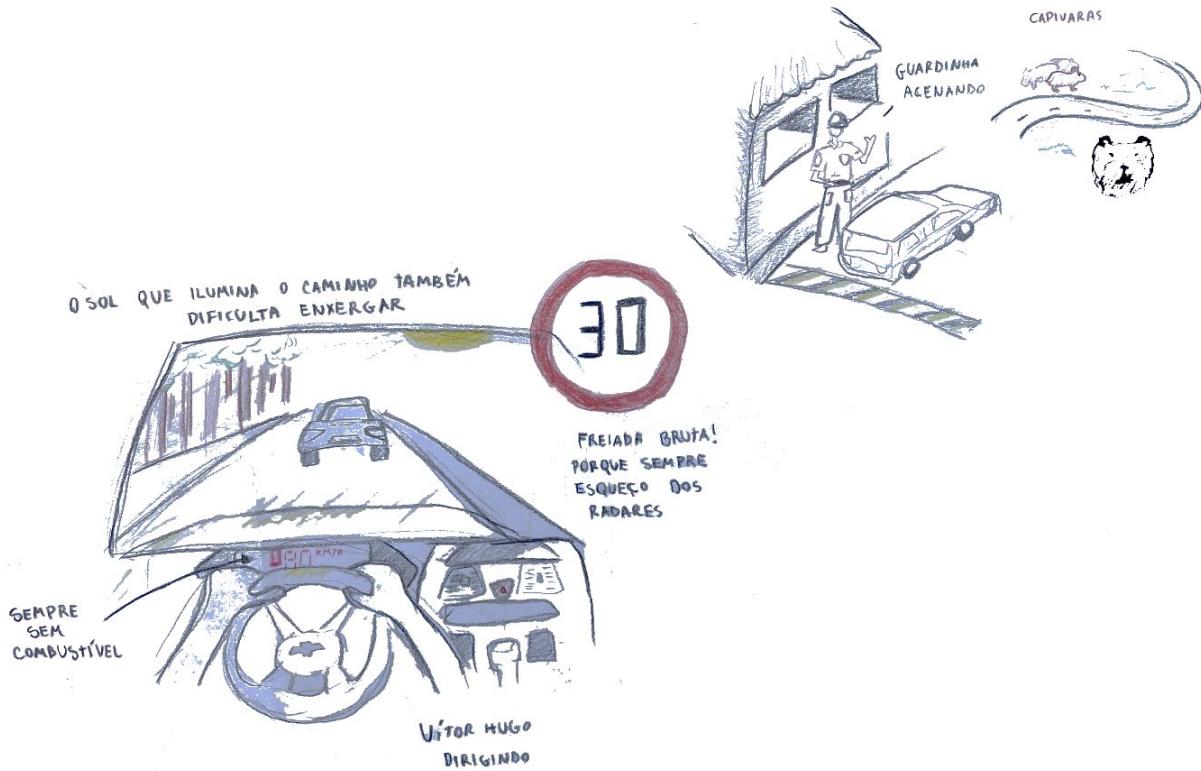
Nesse desenho parte-se de uma configuração com montanhas e estrada e o título “Descendo a serra”, indicando que a estudante do mapa 1 também é de alguma cidade da região serrana. A seguir ela compõe uma vizinhança que identifica como “Casa da Rosa” e a casa vizinha ao lado. Esse é possivelmente, o local onde ela permanece para ficar perto da Rural ao longo da semana. Há uma diferenciação de ambientação, da serra com elementos concisos “naturais” em espaços amplos e, ao chegar em Seropédica, elementos urbanos e mais apertados entre si.

O veículo utilizado é um carro, podendo ser próprio ou uma forma de carona. O desenho mostra um quebra-molas — presente em quantidade nesse trecho do KM 50 e KM 49, na parte com mais concentração de residências e comércios de Seropédica. Nos arredores da estrada é ilustrado um estabelecimento, identificado como “Bar Tô à toa”, na 1<sup>a</sup> passarela, com uma pessoa atravessando embaixo desta, com o comentário “Ninguém usa a passarela” — o que foi comentado

em outros desenhos, denotando o hábito recorrente dos transeuntes optarem mais recorrentemente por “negociar” com os carros para ir de um lado para o outro da BR, embora não haja semáforo.

Também é acrescentado um mercado embaixo da segunda passarela em direção à Rural, evidenciando seu destaque simbólico na paisagem nesse trecho da cidade. O hortifrúti antes da ciclovia oficial, que permite aos ciclistas terem segurança do lado direito da pista, também é desenhado. Placas de sinalização de velocidade são representadas e, por fim, a entrada da Rural em forma de um grande arco e duas filas: uma “s/ adesivo” e outra “c/ adesivo” — mecanismo de triagem da universidade para veículos que têm identificação da universidade e para os visitantes.

Na composição dessa estudante podemos ver uma divisão entre Serra e Cidade, se tratando da serra o local familiar em que a estudante passa o fim de semana e com o trajeto menos recorrente, com uma quantidade sucinta de elementos. Na parte urbana de Seropédica, onde a estudante fica durante a semana, temos um trajeto detalhado e elaborado a partir dos estabelecimentos — bar, mercado, hortifrúti —, sinalizações e itens típicos de trânsito como placas e quebra-molas. Além de um destaque para as passarelas e uma observação pertinente do hábito das pessoas de optarem por não utilizar e preferir se embrenhar entre os carros para atravessar. Por fim, é indicada a fila de triagem, que pode demandar algum tempo de espera, para adentrar o campus da Rural, indicada como último estágio antes de chegar na sala de aula.



Desenho 58: Recorte do mapa 1, descendo a serra sob a perspectiva do estudante que dirige.

Também descendo a serra fluminense, a/o desenhador/a do mapa 1 se imagina com a mão no volante, a 80 km por hora, descendo a caminho da Rural. Foi uma escolha que destoa das demais, não apenas por ser o único aluno dirigindo o veículo a caminho da universidade, em todos os desenhos feitos, mas também pela escolha de se colocar no desenho como agente, com a perspectiva visual em primeira pessoa. Percebemos a memória do painel do carro bem afiada, ilustrada com alguns detalhes, indicando uso contínuo do veículo.

A sua frente, ele indica outro carro e um caminho com vegetação (árvores) com um sol que ilumina. Ele complementa a experiência de dirigir para a universidade com alguns comentários, como uma seta que indica seu painel dizendo em tom de humor que está “sempre sem combustível”. Acima de seu para-brisa tem um comentário sobre o “sol que ilumina o caminho também dificulta enxergar”, o que traz a dimensão da ambivalência do tempo ensolarado como algo que embeleza o caminho, mas também traz certa tribulação para sua visão em relação ao trajeto. O comentário que parece singelo fala das múltiplas dimensões de tudo na vida e remete também à polissemia das imagens.

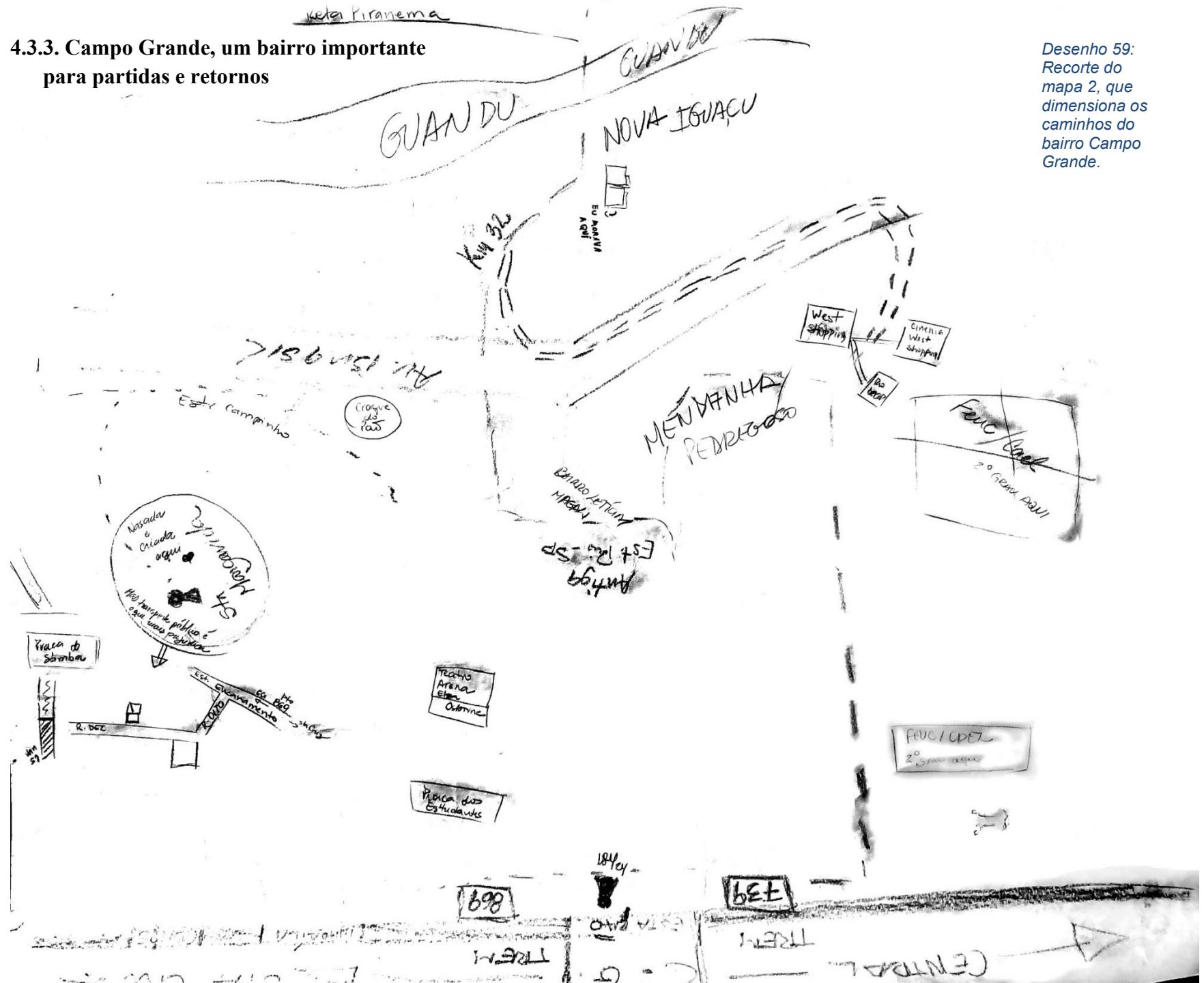
Com o comentário “Freada bruta! Porque sempre esqueço dos radares” o estudante complementa desenhando uma placa de trânsito de 30km, para evidenciar o limite de velocidade, sua frequente desatenção aos radares e, desta forma, provavelmente seu estilo ainda iniciante de dirigir. Pensando nos interlocutores de seu trajeto, ele desenha também uma cabine com um policial acenando, além de algumas capivaras, animal símbolo da Rural — possivelmente indicando sua chegada à universidade.

Temos aqui, portanto, o transporte que o estudante utiliza para chegar às aulas, sua perspectiva singular de guiar o carro, com as peripécias que implicam o uso de combustível e sua atenção às sinalizações, o caminho que realiza por meio de elementos de seu trajeto — sendo plantas, animais, outros carros e trabalhadores do trânsito. E, por fim, o sol que indica além da memória de um dia com um clima específico, que traz uma visualidade particular aos elementos do trajeto, sua experiência sensorial ligada à multiplicidade de sentidos do que é vivido no percurso relatado.

### **4.3.3. Campo Grande, um bairro importante para partidas e retornos**

~~SEPARATELY~~

## Ketoi Piranema



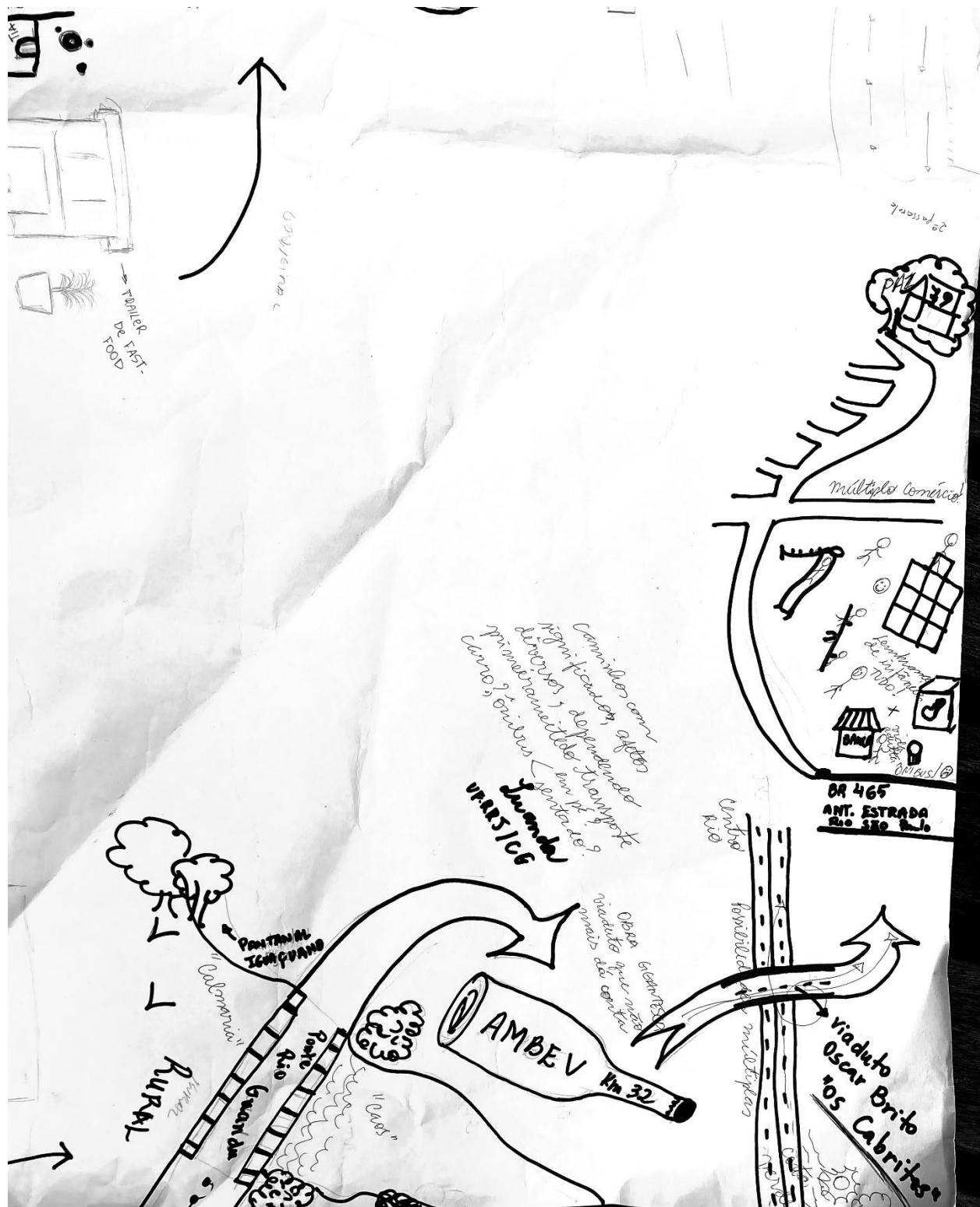
*Desenho 59:  
Recorte do  
mapa 2, que  
dimensiona os  
caminhos do  
bairro Campo  
Grande.*

Nesse desenho do mapa 2, a beirada lateral do papel 40kg é toda preenchida por uma faixa, indicando ser a linha de trem do Ramal Supervia Santa Cruz. A estação escolhida para ser representada é a de Campo Grande, de particular importância logística para o campus da Rural por ter um ônibus que sai desse local, na lateral da estação, em direção a Seropédica --- o 739L, movimentando uma quantidade expressiva de ruralinos.

Dentro da linha do trem, temos uma indicação com uma seta localizando a direção para a Central e, em direção oposta, para Santa Cruz. Ainda são indicadas, como estações seguintes, Inhoaíba e Cosmos. No centro da linha, está escrita em letras garrafais C.G. (estação), e são indicados o já mencionado ônibus 739L e o 869, que ficam na rua que acompanha o trem -- local com extenso comércio e movimentação, além de terminal para várias linhas.

Ao redor de sua casa, ela traça vias importantes do bairro, como a Estrada do Campinho, e sinaliza o estabelecimento “Craque do pão” – tradicional padaria confeitaria da região, que reúne centenas de pessoas diariamente. No seu trajeto até a estação ela vai sinalizando escrito em caixinhas “Praça do samba”, “Teatro Arena Elza Osborne” e a “Praça dos Estudantes”. Ao fazer a baldeação na estação já mencionada, ela sinaliza que passa com o 739L cotidianamente pela sua antiga escola, FEUC/Cael, onde fez o segundo grau, e no West Shopping, popular na região, que é entrelace entre vias importantes como Estrada do Mendenha e Estrada do Pedregoso.

O ônibus, ao atravessar pela Avenida Brasil, chega em um ponto em que os elementos de Campo Grande dão espaço a uma divisa do Rio com um distrito de Nova Iguaçu, local onde a estudante sinaliza que já morou, no “KM 32”. É desenhado o Rio Guandu e a Reta Piranema marcando outra divisa importante e bastante simbólica, de Nova Iguaçu com Seropédica, um pouco antes de chegar no campus da Rural.



Desenho 60: Recorte do mapa 3, dimensionando os caminhos do bairro Campo Grande e do KM32

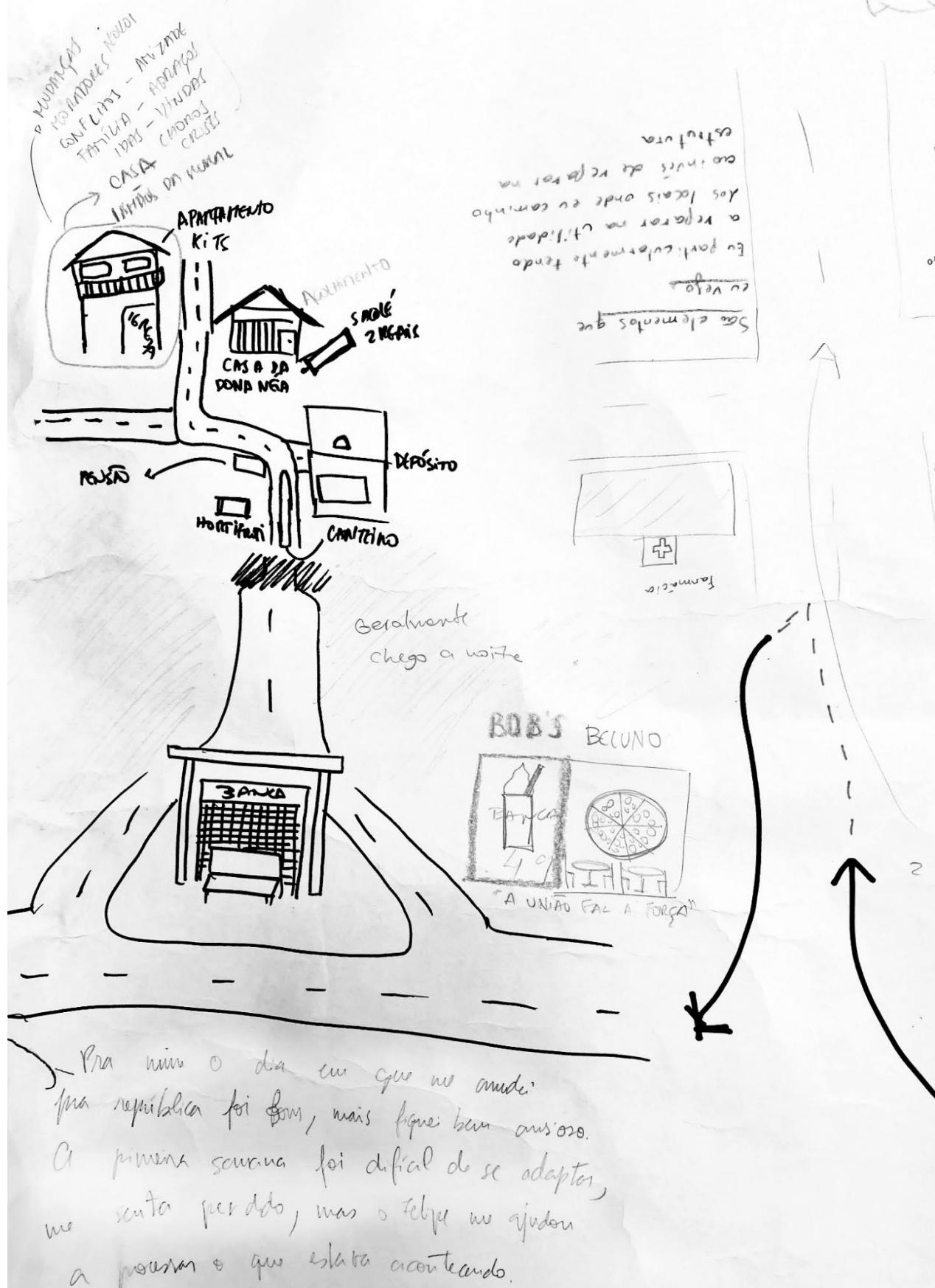
Aqui, essa/e desenhador/a que integrou o grupo do mapa 3, trabalha sua perspectiva de forma reversa, saindo da Rural em direção à Campo Grande, e ilustra a partir de algumas árvores uma referência ao pantanal iguaçuano, atração turística junto ao Lagoão do Gandu, uma bifurcação que começa a delinear a divisa entre Seropédica e Nova Iguaçu. Ela traz uma perspectiva da ponte que separa ambos os municípios naquela região, a Ponte Rio Grande delinea a “calmaria”, como relata, da paisagem bucólica e rural, em detrimento do “caos” de chegar já na região do KM 32 (Distrito de Nova Iguaçu), que além de estar num circuito mais urbano, sempre é alvo de congestionamento de veículos – causando ruídos sonoros, tempo extra de trânsito e estresse –, além desse trecho ter uma circulação mais intensa de pessoas e funcionamento de comércio.

À frente, é desenhada uma garrafa gigante escrita “AMBEV Km 32”, indicando a cervejaria com instalações imensas que fica na região, onde há uma bifurcação para várias direções, com o/a desenhador/a comentando que há “possibilidades múltiplas — sendo a principal seguir a Avenida Brasil em direção ao centro da cidade do Rio de Janeiro ou, na direção oposta, ir para a Costa Verde — lugar de sol, praia e vegetação — como indica seu desenho. Essa divisão é marcada pela presença do Viaduto Oscar Brito, ou conforme alcunhado como apelido jocoso pelo desenho “Os Cabritos”.

Atravessando esse viaduto e suas bifurcações, é chegada a hora de pegar a BR 465, ou como é mais referenciada, “antiga Estrada Rio São Paulo”, via que dá acesso a Campo Grande, o bairro onde reside. Nesse espaço são desenhados vários elementos que remontam ao passado e presente da/o desenhador/a, como Banco, ponto de ônibus – indicando como parte de sua vida adulta (com um emoticon triste) — e brinquedos de parquinho tais como escorregá, trepa-trepa, gangorra etc. — sendo parte de suas felizes “Lembranças da infância”, e exclama, “TUDO!”.

Seguindo a rota, ela continua na via e a rua começa a ter várias saídas para outras menores, onde anota a presença de múltiplos comércios. Seguindo em frente, depois de passar mais algumas ruas, sinaliza que está chegando em sua residência onde desenha uma figura simples de casa, uma árvore gigante que a envolve e o número 79, além de um comentário que representa seu estado de espírito e a simbologia de seu lar: PAZ

#### 4.3.4. Seropédica, local do campus e extensão residencial para a maioria dos participantes



Desenho 61: Recorte do Mapa 3, dimensionando parte do caminho do estudante em Seropédica.

Neste, o/a desenhador/a utiliza um espaço considerável do mapa 3 para traçar seu caminho com uma precisão de detalhes e memória afiada, além de reflexões que contextualizam seus traços em várias medidas. Ao desenhar sua residência, que fica em um sobrado acima de uma igreja, uma república, indica “apartamento/kits, apelidada de “Casa Irmãos da Rural”. O nome não é por acaso, uma vez que ele segue com uma série de palavras-chave para caracterizar sua experiência morando nesse espaço, criando relações dialógicas com alguns termos, tais como: mudanças – moradores novos; conflitos – amizade; família – abraços; idas – vindas; choros – crises; etc. Só nesse começo já é possível inferir, à revelia dos desenhos de outros estudantes, sobre a convivência doméstica e os desafios que enfrenta para se manter próximo a universidade – valorizando analogamente suas relações de afeto e fraternidade que foram criadas para que sua convivência pudesse ficar sustentável.

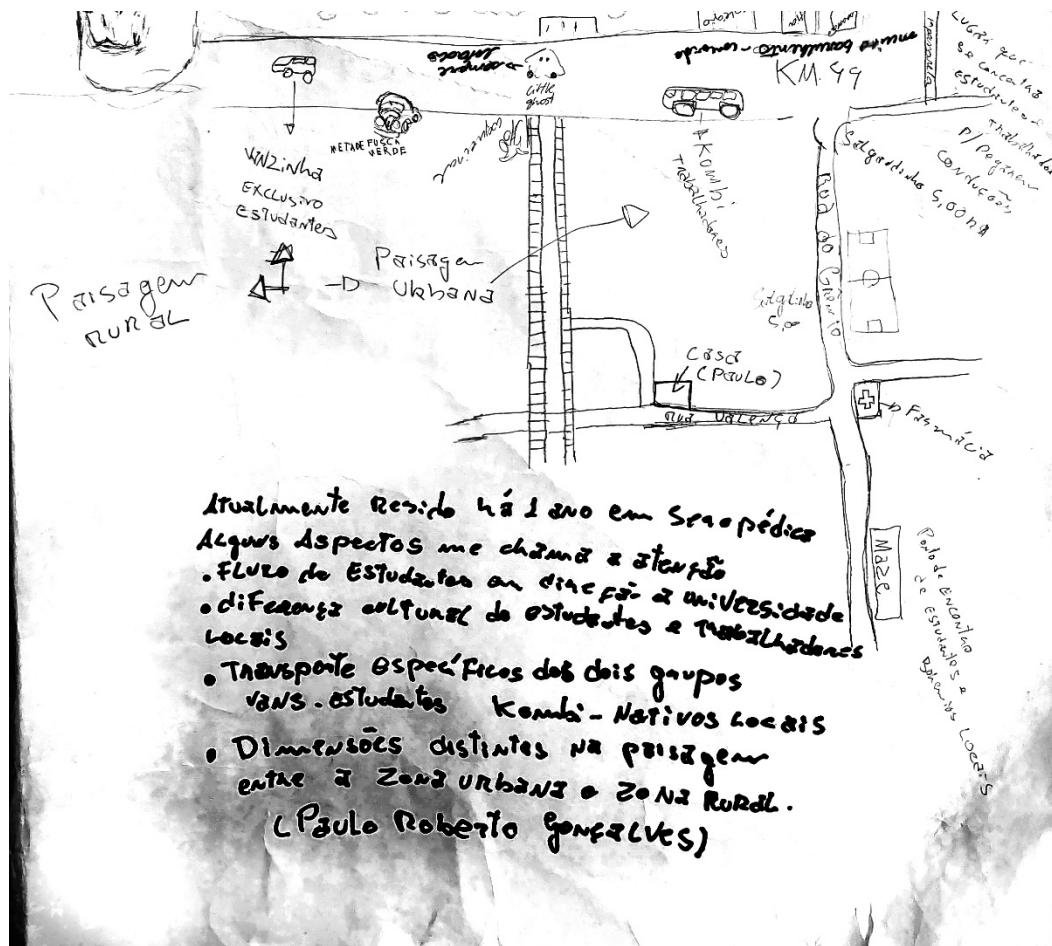
No mapa que ele desenvolveu ao sair da sua casa – em cima da igreja –, ele sinaliza que ao lado está a “Casa da Dona Néia”, que vende “sacolé [por] 2 reais”, em verde sinaliza que é um espaço de “acolhimento”, evidenciando que mais do que um local para compra de um produto refrescante, consiste também em um lugar de aproximação afetiva com as pessoas dali. Segundo, é sinalizado, dos dois lados da rua, em caixinhas, um depósito (provavelmente de bebidas), uma pensão, um canteiro e um hortifrúti. Chegando na via principal, é possível visualizar, com um banco desenhado e uma espécie de malha quadriculada para indicar grades a banca, em posição de destaque. Ao lado estão desenhados dois estabelecimentos: o Bob’s (fast-food) e o Beluno (pizzaria). Para indicar ambas as categorias, a primeira é marcada com um desenho de copo com sorvete e canudo, indicando se tratar de um *Bob’s Shakes*, que ao invés de lanches, vende somente sorvetes e milkshakes; a segunda é colocada um círculo com divisões e rodelas indicando ser uma pizza fatiada (com calabresa) e pequenas mesas redondas e cadeiras. Um comentário curioso é feito embaixo desse desenho: “a união faz a força”, o que pode se deduzir que um estabelecimento impulsiona o consumo do outro: o lanche e a sobremesa.

Ainda embaixo, retomando a sua convivência doméstica, o estudante traz um relato pessoal sobre sua chegada e permanência no local: “Para mim o dia em que me mudei para a República foi bom, mas fiquei bem ansioso. A primeira semana foi difícil de se adaptar, me sentia perdido, mas o (fulano) me ajudou a processar o que estava acontecendo. Hoje, depois de muita coisa vivida, o ambiente de morar na república tem ficado cada vez mais leve.” Finaliza desenhando quatro

pessoas, em bonecos de palitinho: ele mesmo e mais três companheiros de casa, destacando um com balão de diálogo, comentando que esse é o colega mais falante da casa; os 4 estão reunidos em uma mesa da cozinha – local de reuniões, em que estes saem dos seus quartos e confraternizam juntos. Percebemos que, com esse contexto, o estudante atendeu o comando de desenhar seu trajeto, mas deu ênfase ímpar na experiência subjetiva de sua moradia bem mais do que em características do trajeto.

Como é própria das moradias estudantis na cidade (tanto o alojamento, quanto espaços alugados), a rotatividade de estudantes e suas mudanças são constantes. Os conflitos e os laços de amizade, tais como os momentos de abraços e crise são símbolos não apenas semânticos, mas complexos, de um termômetro sempre a se nivelar, mas que dificilmente se estabiliza por completo; justamente pelo eterno devir de sair e entrar de novas pessoas e histórias, acompanhando o ingresso e o egresso nos cursos de graduação da Rural.

Portanto, por dividir sua habitação com outros estudantes, é possível que o destaque que a/o desenhador/a deu em sua rotina doméstica se imbrique com a dimensão da universidade continuada em seu lar, seus movimentos e interações. Seu trajeto ou a visão entre “casa” e “universidade” como não dicotômica, como podem ser interpretados a maioria dos trabalhos de quem participou deste exercício, e sim se relacionando com a realidade de muitos estudantes residentes de Seropédica.



Desenho 62: Recorte do Mapa 2, dimensionando parte do caminho do estudante em Seropédica.

Já aqui temos outra/o desenhador/a que montou um mapa em um trecho de Seropédica, dessa vez no mapa 2, no bairro Boa Esperança, emulando uma cartografia como comumente entendemos, vista de cima e com diferentes cruzamentos. Pelo entrelace mais ostensivo de caminhos, é difícil à primeira vista identificar o ponto de onde parte em direção a universidade, sua casa.

Uma vez identificado como “casa (seu nome)” em um quadrado, ela/e insere esse espaço numa faixa denominada Rua Valença, indo para dois lados. Um lado, à esquerda, vai em direção a uma representação de trilhos, indicando onde passa o trem de carga na região. O trilho é o marco de uma distinção, consoante o que é assinalado em setas em seu mapa, entre paisagens urbana e rural. Do outro lado, à direita da Rua Valença --- e, portanto, dentro da perspectiva de paisagem urbana --- ela desemboca na “Rua do Grêmio”, codinome local da Rua José Tunula, bem citada entre os estudantes como uma rua importante para as residências e interações estudiantis. O bar do

Mazinho é ilustrado aqui também, antes de cruzar com a Valença, com a identificação de “Mazé” ---- descrito por este estudante como “ponto de encontro de estudantes e boêmios locais.

Seguindo a *Rua do Grêmio*, temos um quadrinho com a representação de uma cruz indicando ser uma farmácia que fica em bastante evidência e frequentemente mais aberta que o restante dos estabelecimentos da rua. Uma quadra é desenhada, sem descrição --- mas por conhecer a rua acreito que seja para delimitar a praça que é bem característica do local, reunindo moradores e alguns estabelecimentos ao redor. Logo em seguida a rua termina no que é a estrada do km 49, a via principal de Seropédica e a já mencionada passarela, o “lugar que se concentram estudantes e trabalhadores p/ pegarem conduções” conforme descrito pelo estudante.

Um detalhe curioso sobre o que foi composto até aqui, é que são marcados três vezes ao longo desse percurso lugares para comprar salgadinho e o seu preço – sendo dois pontos na rua do Grêmio, por cinco reais, e chegando na passarela, já à beira da estrada principal, custando dois reais, denotando seu frequente consumo e avaliação de custo-benefício.

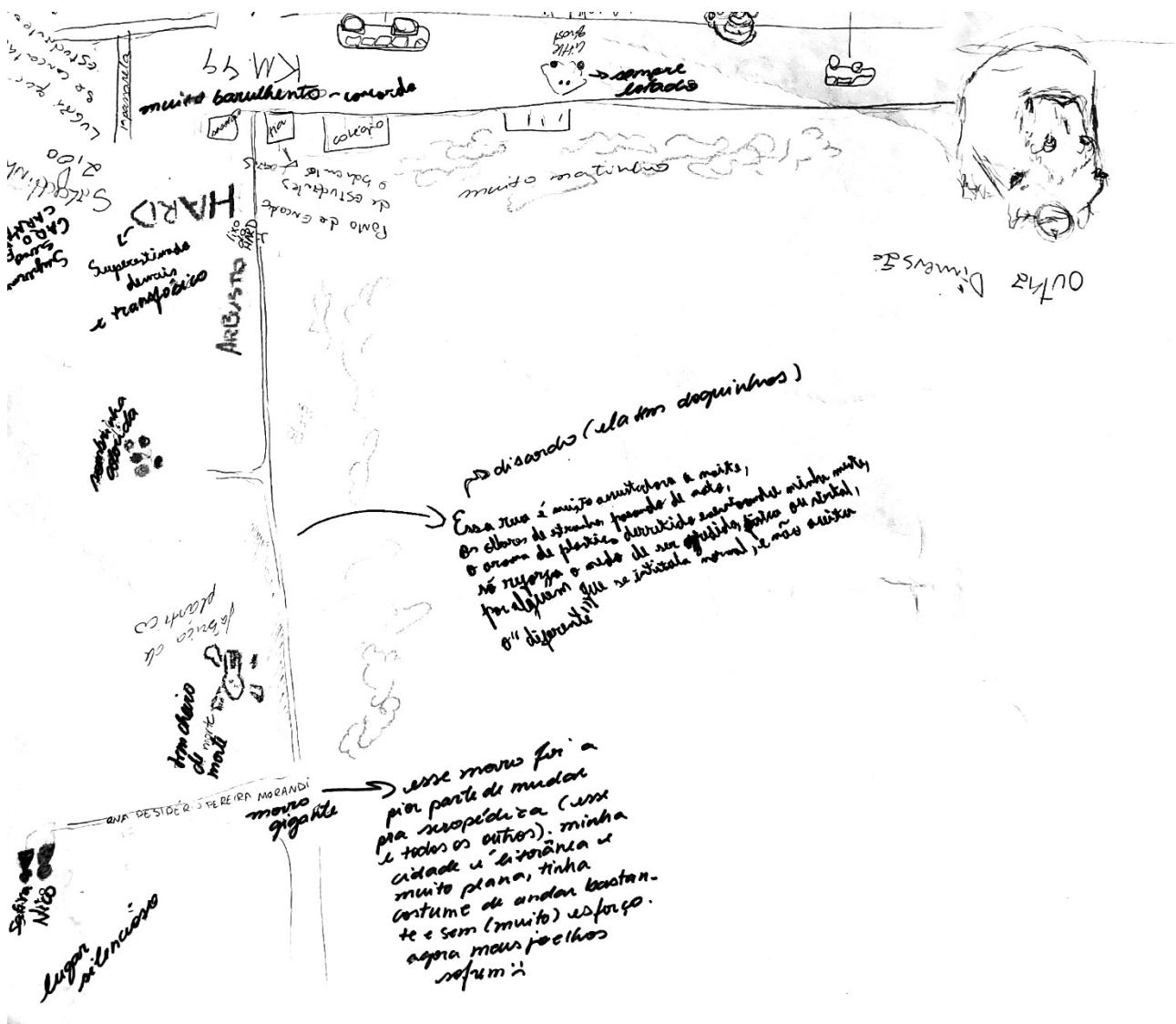
Já na altura do Km 49, na BR, são desenhados alguns veículos que passam recorrentemente, fazendo uma distinção interessante entre três: atrás, perto da passarela tem um carrinho alongado, a Kombi, que o estudante descreve como de uso principal dos “trabalhadores”; no meio temos o “*Little ghost*”, forma jocosa fazendo analogia a tradução em inglês do “Fantasminha<sup>15</sup>”, que, como é complementado por outro estudante por uma seta em verde, “está sempre cheio”; mais à frente, chegando em direção à Rural vemos uma van, que diferente da Kombi, é “Exclusiva de estudantes”.

O que fica desse desenho aqui é uma junção interessante de cartografia afetiva com diferentes disposições de caminhos, cruzamentos (Rua Valença, Rua do Grêmio, KM49), distinção entre o que se considera urbano e rural (separados pela linha do trem), estabelecimentos (Mazé, farmácia, Bar da tia), transportes e pontos de alimentação com preço --- os salgadinhos). Complementando sua perspectiva sobre o lugar em que reside e faz seu caminho para a universidade, o estudante elenca pontos abaixo do mapa em texto, em destaque com marcador preto.

---

<sup>15</sup> Fantasminha é como é chamado o ônibus, branco, da rural que transporta os estudantes entre o campus e Seropédica.

Os pontos do trajeto nos arredores de Seropédica são importantes indicadores das interações, frequências e movimentações de seus moradores universitários. Os relatos de como encaram seus trajetos, como no desenho abaixo, trazendo reações ao caminho, mas também memórias, indicam uma disposição de passado e presente que se convergem na rotina das caminhadas.



*Desenho 63: Recorte do mapa 2, complementando o Desenho 62 em Seropédica*

Apesar da construção do mapa ter sido em grupo de cerca de 4 a 5 pessoas, uma dupla de alunos montou os mesmos trechos, por morarem juntos ou muito próximos, e fizeram comentários que se complementam --- seja para concordar ou discordar. Esse caminho começa a partir da Rua

Desiderio Pereira Morandi, no bairro Fazenda Caxias, bairro que fica em direção oposta à do desenho anterior, mas que também desemboca na BR-465, principal do km 49. Para indicar a casa, eles fazem dois bonequinhos de cores diferentes, uma na cor roxa e outro verde, e essas canetas serão usadas para identificar os comentários ao longo do caminho.

Próxima à casa, já indo para a rua que dá caminho para a estrada principal, é sinalizada a existência no local de uma fábrica de plástico; é desenhada uma caveira com ossos para indicar com insatisfação que esta fábrica “tem cheiro de morte”. Na sequência é descrito um morro gigante, que nas palavras do estudante de caneta verde “foi a pior parte de mudar para Seropédica (esse e todos os outros [morros]). Minha cidade é litorânea e muito plana, tinha costume de andar bastante e sem (muito) esforço. Agora meus joelhos sofrem” e finaliza com uma carinha triste. Ao longo desta rua que termina na BR-465, são colocados vários traços em verde musgo, indicando que existe “muito matinho”.

A estudante de caneta roxa comenta que a rua “é muito assustadora à noite, os olhares de estranhos parando de moto, o aroma de plástico derretido [por conta da fábrica mencionada anteriormente] envenenando minha mente, só reforça o medo de ser agredida física e verbal[mente] por alguém que se intitula normal, e não aceita o diferente”. Esse comentário é notório, pois é o único que traz a dimensão de constrangimento e medo da violência sobre seus corpos em algum trajeto, algo que é comentado de forma ampla em relação à Seropédica em outros contextos, e, especificamente no período em que estávamos em atividade<sup>16</sup> foi razão para cancelamento de aulas e uma sensação de terror que se instaurou. A seriedade e temor do comentário no mapa, no entanto, é quebrada, de forma inusitada, pelo estudante de caneta verde que aponta uma seta relatando que “discorda” das considerações, pois na rua “tem *doguinhas* (cachorros que circulam)”, destacando como um ponto positivo do trecho.

Seguindo em frente, são colocados alguns pontos em várias cores, indicando ser uma “sombrinha colorida”. Não fica claro do que se trata exatamente, mas possivelmente um espaço com plantas diversas e que fornece sombra. Em frente temos escrito em letras garrafais vermelhas HARD, se tratando do “Hard Bar”, lugar que fornece espaço físico para a realização da grande

---

<sup>16</sup> O acontecimento, tratando-se de um tiroteio no centro comercial do KM49, vitimou fatalmente um estudante do campus, instaurando uma sensação de luto e intensificando a comoção e a incerteza sobre o andamento das aulas e o bem-estar de quem reside e transita por Seropédica

maioria das festas universitárias. Os comentários sobre o lugar são negativos: em roxo lemos que é um lugar “superestimado demais”, em verde que é “transfóbico”. Ainda há comentário sobre o lixo do Hard, com uma carinha triste, disposto no chão ao final das festas e que, possivelmente, se estende para a rua? – indicando ser algo comum pela recorrência das festas.

Perto do Hard, já no limite do papel, é puxada uma setinha para fora da folha, indicando o Supermercado Seropédica, comentando ser “caro pra caralho”. Essa indicação é feita com o mercado imaginado fora do papel, não apenas porque não caberia dentro do esquema e espaço fornecidos, mas pela questão que a estudante procurou evidenciar dele estar fora de suas possibilidades concretas devido ao custo de vida e de consumo neste que é um dos poucos mercados grandes da cidade – logo é parte da narrativa do mapa, mesmo “ficando de fora”.

Já na via principal, é evidenciado novamente a “tia” em uma caixinha, a dona do “Bar Santo Grau”, que pela sua presença atuante durante o funcionamento do estabelecimento, já transformou o espaço em uma marca registrada de convívio de estudantes e construiu uma relação afetiva com os frequentadores, que passaram a chamá-la desse jeito. Perto da tia, são colocados o sacolão que funciona 24h – uma das peculiaridades bastante comentadas de Seropédica, frequentemente relacionada a especulações para razões escusas – e o colégio municipal que funciona ao lado.

Nos desenhos de Seropédica, até aqui, temos uma interpolação de duas visões sobre um mesmo caminho, indicando uma sensorialidade apurada a respeito dos cheiros e visuais do trajeto, seus estabelecimentos e considerações sobre um trecho da rua --- ora tido como perigoso, ora sendo querido pela circulação de cachorros, que falam de diferentes percepções a partir do gênero dos estudantes. Considerações sobre poluição e o relevo do trecho são evidenciados, com símbolos e histórias pessoais que dão apporte às considerações no mapa.



Desenho 64: Recorte do mapa 3, dimensionando parte do caminho da estudante em Seropédica, valorizando os estabelecimentos do local.

Ainda em Seropédica, dando ênfase aos estabelecimentos já citados, temos algumas novas perspectivas que se relacionam ao que foi relatado. Retornando ao mapa 3, temos um trajeto desaguando já na conhecida “1<sup>a</sup> passarela”, referenciada em outros desenhos. Aqui, a/o estudante decide traçar alguns comentários em legendas: Farmácia no meio, o sacolão “que nunca está fechado” de um lado, o Depósito “que sempre salva as bebidas”. Paralelamente, do outro lado da rua, está o Bar da tia, também ilustrado por outros estudantes, aqui traçado pela/o desenhador/a com o comentário de ter “energia caótica de fim de festa” e consiste no “encontro de todas as diferenças de Seropédica” – sendo o único que fica aberto até de manhã e, portanto, o *point* para os “*afters*” – espaço ou momento para prolongar a noite (por vezes até o amanhecer) após algum evento.

Se um lado da Br-465, em direção a Seropédica, tem o ponto de chegada da estudante, embaixo da “passarela de enfeite” – afinal “ao se mudar pra cá, você aprende: o certo é se arriscar entre os carros”; atravessando para o outro lado, no entanto, é aonde a estudante vai “para esquecer da realidade”. Pela confluência de movimento e boemia, (às vezes, até amanhecer), caracteriza que, em Seropédica, “ver a cidade nascer e morrer de madrugada é, com certeza, na [região da] primeira [passarela]”.

Por tais eventos marcantes e sociabilidade constante, aqui o/a estudante demarca um circuito pulsante de características de uma região que, para além do lugar em que reside para descansar, se sente, em meio às movimentações frenéticas e agitação, como estar “em casa” – onde pode relaxar, e enfim, esquecer da tal realidade, que às vezes pode ser difícil.



Desenho 65: Recorte do mapa 3, dimensionando o Coqueiros Bar - importante ponto boêmio de Seropédica

Outro exemplo de estabelecimentos enquanto referências de “casa”, atravessamos a BR para a região do Coqueiral, também local de muitas moradias estudantis. Aqui a/o estudante, também no mapa 3, desenha com esmero, primeiramente, um “trailer de fast-food”, representando o teto, a abertura para a venda de lanches e o restante da estrutura. Embaixo, ou poderia dizer ao lado, tem o Coqueiros Bar, que assim como outros mencionados, é um estabelecimento frequentado pela boemia local e, claro, as/os universitários/as. A/O desenhador/a faz uma representação vívida, com elementos como a fachada, as aberturas para a saída de pedidos, o microfone, mesas, cadeiras e plantas. Desenha um boneco de boné para trás, em uma das mesas, com um copo e uma garrafa. A pessoa com boné representa a si no bar passando o tempo em um espaço que, de acordo com sua anotação, é bom para “karaokê, assistir jogos e beber bastante”, finaliza com um *emoticon* feliz “:)”, dando a entender com seu registro simpático, o apreço e importância que tem pelo espaço para seu entretenimento e cotidiano na região.

Adiante segue desenhando uma entrada “depois do ponto ‘curral’”, em um desenho que parece estar com orientação aérea de um terreno. Já na Rural, na entrada do ICHS, desenha um outro boneco com um boné – só que dessa vez, virado para a frente para proteger-se do sol, não se

referindo a si –, junto a este boneco há uma betoneira, indicando que é um pedreiro, ou como anotou, uma representação dos “homens fazendo cimento”. Seu comentário refere-se a obra que estava sendo realizada na entrada do ICHS - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, que durou todo o semestre em que tivemos as aulas. Foi desenhada uma ave, apelidada de “pássaro demônio” que estava incomodando estudantes e foi alvo de comentários no dia. Mais à frente, desenhou o ponto de chegada, da entrada da faculdade – o ICHS.

A/O estudante optou por colocar exatamente sua experiência ao sair da residência, mas traçou perspectivas sobre os pontos onde passa no caminho e frequenta em momentos de lazer – como o bar. Ao chegar no campus, ilustrou uma observação de um período específico em que se estavam realizando obras na entrada de seu instituto – registrando os trabalhadores e o maquinário. Antes de chegar no instituto em si, foi feita também uma menção ao assunto do dia – o pássaro demônio, que infernizava a vida de quem passava naquela manhã.

#### **4.4. Considerações sobre o exercício de mapeamento e reflexões sobre os desenhos e interações**

Cada mapa que foi descrito, assim como os enfoques temáticos nos desenhos, revelam que não existe um único jeito de contar uma história. A escolha de materiais, a maneira como os desenhos se relacionam e até o que é destacado ou omitido revelam diferentes perspectivas sobre o mesmo espaço urbano. Tais elementos são privilegiados nos relatos por si, então ao invés de adentrar novamente nos aspectos da cidade construída através dos mapas<sup>17</sup>, as presentes considerações são sobre a construção de uma atividade que coloca a observação de estudantes/interlocutores em primeiro plano. Transformando o ordinário e rotineiro em chave de expressão para fins didáticos, de valorização de pontos de vista e para sistematização etnográfica. Assim como singularizando os recursos registrados a partir de quem realizou, com seus rabiscos e modulações gráficas

---

<sup>17</sup> Algo que poderá ser feito, posteriormente, em um manuscrito que permita eu me debruçar com mais profundidade sobre a construção de “cidade” e mobilidade urbana apresentadas nesses relatos etnográficos-desenhados.

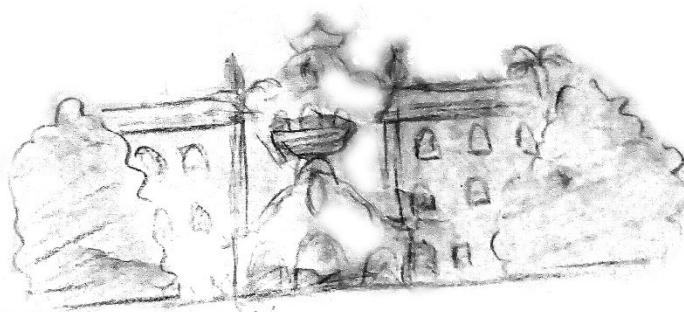
Por exemplo, no Mapa 1, a preocupação com a estética e a harmonia reflete um olhar mais planejado, estancando jornadas singulares em direção ao ponto comum, com espaço e cores demarcadas. No Mapa 2, a diversidade de materiais mostra um espaço mais fragmentado, com contrastes entre diferentes áreas. No Mapa 3, a ênfase na escrita e nas setas sugere uma visão mais dinâmica, focada na mobilidade e no cotidiano sem linha reta. Essas diferenças, combinadas com a experiência subjetiva e a origem dos cursos de quem participou, leva a um ponto essencial: quem tem o poder de representar um espaço? Uma vez que os trajetos não são apenas físicos, mas também sociais e simbólicos. E retomando as indagações da dissertação, qual o melhor jeito de balizar essas informações para produzir uma rota de conhecimento que valorize as informações subjetivas através do desenho? Esse capítulo é uma, dentre diversas possibilidades.

Afinal, se os mapas produzidos a partir da cartografia tradicional — incluindo, como recorremos contemporaneamente, aos aplicativos de mobilidade no celular — tentam ser objetivos, os que foram incentivados nessa atividade são formulados a partir de meandros menos rígidos. Meandros esses que, pela valorização expressiva, carregam uma carga da memória disponível e construída, do afeto sobre os espaços, da alteridade das percepções sobre um mesmo local e da pulsante manifestação das relações.

Levando em consideração essas dimensões em primeira camada, foi possível, através dos desenhos e dos escritos nos mapas, levantar uma gama de informações que dessem conta desse capítulo — sobre os trajetos, as pessoas e a universidade. E assim, essas mesmas dimensões devem estar presentes em diferentes esferas de uma pesquisa etnográfica que se coloca em comprometimento com a imersão do campo — seja com a presença física, participante ou não, seja a partir de documentos, seja a partir de mapas, seja a partir de desenhos. A nuance dialógica é o que marca o investimento etnográfico e da conceituação antropológica. Se puder contar com uma atividade que amplie os mecanismos de expressão dos interlocutores, como soltar a mão para rabiscar, os ganhos podem ser valiosos para o que se busca adentrar em termos de conhecimento.

O fato de cada mapa ter um ponto de chegada diferente (Pavilhão Central, Capivara, ICHS) mostra que o mesmo destino, a universidade, não é apenas um lugar, mas uma construção simbólica que varia conforme o olhar e movimentação de cada grupo, e parte de um diálogo entre pessoas que compartilham suas perspectivas sobre a instituição, em suas trajetórias. Suas diferenças de escolha demonstram moldes de relação com o que simboliza chegar à universidade, não apenas como destino “final” de um caminho, mas também no início de uma bateria de atividades e envolvimentos, encapsuladas em um espaço representado no desenho de uma construção predial:

o pavilhão ou um instituto; ou então a partir de seu símbolo/mascote representado por um animal silvestre (a capivara).



*Desenho 66: Recorte do mapa 1: Pavilhão Central da Rural*



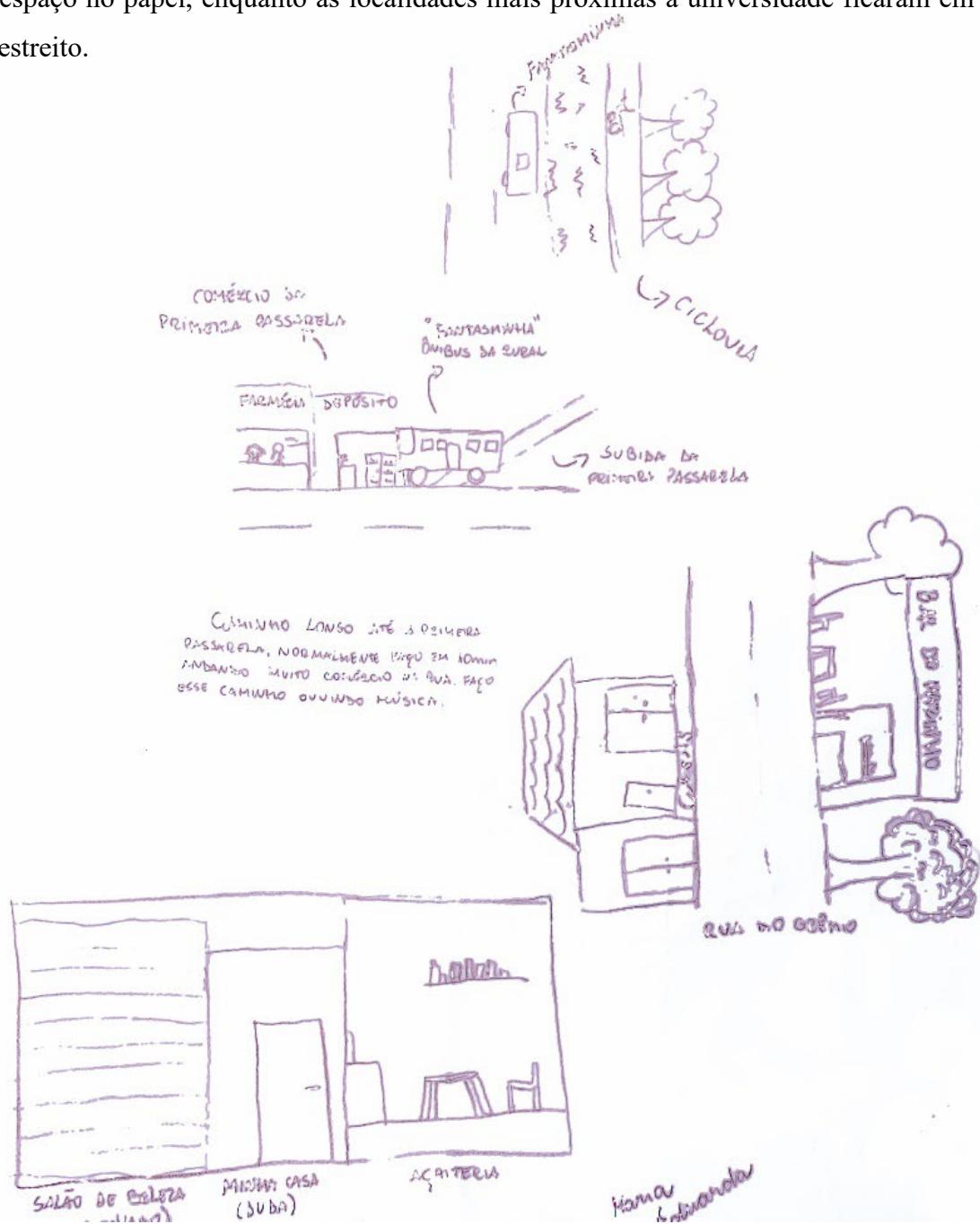
*Desenho 68: Recorte do mapa 3: ICHS*



*Desenho 67: Capivara mascote da Rural*

Não existindo, portanto, um jeito certo ou errado, ou então um único mapa da cidade, e muito menos caminho individual para a universidade. Cada trajeto é uma experiência sensível, onde desenho e narrativa escrita se misturam para criar uma cartografia que não é neutra, mas cheia de significados coletivos. Pensando em como esse conhecimento foi trazido para o papel, apesar das singularidades de cada trajeto, os mapas também mostram um esforço compartilhado dos estudantes interlocutores. Os grupos negociaram seus espaços dentro do próprio papel, evitando sobreposições no Mapa 1 ou criando intrínseca complementaridade no Mapa 3. No mapa 2, por sua vez, temos uma dimensão que privilegia a distância enquanto um caminho que precisaria ocupar

mais espaço no papel, enquanto as localidades mais próximas à universidade ficaram em espaço mais estreito.



O uso autoral de anotações, relatos e desenhos combinados para chegar a esse destino, a universidade, reforça que os trajetos não são apenas deslocamentos físicos, mas, experiências carregadas de escolhas, condições de locomoção e percepção que moldam a/o estudante que vai chegar em seu instituto para alguma atividade. A pessoa que chega na universidade não é a mesma que saiu de casa, pois esta passou por um processamento de variados elementos e estímulos.

O reflexo sistematizado nessas folhas papel é uma marca do que foi essa transposição de informações, processadas cotidianamente pelas pessoas, mas que podem ser banalizadas pela repetição da rotina. Com o incentivo desse exercício, foi possibilitado que se constituíssem informações autorais amalgamadas em primeiro plano, valorizando pontos de vista e observações, dando destaque ao que poderia ser ordinário. Afinal, em quais momentos, de forma extensa, as/os estudantes podem relatar sobre si e suas trajetórias nas aulas expositivas? Sendo a sala de aula um lugar onde produção de conhecimento é marcada pelo excesso de institucionalização das relações sociais, mas que emerge enquanto um pulsante encontro e embate de diferentes narrativas sobre experiências de vida (Pimentel, 2014:50). Em caso de considerarmos esse espaço um paralelo para outros campos etnográficos, em quais momentos as/os interlocutores/as de pesquisa podem ser realmente ouvidos/as no que realmente gostariam de expressar?

Quanto às origens disciplinares dos/as participantes, sendo ora mais voltados para o estudo das artes ou para os estudos sociais, houve um impacto nas escolhas sobre material, diagramação e predileção por escrita ou desenhos. Entretanto, em um aspecto geral, revelou-se que uma dinâmica de cartografia valorizando as dimensões afetivas e subjetivas, ou seja, desenhar em um mesmo papel coletivamente — e sem direcionamento excessivamente crítico-técnico que evidencie suas “habilidades” ou “aptidões” — reverbera em uma prática social, que envolve acordos, limites e interações entre as pessoas, inevitavelmente com mãos diferentes — simbólica e fisicamente. E, por conseguinte, ao trazer para a dimensão de uma sistematização etnográfica, foi possível conferir vivacidade e alteridade nos registros de suas considerações enquanto agentes de conhecimento, sejam de qual disciplina for.

## **Considerações finais**

Nestes derradeiros contornos da experiência — nem um pouco linear — de construir minha dissertação, venho dar um pouco mais de profundidade em como encarei e como tenho refletido sobre a minha maior expectativa nessa pós-graduação stricto-sensu: entrar em campo. O que desencadeou a partir do desenvolvimento de um projeto que seria nesse “campo”, singular, localizado, refletiu, no final, em diversas frentes e dimensões de pesquisa. O campo pretendido, em si, seria a sala de espera e a interação seria feita a partir de desenvolvimento de uma etnografia com desenhos com meandros observáveis das interações usuários em posição de aguardar atendimento, acompanhar alguém que vá ser atendido e todas as lógicas subjacentes de um trabalho que estava sendo realizado para suprir as demandas desse espaço. Não apenas me restringiria a observar, mas também viabilizaria uma interação por meio de desenhos.

Em uma pesquisa de mestrado, no entanto, especialmente na fase preliminar, se busca, incessantemente, construir perguntas para construção e análise do objeto. Não é novidade que na área da Antropologia essa é, provavelmente, a fase que mais exige um caráter exploratório, especialmente se tratando de uma etnografia — sendo interessante ir a campo o quanto antes, justamente para formular tais perguntas de consciente maneira. Mesmo que se tenha de construir uma premissa de pesquisa (hipótese) para tal fim, essa não se “sustentaria” se não for algo que se estabeleça junto aos interlocutores em uma pesquisa que se coloca como exploratória.

Argumentei na submissão de pré-projeto para o mestrado que esse “campo” estaria bem fundamentado numa localização específica e temporalidade (cronograma) específicos. No entanto, pela realidade que se impôs para essa dissertação, até o momento dessa escrita, não sei ao certo quando este campo efetivamente começou. Pode ter começado quando tive contato na graduação, em condições primevas, com um trabalho etnográfico que articulava desenhos. Ou então, quando tive contato com a pesquisa profissional em Saúde Pública, numa ótica interdisciplinar com famílias. Ainda é válido considerar que eu só tenha conseguido interagir mediante uma observação participante que se utiliza de confecção de ilustrações que comunicam informações etnográficas, de fato, na sala de aula — com estudantes da Rural — deslocando completamente a proposta inicial.

Antes dessa reorientação mais ampla, até momentos bem recentes, imaginava o campo ainda em uma localização (ou pelo menos tematização) específica. Eu ainda esperava a sala de espera. O único fator mais significativo que determina se uma pesquisa será aceita, afinal, como

“antropológica” é a medida em que ela depende da experiência “no campo”. De acordo, com Gupta e Ferguson (1997), essa última colocação é uma máxima que ainda se impunha à época de sua publicação, mesmo em meio a transformações que temos visto do quefazer antropológico na contemporaneidade. Passados quase 30 anos desse trabalho, acredito que essa máxima do campo reverbera em lógicas atuais. É o que os autores argumentam que ainda distingue, na lógica disciplinar, a Antropologia de outras fontes de conhecimento e pesquisa. É o que nos faz verdadeiros antropólogos (*id. 1997*). Mesmo que não seja o caso da maioria, ao menos posso dizer que incorporei essa premissa sem nem considerar estranhar tal coisa. Afinal, sem um campo específico eu não poderia ficar. Que antropólogo seria eu? Me questionava se estaria de fato validando minha posição e vaga num programa que comporta uma linha antropológica, se estaria fazendo valer o tempo da minha orientadora e das demais pessoas que confiaram no meu trabalho. Nessas considerações, definitivamente precisava fazer o que estava ao meu alcance para fazer esse campo acontecer.

Se me foi facultada, um maior envolvimento interpessoal e criação de vínculos de pesquisa na sala de espera no ambulatório, ao propor a realização de exercícios com desenhos na sala de aula, pude entender a partir da interlocução com os estudantes, uma possibilidade de cativar para outras frentes de pesquisa, incluindo a da saúde (se possibilitada) uma busca por representação afetiva e cambiada do espaço urbano que circundam a vida de quem desenha. Pensando nessa orientação, discorri sobre a construção de mapas e de como esta destacou a experiência subjetiva de quem percorre os trajetos, com elementos que não se limitam ao físico, mas envolvem aspectos sociais e simbólicos. Ao trabalhar com diferentes grupos e suas trajetórias, os mapas se tornam uma forma de expressão coletiva e sensível — assim como o desenho em outras categorias ativas.

O desafio, no entanto, reside em aplicá-la fora do ambiente acadêmico/escolar. A adaptação para outros espaços, como os institucionais em saúde, demanda uma abordagem mais atrativa e envolvente, considerando as diferenças entre os contextos e a necessidade de engajamento dos participantes. A proposta de uma "cartografia afetiva" precisa de uma construção de vínculo e autorização institucional para ter impacto efetivo.

No entanto, essa janela de possibilidade me foi aberta para considerar oficinas futuras em espaços de saúde, caso eu retorne para esse campo em outra oportunidade. Bem como também sedimentou a sala de aula como um lugar de experimentação por natureza, em que o incentivo para

sair do lugar-comum das aulas expositivas possibilita não apenas recursos didáticos que envolvem estudantes, mas uma construção fortuita de perspectivas de pesquisa qualitativa para além da universidade — observando os desafios que podem se impor pela realidade tangível.

Pensado a princípio como catalisador principal, uma etnografia desenhada na lógica da saúde, pensando questões urbanas, poderia dimensionar trajetos, dificuldades e sensorialidades dos interlocutores na sala de espera, corroborando para um diálogo que pudesse fomentar um entendimento sofisticado e qualitativo de seus pontos de partida e razões de chegada.

No entanto, a proposição que foi possível, dentro da margem de prazo dessa dissertação permanece no “e se”. Funcionando nessa dissertação como uma peça de um quebra-cabeça que precisou ser revisitado, destrinchado através de memórias e do que foi produzido até então. As motivações que busquei elaborar aqui se constituem reflexões para outras frentes e, talvez com muita sorte, demonstre uma ótica alargada do tumulto de desenvolver uma pesquisa etnográfica em instituições de saúde. Algo que beira o impraticável em um tempo de mestrado. Talvez, com otimismo, também haja uma leitura atenta por pesquisadores em início de carreira que tenham a pretensão — por mais que encarada com ceticismo — de desenvolver uma observação participante em meandros institucionais de saúde.

Desta maneira, na falta de atualizações pretendidas na sala de espera, com alguns esboços de observações desenhadas e não participantes, permaneceram as complexidades de uma pesquisa que se estendeu num espaço-tempo desafiando a linearidade histórico-ocidental, estando cravada na minha construção subjetiva enquanto pesquisador e nesta presente dissertação no domínio das Ciências Sociais, sob o viés da Antropologia Visual e do desenhar-conhecer para construção de conhecimento.

Desta maneira, afinal, entendi que o campo para um antropólogo pode estar além de um planejamento localizado num período temporal e localização geográfica. Desfazendo da teimosia e me abrindo para enxergar outras modalidades de manifestação da formação acadêmica e da experiência intersubjetiva como parte de um campo que nunca pode se fechar em si.

Esse conhecimento construído, tanto a partir das memórias, como em locais que fogem da demarcação do campo original, demonstrou interfaces que são possíveis e desafiadoras da construção artesanal de pesquisa. Sobretudo sob o domínio de modalidades metodológicas que

fogem das corriqueiramente difundidas, como uma etnografia com desenhos, além de posições dialógicas que favorecem ou dificultam uma relação interdisciplinar.

Além de ter demorado para ter autorização institucional por minha origem ser de um programa externo, em Ciências Sociais, eu não consegui aprovação dos comitês de ética a tempo. Sem as devidas burocracias resolvidas, o que eu poderia desenvolver, de fato, em minha pesquisa? Para sair desse buraco, em que as dúvidas começaram a tomar protagonismo e a imersão etnográfica na sala de espera já era dada como impossibilitada pelo tempo, tive que considerar outras possibilidades.

Minha reação de constantemente buscar, a todo custo, solucionar problemas (como se minha pesquisa só pudesse tomar forma apenas dentro dos limites desse planejamento), passou a motivar, mesmo que com o emocional e disposição abalados, a abrir um leque de observação descentralizando esse campo único, ou melhor dizendo, essa única forma de me enxergar enquanto antropólogo. Enquanto corria para alinhar o projeto às demandas burocráticas, acabei me envolvendo em trabalhos que poderiam, afinal, ter sido incorporados como parte do que eu buscava – embora saindo da lógica original de pensar relações em saúde.

Antes de retomar esses trabalhos nessa dissertação, que minha dissertação sirva de alerta: sempre que possível, especialmente ao pretender algo experimental, é preciso dar três passos para trás e compreender, dialogar e ampliar se é viável abraçar os desafios. Observando os passos, o campo teórico e disciplinar que se está dialogando, onde se quer atravessar e os resultados pretendidos. Dois anos passam extremamente rápido e, nessa maratona, infelizmente, o cunho exploratório e o interpessoal acabam ficando sufocados.

Acima de tudo, a exploração que precisa ser feita envolve diretamente o esforço de compreender o que significa fazer etnografia hoje, fazer antropologia, fazer ciência. Por que há legitimação de um lado, mas posições reticentes do outro? O que há de peculiar na antropologia visual e no desenho nesse processo? E por que a tentativa de construir uma etnografia em uma sala de espera de um centro de saúde parecia, para mim, uma progressão orgânica da experiência acadêmica, mas revelou-se como nadar contra a corrente de uma divisão sistêmica do conhecimento? Afinal, como pode um trabalho ser útil em determinado contexto, com capacidades e disposições instrumentalizadas para determinados fins, mas a progressão de interesse de pesquisa,

com moldes bem parecidos, gerar tanta desconfiança e descrença? A partir do momento em que me é retirado o “jaleco” da equipe interdisciplinar, meu trabalho antropológico já não tem o mesmo fôlego. Nessa dissertação, considerei que mesmo sendo um desencontro de interesses institucionais a questão mais pulsante, as disposições disciplinares e as divisões de sociais de trabalho concorrem para complexificar essa disparidade.

Considerei, portanto, interessante manifestar alguns dos passos e, propositalmente, o desenvolver de um movimento interdisciplinar, ao propor uma etnografia desenhada (por minha parte) e desenhável (por parte de quem eu interagisse) na sala de espera, de forma imaginada relacionando-se com o que foi possível no desdobramento da atividade com os estudantes da Rural. Enfatizando que seria desejável uma relação mais complexa e cambiável no ambulatório, se assim fosse possível mediante a burocracia ética, com quem estava naquele espaço, bem como uma orientação dinâmica para pensar em suas trajetórias até chegar ali.

A prerrogativa da atividade ter sido na sala de aula, com a esperança de ser transposta para outros âmbitos de pesquisa, marca a experiência e disposição de participação de forma inegável, em alguma medida facilitando interações de pesquisa, o que impacta nos resultados de uma observação e construção de desenhos etnográficos. Fora desse espaço, o desafio estaria não no cerne metodológico, por assim dizer, cujos elementos de transposição de informações tem as potências relatadas. O desafio, a meu ver, reside no desenvolvimento de vínculos e engajamentos de pesquisa em outros espaços institucionais onde o interesse por uma proposta tal como uma atividade de pesquisa que sai do lugar comum dos questionários e *survey*, abarcando as manifestações holísticas e artísticas --- mesmo que para fins “científicos” --- poderia não interessar à primeira vista. A formação de um “grupo” de interlocutores, respeitando as diferenças óbvias entre os espaços, teria que estar orientada por uma abordagem mais atraente para os próprios participantes, com autorizações e possíveis reforços institucionais, mas também, evidentemente, com o aval (mesmo que cético) dos comitês de ética.

Se por um lado, dentro da seara clínica e atendimento à saúde mental, a etnografia visual com desenhos pode agregar na observação e interlocução com usuários de um ambulatório, como foi percebido nos relatos do projeto com as famílias, sem a denominação interdisciplinar e partindo de forma autônoma em um programa de ciências sociais, a resistência da instituição no trabalho que mantinha uma “composição metodológica” análoga, embora partindo de nuances

epistemológicas de outras frentes, surge de forma evidente, dificultando o processo de concretização de um campo. Retomo, desta forma, que o tempo para a resolução de tais questões é incompatível com uma pesquisa de mestrado. Enfrentei negações e confusões para compreender essa dimensão difícil.

Considerando que eu conseguisse a autorização sem tanta demora, ainda assim, é de se considerar sintomático que os parâmetros para “traduzir” a intenção de uma etnografia para preencher lacunas na Plataforma Brasil sejam penosos e modifiquem todo o caráter da pesquisa. Além de movimentar antecipações e preocupações de atender uma linguagem que descaracteriza a posição antropológica de inserção no campo.

Embora eu concorde que os comitês de ética se constituam enquanto uma composição e modulação legítima para preservar a integridade dos participantes e interlocutores, esta ainda está em dimensões comunicativas incompatíveis com o trabalho antropológico e com o tempo de realização de uma pesquisa de mestrado e as modificações recentes só tendem a piorar essa relação de legitimação “ética” e “burocrática” para a pesquisa que envolve diretamente seres humanos — especialmente em instituições de saúde.

Tais relações e modificações não foram o foco de discussão dessa dissertação e tampouco são exclusivas da minha experiência, mas colaboram para as considerações sobre a posição em que estive submetido de ter que desfazer minha noção de início, meio e fim de um trabalho de campo de pesquisa. O debate que gostaria de propor nessa dissertação, reside por outro lado, sobre as lacunas e tensões entre as cadeiras disciplinares, incluindo as que geraram as questões acima citadas na apreciação ética do meu campo pretendido e na compreensão do meu trabalho com desenhos.

Não acredito que essas lacunas fomentariam uma discussão exclusivamente teórica, uma vez que foram fruto de percepções sentidas em campo, das quais estive envolvido direta ou indiretamente. O que destaco, desta maneira, e o que se tornou o miolo da minha pesquisa, portanto, é a abertura de experiências de trabalho com desenhos em campo. Ou melhor, em múltiplos campos. E como isso delineia diferentes movimentações e relações nas linhas de pesquisa com desenhos.

Sem a peculiaridade do desenho, e mesmo tocando uma etnografia somente escrita, no fim, continuaremos ainda com muitas dificuldades de inserir antropólogos e antropólogas em movimentos de pesquisa de maneira autônoma, especialmente em instituições de saúde. Cada negociação para que isso se concretize não poderá ofertar sobremaneira qualquer forma de instrução mais objetiva para outros pesquisadores que desejam construir campos parecidos. Conversando com colegas e professores, percebo que cada vez mais estamos enxergando a etnografia e observação participante como um movimento descabido dentro da pós-graduação, para defender uma dissertação ou uma tese. Os documentos e dados públicos tem ganhado mais tração como orientação possível. Outras formas de inserção coletiva que garantem um trabalho integrado, como eu tive no projeto com famílias e crianças, também podem trazer essa aproximação do que poderia ser uma etnografia pretendida – sobretudo dentro da seara clínica.

Logo, as fronteiras entre a esfera da saúde e da antropologia se constituem ainda de disputas institucionais, metodológicas e epistêmicas, mas de desejos de complementaridade em trabalhos que se preocupam em transpassar tais beligerâncias e alguns melindres – buscando novas linguagens, interesses e atenções. A interdisciplinaridade, neste modo, entra não apenas como um catalisador de soluções e orientações que promovem “novidade” e “frescor” nos trabalhos de pesquisadores, mas como um dos principais (e às vezes únicos) apoios possíveis para que o pesquisador não dê de cara na porta – ou então passe um tempo prolongado tentando abrir, sem sucesso.

Para uma pesquisa que se constrói com desenhos, a interdisciplinaridade procura subverter a lógica metodológica estanque e as disposições que separam o cientificismo das articulações artísticas na produção intelectual. Se no campo da saúde, a antropologia considera principalmente fatores holísticos para pensar o corpo e a pessoa, suas perturbações e sofrimento, numa pesquisa com confecções gráficas (desenhos), o corpo enquanto produtor de conhecimento, por bases artísticas e antropológicas, pode constituir uma ferramenta poderosa. Através da visualidade, sensorialidade e do movimento das mãos e de outras partes do corpo que desenham, não apenas são produzidos registros vívidos e engajados fruto de uma observação comprometida e etnográfica, mas também se constrói uma fonte generosa e democrática de interações com diferentes tipos de interlocutores.

Com isso posto, e apesar de muito ter sido dito, talvez ainda não existam palavras definitivas ou desenhos que ilustrem suficientemente o desenrolar do meu processo de trabalho — e talvez nem seja o caso de procurá-las com pressa, sendo esse um exercício em continuidade. O que ficou da experiência de pesquisa não cabe apenas em conceitos ou métodos, mas em gestos, em imagens que continuam reverberando, em perguntas que não se calam. Afinal, quando se habita as frestas entre arte e ciência, entre formatação metodológica e desenvolvimento empírico, seria mesmo possível sair ileso e mobilizar algo definitivo? Ou mais ainda: será que deveríamos querer sair ileso de algum desses processos? Talvez menos do que produzir definições, seja interessante investir nas aberturas e nas quebras de paradigmas. Uma linha por vez. Uma cor a cada instante.

## **Referências bibliográficas**

- Afonso, Ana e Ramos, João. New graphics for old stories: representation of local memories through drawings. In Working Images: Visual Research and Representation in Ethnography, organizado por S. Pink, L. Kürti e A. I. Afonso. London/New York: Routledge, p. 72-89, p. 78, 2004.
- Alves, Paulo César; MINAYO, Maria Cecilia de Souza *Minayo* (org.). *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.
- Appadurai, A. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- Aureliano, Waleska de Araújo. Da palavra indizível ao corpo revelado: narrativas imagéticas sobre o câncer de mama. In: Clarice Peixoto; Barbara Copque. (Org.). Etnografias visuais: análises contemporâneas. 1ed.Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2015, v. p. 71-96.
- Azevedo, Aina. *AZEVEDO* (NAVIS/UFRN), *Aina. Desenhos na África do Sul*” “ desenhar para ver, para dizer e para sentir. Pós - Revista Brasiliense de em Ciências Sociais, *[S. l.]*, v. 13, n. 2, 2014.
- Azevedo, Aina. Desenho e Antropologia: recuperação histórica e momento atual. *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 5, nº 2/2016, pag. 15-32
- Azevedo, Aina. De uma trajetória desenhada às experimentações etnográficas. *Revista de Antropologia da UFSCar*, v. 12, n. 2, p. 27-44, 2020.
- Ballard, Chris. To cite this article: Chris Ballard (2013): The Return of the Past: On Drawing and Dialogic History, *The Asia Pacific Journal of Anthropology*, 14:2, 136-148
- Baumgartner, Mariana. Entre Imagens E O Processo De Fazer Ver: Pesquisa Sobre Os Desenhos Figurativos Mebengokré-Xikrin Do Acervo Lux Vidal. *GIS - Gesto, Imagem e Som*. São Paulo, v. 8, e-194543, 2023.
- Becker, Howard S. Mundos artísticos e tipos sociais. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Arte e Sociedade: Ensaios de sociologia da arte*. [s.l.]: Zahar Editores, 1977, p. 9–26.
- Borba, Mario Pereira. Entre produtividades, compassos e dispersões: mobilizações de atenção e cuidado no cotidiano escolar. 2019. 264 f. Tese.
- Calil, Thiago Godoi. «Relatos e imagens da cracolândia: modos de vida e resistência na rua», *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 5, no 2 | -1, 91-102.
- Canesqui, Ana Maria. *Ciências Sociais e Saúde no Brasil: Três Décadas de Ensino e Pesquisa*.

Ciência & Saúde Coletiva [online]. v. 3, n. 1, 1998.

Caprara, Andrea e Landim, Lucyla Paes. Etnografia: uso, potencialidades e limites na pesquisa em saúde. Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online] 12(25), 2008 Etnografia: uso, potencialidades e limites na pesquisa em saúde. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, vol. 12, núm. 25, abril-junho, pp. 363-376. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil, 2008.

Cardoso de Oliveira, Luís R. 2018. “O oficio Do antropólogo, Ou Como Desvendar Evidências simbólicas”. *Anuário Antropológico* 32 (1):9-30. <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6944>.

Carneiro, Teresa. Desenhar o olhar sobre o mundo. In: Catálogo de Exposição Diários Gráficos em Almada. Almada: Câmara Municipal/Museu da Cidade. pp. 10-13, 2011.

Causey, Andrew. Drawn to see. Drawing as an ethnographic method. University of Toronto Press, Canadá, 2017.

Clifford, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

Csordas, Thomas. Corpo, significado, cura. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; 2008.

Braga, N.A. Redes Sociais de Suporte e Humanização dos Cuidados em Saúde. In: DESLANDES, S.F., comp. Humanização dos cuidados em saúde: conceitos, dilemas e práticas [online]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006, pp. 163-183.

Duarte, Luiz Fernando Dias. A outra saúde: mental, psicossocial, físico-moral? In: ALVES, P. C.; MINAYO, M. C. (Ed.). Saúde e doença: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.

Duarte, Luiz Fernando Dias A pulsão romântica e as ciências humanas no Ocidente. Revista brasileira de ciências sociais, v.19, p. 5-18, Editora Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais-ANPOCS, 2004.

Duarte, Luiz Fernando Dias. A ética em pesquisa nas ciências humanas e o imperialismo bioético no Brasil. Revista Brasileira de Sociologia. v. 3 n. 5 (2015): janeiro-junho | Comitês de Ética em Pesquisa: caminhos e descaminhos teórico-metodológicos.

Duarte, Luiz Fernando Dias; Leal, Ondina Fachel (org.). *Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1998. Editora FioCruz, Rio de Janeiro.

Falcão, Hully Guedes. (2023) O Sistema CEP/Conep e as pesquisas em ciências humanas e sociais: outras éticas, outras semânticas. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde*, 17(3). <https://doi.org/10.29397/reciis.v17i3.3893>

Favret-Saada, Jeanne. Ser Afetado. Revista Cadernos de Campo, n13 155-161, 2005

Ferreira, Jaqueline Teresinha. Participação na mesa redonda Etnografias em serviços de saúde: perspectivas atuais e futuras nas pesquisas sobre o processo saúde e adoecimento, 34<sup>a</sup> RBA, Belo Horizonte, 2024

Ferreira, Jaqueline; Brandão, Elaine Reis (Orgs.). Reflexividade na pesquisa antropológica em Saúde: Desafios e contribuições para a formação de novos pesquisadores. Brasília: Luciana Lins Camello Galvão, 2020.

Ferreira, Jaqueline e Fleischer, Soraya. Etnografias em serviços de saúde. 2014. Garamond, Rio de Janeiro.

Fonseca, Claudia. Olhares antropológicos sobre a família contemporânea. In: ALTHOFF, Coleta RInaldi; ELSEN, Ingrid; NITSCHKE, Rosane (Orgs.). Pesquisando a família: olhares contemporâneos. Florianópolis, SC: Papa-livro editora, 2002.

Foote-Whyte, William. Sociedade de esquina. A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 2005

Gama, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. Anuário Antropológico, 2020

Giovanni, Julia Ruiz Di. «Artes de abrir espaço. Apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo», *Cadernos de Arte e Antropologia* [online], Vol. 4, no 2 | 2015, posto online no dia 01 outubro 2015, consultado o 12 fevereiro 2025. URL: <http://journals.openedition.org/cadernosaa/911>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.911>

Gonçalves, Beatriz Soares. «A cidade e as crianças: desenhos e caminhos a partir do Morro do Estado (Niterói, RJ)», *Horizontes Antropológicos* [Online], 60 | 2021, posto online no dia 12 agosto 2021, consultado o 13 fevereiro 2025. URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/5485>

Gupta, Akhil & Ferguson, James. Beyond "Culture": Space, Identity, and the Politics of Difference. *Cultural Anthropology*, Vol. 7, No. 1, Space, Identity, and the Politics of Difference (Feb. 1992), pp. 6-23.

Gupta, Akhil & Ferguson, James (1997). *Discipline and Practice: "The Field" as Site, Method, and Location in Anthropology*. In: Gupta, Akhil & Ferguson, James. *Anthropological locations: boundaries and grounds of a field of science*. University of California Press. Berkeley and Los Angeles, California.

Harayama, Rui Massato. Os novos desafios da etnografia: Para além da resolução n° 510/2016. Revista Mundaú. n. 2 (2017): Desafios e Dilemas da Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas Desafios

e Dilemas da Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas.

Heinich, Nathalie. *La gloire de Van Gogh. Essai d'Anthropologie de l'Admiration*. Les Éditions de Minuit, Paris, 1991.

Ingold, Tim. Estar vivo. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2015.

Kuschnir, Karina. Desenhar para conhecer: desenhando cidades, Seminário Conversas de Pesquisa – Departamento de Antropologia Cultural, DAC/IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

Kuschnir, Karina. Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa, Cadernos de Arte e Antropologia. Vol. 3, no 2. 2014.

Kuschnir, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. Cadernos de Arte e Antropologia, vol. 05: 05-13, 2016.

Kuschnir, Karina. 2019. Desenho etnográfico: Onze benefícios de usar um diário gráfico no trabalho de campo. Pensata: Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNIFESP, v. 7, n.1, p. 328-369

Lagrou, Elsje Maria. Antropologia e Arte: uma relação de amor e ódio. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 093–113, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15360>. Acesso em: 12 fev. 2025.

Lagrou, Elsje Maria. Arte Indígena no Brasil: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: C/ Arte. 127p., 2009.

Lagrou, Elsje e Toniol, Rodrigo. Escrever é como uma conversa com os espíritos: entrevista com Michael Taussig. Sociologia & Antropologia, Volume: 13, Número: 3, 2023

Latour, Bruno e Woolgar, Steve. A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos. Editora Relume Dumará, Rio de Janeiro. 1997

Leite, Miriam Lifchitz Moreira. 'Texto visual e texto verbal. Revista Catarinense de História Florianópolis, UFSC, v. 5, p. 67-85, 1999.

Magnani, José Guilherme Cantor. (1992). Tribos urbanas: metáfora ou categoria?. *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*, 2(2), 48-51. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v2i2p48-51>

Magnani, José Guilherme Cantor. *Os circuitos dos jovens urbanos. Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 2. Novembro de 2005. pp. 173-205

Malinowski, Bronislaw. "Introdução". In: Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Olivar, José Miguel Nieto. Dibujando putas: reflexiones de una experiencia etnográfica con

apariciones fenomenológicas Revista Chilena de Antropología Visual - número 10 - Santiago, diciembre 2007 - 54/84 pp.

Pereira, Luena Nascimento Nunes. Alteridade e raça entre África e Brasil: branquidade e descentramentos nas ciências sociais brasileiras. **Revista de Antropologia**, v. 63, n. 2, 2020.

Pimentel, Á. A. Atitude etnográfica na sala de aula. Revista de Estudos Antiutilitaristas e Poscolonias, Recife, v. 4, n. 2, p. 49-72, 2014. PITER, Matheus [et al] Repertório de brincadeiras, repertórios de vida: modos de brincar no âmbito do atendimento em saúde. RIO DE JANEIRO, RJ: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, 2024.

Ramos, Manuel João. Drawing the lines. The limitations of intercultural ekphrasis.

Reinheimer, Patrícia. Cândido Portinari e Mário Pedrosa: uma leitura antropológica do embate entre figuração e abstração no Brasil / Patrícia Reinheimer. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

Reinheimer, Patricia, Nathanael Araujo, Annelise Fernandez, Rachel de Lima e Paulo Victor Dias (orgs). 2023. Desenhando coisas e afetos: a casa que construímos, a casa que nos constrói. 1. ed. -- Florianópolis, SC: Enunciado Publicações.

Reinheimer, Patricia e Kuschnir, Karina. Vamos desenhar? desenho como recurso etnográfico e expressivo [recurso eletrônico] / [organização] Patricia Reinheimer, Karina Kuschnir. - Seropédica: UFRRJ, 2024.

Russo, Jane Araújo e Carrara, Sérgio Luis. Sobre as ciências sociais na Saúde Coletiva - com especial referência à Antropologia. Temas Livres • Physis 25 (2) • Apr-Jun 2015.

Sato, Mariana e Ayres, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Arte e humanização das práticas de saúde em uma Unidade Básica. Interface – Comunicação, Saúde, Educação. Dossiê • Interface (Botucatu) 19 (55) • Oct-Dec 2015

Simmel, Georg. SIMMEL, Georg. A Moldura. Um ensaio estético. In: VILLAS BÔAS, Gláucia; OELZE, Berthold (orgs.). Georg Simmel: Arte e Vida Social. Ensaios de estética sociológica. São Paulo: Hucitec Editora, 2016.

Taussig, Michael T. 2011. I Swear I Saw This: Drawings in Fieldwork Notebooks, Namely My Own. Chicago: University of Chicago Press.

Turner, Victor. (1982). *From ritual to theatre: the human seriousness of the play* Nova York: PAJ Publications.

Velame, João Vitor. Fazer-cidade-em-rodas: uma (etno)grafia desenhada em um mercado público em João Pessoa-PB. Revista Mundaú, 235–265-235–265, 2023

Velho, Gilberto. “Antropologia urbana: encontro de tradições e novas perspectivas”. In:

*Sociologia, Problemas e Práticas*. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES), Lisboa, n.59, janeiro a abril, 2009

Velho, Gilberto. "Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas". In: *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.

Weiner, James F. (introduction); MORPHY, Howard (for the notion 1); OVERING, Joanna (against the notion 1); COOTE, Jeremy (for the notion 2); GOW, Peter (against the notion 2). 1993 debate. Aesthetics is a cross-cultural category in INGOLD, Tim (ed.) *Key debates in Anthropology*. London, Routledge, 1996.

Young, Allan 1982 'The anthropologies of illness and sickness'. *Annual Revue Anthropologie*, n<sup>o</sup> 11, pp. 257-85.